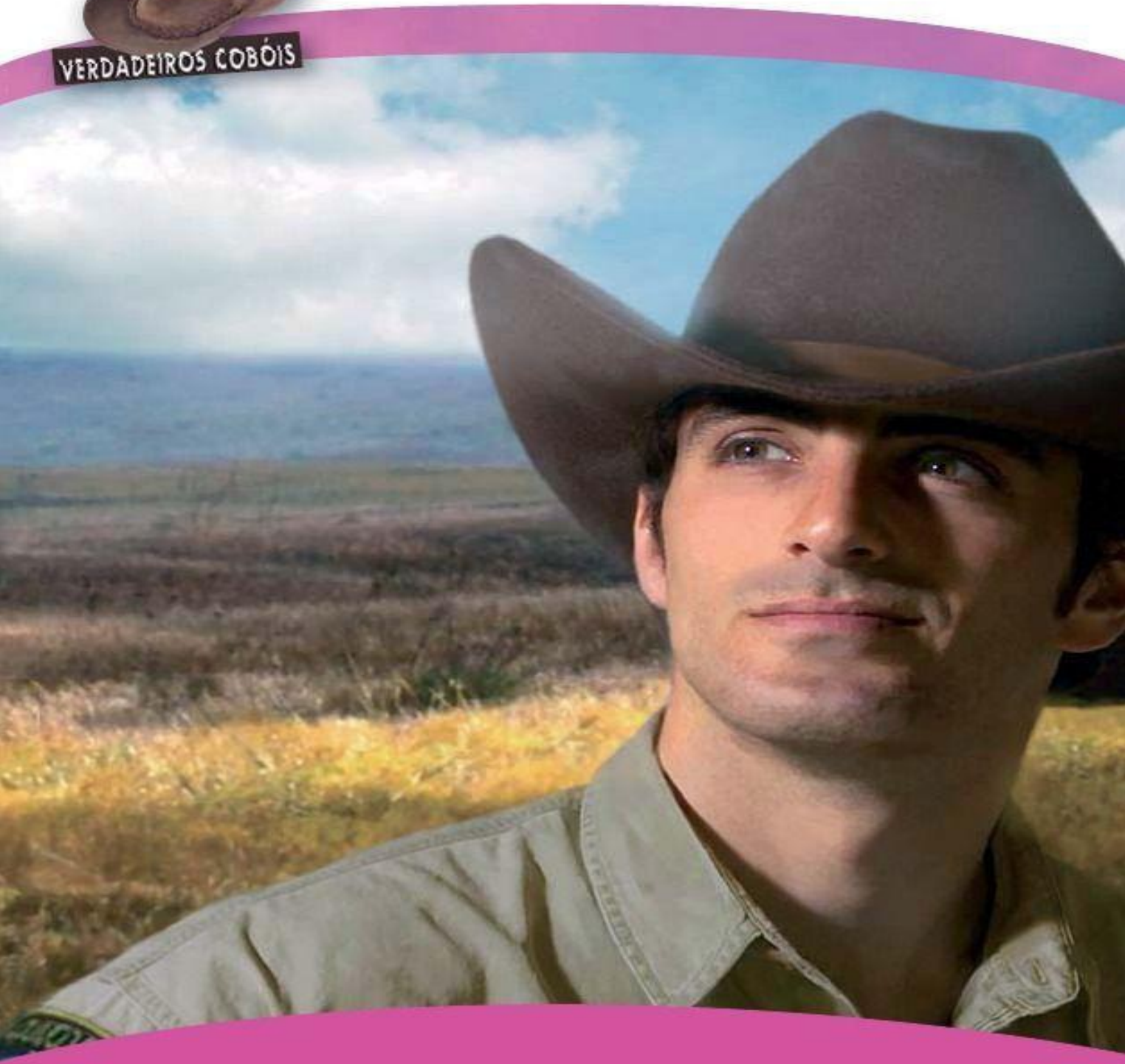
Harlequin®

Bianca®

VERDADEIROS COBÓIS



Amor profundo

Patricia Thayer

Editados por HARLEQUIN IBÉRICA, S.A.

© 2010 Patricia Wright. Todos os direitos reservados.
AMOR PROFUNDO, N.º 1308 - Janeiro 2012
Título original: The No. 1 Sheriff in Texas
Publicado originalmente por Mills & Boon®, Ltd., Londres.
Publicado em portugués em 2012

Todos os direitos, incluindo os de reprodução total ou parcial, são

reservados. Esta edição foi publicada com a autorização de Harlequin Enterprises II BV.
Todas as personagens deste livro são fictícias. Qualquer semelhança com alguma pessoa, viva ou morta, é pura coincidência.
® Harlequin, logotipo Harlequin e Bianca são marcas registadas por Harlequin Books S.A.
® e ™ São marcas registadas pela Harlequin Enterprises Limited e suas filiais, utilizadas com licença. As marcas que têm ® estão

registadas na Oficina Española de Patentes y Marcas e noutros países.

I.S.B.N.: 978-84-9010-628-0
Editor responsável: Luis Pugni

ePub: Publidisa

Capítulo 1

Brandon Randell estava sentado na cafetaria e brincava com a sua chávena de café, para evitar olhar para o seu pai do outro lado da mesa. Ultimamente, nem sequer conseguiam partilhar uma refeição sem puxar sempre o mesmo

assunto. A mesma discussão. E Brandon não podia dizer-lhe o que queria ouvir.

– Não tenho a certeza de querer assumir a direção do rancho.

– Bom, filho, quando pensas que saberás?

Odiava que o chateasse com aquele assunto... Constantemente. Olhou para os olhos penetrantes e escuros do seu pai. Apesar de ter cinquenta e muitos anos, parecia muito mais jovem. Continuava a ser um homem grande e imponente, já

que os anos de trabalho físico o tinham mantido em grande forma. Alguns cabelos grisalhos misturavam-se com o cabelo preto como o carvão e as rugas à volta dos olhos eram a única diferença que tinha visto nele nos últimos vinte e cinco anos. Desde o dia em que Cade Randell tinha entrado na sua vida para o reclamar como filho.

Brandon recostou-se no banco e, de repente, sentiu o peso súbito do seu revólver, recordando-lhe a responsabilidade que tinha para

com as pessoas de Tom Green County, no Texas. Mal tivera tempo para jantar naquela noite.

Tinha esperado que a pressão de continuar o negócio rancheiro da família tivesse acalmado quando, dez anos antes, os seus primos Luke e Brady Randell tinham regressado ao vale e ajudado a formar a Randell Corporation.

– Tenho compromissos, papá – hesitou, antes de continuar: – Esta é minha última semana de patrulha. Na segunda-feira, começo como

detetive.

Cade pestanejou, mas disfarçou imediatamente a sua surpresa.

– E quando é que isso aconteceu?

– Fiquei a saber esta manhã. Não queria falar da promoção à mamã nem a ti até ter a certeza de que era uma coisa consumada.

– Bom, parabéns, filho! Sempre nos orgulhámos do trabalho que fazias no departamento do xerife – esboçou um sorriso. – E a tua mãe alegrar-se-á por deixares de

patrulhar.

– Obrigado, papá. Isso significa muito para mim.

O pai voltou a assentir.

– Mais um motivo para resolver esta situação. Também tens um compromisso para com a família. O teu avô deixou-te o rancho – recalcou. – Eu estive a dirigi-lo com o teu irmão, mas tens mais de trinta anos, filho. Deverias tomar-lhe as rédeas ou vendê-lo.

Bolas, ainda mais pressão! Bom, ele era o mais velho. A geração

seguinte dos Randell.

– Vender parte de Mustang Valley? Não há uma lei contra isso na família? – começou a brincar, mas o seu pai não mostrou sinal algum de humor.

– Brinca à vontade, mas, desde o teu último aniversário, és legalmente o proprietário das terras onde se ergue Randell Guest Ranch e das pastagens onde se alimenta o gado. Não é justo pedir ao teu irmão que dirija as coisas sozinho. Esteve a trabalhar como capataz. Deves

tomar uma decisão, Brand.

Antes que pudesse responder, o seu rádio apitou.

– Há um possível 10-14 em progresso – anunciou o operador pela rádio. – Necessita-se de um agente na Burch e Maple, no estacionamento do hospital de West Hills.

Levantou-se.

– Tenho de ir – atravessou a porta e correu para o carro-patrulha antes que o seu pai pudesse falar.

Afastou tudo da sua cabeça.

Naquele momento, só existia o seu trabalho.

Tinha-a encontrado.

Nora Donnelly tentou respirar, mas o medo paralisava-a. Não lhe serviria de nada lutar, dada a força do homem que a encurralara contra o carro no estacionamento tenuemente iluminado.

– Pensavas que conseguirias livrar-te, não é? – sussurrou-lhe o atacante, com dureza, ao ouvido. – Bom, já te apanhei.

– Por... Por favor, não me faça mal – suplicou, pensando no seu filho Zach. Quem cuidaria dele? – Leve o que quiser. Não tenho muito dinheiro comigo, mas posso arranjar-lhe qualquer coisa.

Os dedos apertaram-na com mais força.

– É bom ouvir-te a suplicar. Não quero o teu dinheiro, mas vais pagar pelo que fizeste.

Obrigou-a a virar-se. Enfrentou o homem grande que diminuía o seu metro e sessenta e dois de altura.

Não o reconheceu, mas isso não significava que não o tivessem mandado atrás dela.

Não teve oportunidade de reagir antes de o homem lhe bater com as costas da mão. A dor surpreendeu-a enquanto caía ao chão. Ele agachou-se sobre ela, prendendo-a contra o asfalto. Gritou num afã desesperado de o repelir. Não parou de se contorcer, até que lhe agarrou um braço e lho dobrou atrás das costas. Gritou outra vez.

Sentou-se sobre as suas costas e

encostou-lhe a cabeça ao chão. Nora lutou contra a dor.

– Já chamei a tua atenção agora? – resmungou o homem.

– Por favor... – sussurrou, sentindo que as mãos do homem se mexiam sobre ela.

Então, ouviu-se o som distante de uma sirene. O atacante praguejou.

– Ainda não acabei contigo – levantou-se e desapareceu.

Combatendo a dor, Nora endireitou-se com muita

dificuldade e procurou a sua mala. Tinha de sair dali.

Foi nesse momento que a sirene se desligou e ouviu os passos. Levantou o olhar para uma sombra grande.

– Por favor, vá-se embora. Deixe-me em paz.

– Senhora, sou o agente Randell, do departamento do xerife.

Na escuridão, viu o distintivo que usava ao peito.

Nora sempre conseguira manter a serenidade e a compostura. Era

necessário para proteger o seu filho. Mas, de repente, a cabeça começou a doer-lhe e fechou os olhos devido à dor. Sentiu os braços do agente a segurarem-na.

– Por favor... Não pode voltar a encontrar-me. Não deixe que volte a encontrar-me.

– Não se preocupe, já está a salvo.

Quis acreditar naquelas palavras tranquilizadoras, mas sabia que ninguém conseguiria mantê-la a salvo.

Brandon agarrara a mulher antes que caísse ao chão. Solicitou ajuda e esperou que chegasse.

«Não deixe que volte a encontrar-me.» Recordou as palavras enquanto lhe afastava o cabelo escuro da cara. Inclusive na penumbra, podia ver que era jovem e bonita. A maioria das vítimas de abusos era-o antes de um homem lhes pôr as mãos em cima. Deveria dizer «punhos».

Respirou fundo para afastar as lembranças da sua infância e do que

a sua mãe tinha sofrido até, finalmente, abandonar o homem que abusava dela: Joel Garson.

– Está a salvo – assegurou à mulher. Ela gemeu e virou a cabeça para o seu peito. Invadiu-o uma sensação estranha ao ver o arranhão ao longo do maxilar e o sangue. – Vai ficar bem – repetiu, tranquilizando-a.

– Zach... – sussurrou ela, com lágrimas nos olhos. – Oh, Zach, lamento imenso...

Ele perguntou-se se seria o tipo

que lhe tinha batido.

Ouviu passos, levantou o olhar e viu as pessoas que corriam para eles.

– Aqui! – chamou ao pegar na mulher ao colo para a levar até à maca. Depositou-a sobre a superfície acolchoada e ia afastar-se quando a mulher abriu os olhos. Ela sobressaltou-se e pôde ver medo nos seus olhos.

– Obrigada – conseguiu murmurar ela, enquanto uma enfermeira a cobria com uma

manta para a proteger do fresco do outono.

Antes que ele pudesse responder-lhe, a enfermeira adiantou-se:

– Nora – murmurou. – Oh, Nora... O que aconteceu?

– Vamos levá-la para dentro – disse alguém. Brandon poderia ter seguido a vítima, mas, naquele momento, parou outro carro-patrulha e dele saiu o agente novato, Jason Griggs.

– Não conseguimos encontrar ninguém – informou.

– Delimitaram a zona?

Regressaram juntos ao local da agressão.

– Sim, os seguranças fecharam todas as saídas e estamos a verificar a identidade dos presentes. Mas não sabemos quem procuramos – Griggs assinalou com a cabeça a maca que naquele momento atravessava as portas do centro médico. – A vítima está bem?

– Foi maltratada, mas está consciente – descobriu que queria verificá-lo pessoalmente. Iluminou

o chão com a sua lanterna, encontrou em seguida a mala abandonada e viu a carteira ainda lá dentro, juntamente com as chaves do carro.

Abriu-a e leu a carta de condução.

– Nora Donnelly teve sorte por alguém ter visto o homem que a agrediu.

Griggs também começou a revistar a zona.

– Se o sujeito queria dinheiro, porque não fugiu com a mala?

Reteve-a muito mais tempo do que o necessário... A menos que nos seus planos figurasse uma agressão sexual.

Brandon não conseguia tirar da cabeça as palavras da vítima. Tinha-lhe suplicado que não deixasse que voltasse a encontrá-la. A seguir, tinha sussurrado o nome «Zach». Olhou para o hospital.

– Acho que vou ver se a menina Donnelly está bem para responder a algumas perguntas. Talvez nos proporcione uma descrição.

Jason assentiu, enquanto Brandon se afastava. Experimentava uma sensação estranha. Quando um homem usava uma mulher como saco de boxe, o mais provável era que se tratasse de algo pessoal. O agressor conheceria Nora Donnelly? Seria Zach um marido ou um amante?

Assim que atravessou as portas automáticas, foi até à receção, onde se encontrou com uma mulher magra de meia-idade.

– Foi o agente que salvou Nora?

Assentiu.

– Devo supor que ela trabalha aqui?

– Sim, é enfermeira – explicou a rececionista. – Acabava de terminar o seu turno... – suspirou, com expressão preocupada. – Sabia que aquele estacionamento não era seguro. Têm de pôr mais luzes.

– Não seria mau. Já tinha havido algum problema?

A mulher abanou a cabeça.

– Não, mas ainda não apanharam aquele homem. Continua solto.

– Então, certifiquem-se de que o segurança vos acompanha à noite. Pelo menos, até que encontremos o sujeito. Poderia dizer-me, por favor, para onde levaram a menina Donnelly?

– É senhora... Nora é viúva e tem um filho lindo – sorriu, embora a expressão se tivesse desvanecido lentamente. – Foi uma pena que perdesse o seu marido tão jovem.

De modo que o agressor não era o seu marido. Um namorado? Possivelmente. Abanou a cabeça.

Devia deixar de especular e falar com Nora Donnelly.

– Para onde a levaram?

– Para a sala 4. Neste momento, o médico está a examiná-la.

– Obrigado – disse-lhe.

– Não, eu é que lhe agradeço... – inclinou-se para a frente para ler a sua placa de identificação, – agente Randell.

– Alegro-me por ter chegado a tempo – partiu na direção indicada. O instinto dizia-lhe que havia mais alguma coisa no incidente do que

uma tentativa de assalto. O tipo que a tinha atacado queria castigá-la, fazer-lhe mal.

Parou diante da porta fechada da sala. Sentou-se e esperou, tomando notas do incidente e contactando a esquadra da polícia. Passaram vinte minutos, até que uma enfermeira saiu. Então, aproximou-se da porta aberta e viu Nora Donnelly sentada na cama. Ainda havia um médico e outra enfermeira ao seu lado. Quando o médico lhe disse alguma coisa, ofereceu-lhe um sorriso

choroso e Brandon sentiu falta de ar.

À luz, pôde vê-la bem. Tinha um rosto em forma de coração, no que sobressaíam uns olhos cor de safira. O cabelo quase preto-azeviche caía-lhe em ondas sobre os ombros. Centrou a atenção na sua boca, carnuda e bonita, em especial no lábio inferior sensual, que lhe deu ideias que não tinha o direito de ter naquele momento.

De repente, ela olhou na sua direção. Ele engoliu em seco e

conseguiu perguntar:

– Senhora Donnelly? Lembra-se de mim? Agente Randell – entrou, tentando mostrar autoridade enquanto a enfermeira se afastava.

Ela inclinou levemente a cabeça.

– Sim, agente, lembro-me de si. Ajudou-me. Obrigada.

Ele encolheu os ombros.

– É o meu trabalho. Creio que isto é seu – entre gou-lhe a mala.

Ela abraçou-a como se se tratasse de um escudo.

– Oh, obrigada...

Custou-lhe não a olhar fixamente. Era bonita, inclusive com o maxilar magoado e ligado. Outra imperfeição que a sua pele mostrava era uma cicatriz fina ao longo da sobrancelha.

Por fim, conseguiu desviar o olhar dela para se dirigir ao médico:

– Como está ela?

– Bem, tendo em conta a ligeira contusão. Tem alguns hematomas, mas espero que recupere por completo.

– Então, não se importa que lhe

faça algumas perguntas?

– Porque não mo pergunta a mim?

A voz suave e rouca de Nora Donnelly voltou a desviar a sua atenção para ela.

– Desculpe, senhora Donnelly. Importa-se de responder a algumas perguntas?

Quando o doutor Jenson e Gloria se despediram dela com a mão ao abandonarem a sala, Nora teve vontade de os chamar. Não queria falar, nem pensar na agressão. O

importante era o seu passo seguinte. E o que poderia fazer para que Zach e ela estivessem a salvo.

Levantou o olhar para o agente de expressão séria. Não partiria até obter algumas respostas.

– Não sei o que posso contar-lhe, agente.

– São só algumas perguntas – olhou-a nos olhos. – Conhecia o seu agressor?

Ela hesitou e Brandon viu-o imediatamente.

– Não – não era exatamente uma

mentira, já que não o tinha reconhecido.

– Pode descrevê-lo?

– Era grande, realmente grande – observou o agente. Era impossível não reparar nele. Olhos escuros e penetrantes, cabelo preto como o carvão e queixo quadrado.

– Muito maior do que você – tremeu ao recordar o corpo do homem colado ao seu.

– Caucasiano, hispânico, afro-americano?

– Caucasiano.

– Disse alguma coisa? – ela encolheu-se. – Senhora Donnelly – aproximou-se da cama. – Sei que é difícil, mas tudo o que disser poderá ser uma possível pista que nos ajudará a encontrá-lo.

Nora fechou os olhos. Sabia que não podia mentir... Não sobre aquilo.

– Disse: «Pensavas que conseguirias livrar-te» –abriu os olhos e viu que olhava para ela.

– É viúva, correto? – perguntou-lhe ele.

Ficou tensa, mas conseguiu assentir.

– Há dois anos.

Ele escreveu no seu bloco de notas.

– Poderia proporcionar-me uma lista dos seus amigos mais recentes?

– Não posso dar-lha – ao ver que ia insistir, deteve-o. – Desde a morte do meu marido, não houve ninguém na minha vida. Só o meu filho.

Custou-lhe a acreditar.

– Sem dúvida, terá havido homens que a convidaram para sair. Talvez alguém que não queria aceitar um «não» como resposta. Um colega de trabalho?

Nora endireitou-se mais.

– Sou uma profissional, agente. Não saio com ninguém com quem trabalho. Repito, não saio com ninguém. O tempo livre de que disponho, passo-o com o meu filho.

Estaria a proteger alguém?

– Quem é Zach?

Ela pestanejou, surpreendida.

– Porque o pergunta?

– Pronunciou o seu nome quando a encontrei.

– É o meu filho.

Ele assentiu e riscou o nome da lista.

– E alguém que tenha sido paciente daqui?

Nora encolheu os ombros.

– Acho que recordaria um homem tão grande – respirou fundo. – E, agora, se já tiver terminado com as perguntas, eu gostaria de ir para casa.

Brandon não tivera a intenção de a perturbar.

– É óbvio. Esperá-la-ei lá fora.

– Pensei que já tinha terminado com as perguntas.

– Por enquanto. Sofreu uma contusão, portanto, eu levá-la-ei a casa – saiu para o corredor, sem lhe dar a oportunidade de protestar.

Pretendia obter mais informação sobre a bonita Nora Donnelly.

Havia alguma coisa que não estava a contar-lhe, algo que possivelmente poderia ajudá-lo a

encontrar o agressor. Possivelmente, não o conhecia, mas tinha a impressão de que o homem a conhecia a ela.

Tinha passado mais de uma hora até lhe darem alta e estar pronta para partir com Brandon. No carro-patrulha, guardara silêncio, salvo para lhe indicar como chegar à sua casa. Fê-lo saber que já acabara a sua conversa sobre a agressão, de modo que ele não tentou perguntar mais nada sobre o assunto.

Decidiu abordar um assunto diferente.

– Há quanto tempo vive em San Angelo?

Nora continuou a olhar em frente.

– Há poucos meses – depois de uma pausa, acrescentou: – Queria um novo começo para o meu filho e para mim.

– De onde é?

Finalmente, olhou para ele.

– De Phoenix, no Arizona. Há algum motivo para o seu

interrogatório?

Ele encolheu os ombros.

– Pensava que estava a conversar.

– Como me dói a cabeça, agradecer-lhe-ia que nos deixássemos de protocolos sociais.

Ele assentiu. Dez minutos mais tarde, atravessam o portão do condomínio onde ela vivia. A construção era nova, com menos de dois anos. Brandon tinha pensado em ir viver para ali ao mudar-se para a cidade, mas decidira comprar

uma casa como investimento. Já era proprietário de um rancho com uma casa grande, para onde poderia mudar-se assim que decidisse regressar.

Conduziu pela rua dela e Nora indicou-lhe um lugar de estacionamento diante do seu apartamento. Assim que parou o carro, ela abriu a porta e saiu antes que ele pudesse aproximar-se dela. Recordava-lhe as mulheres Randell: independentes e teimosas. De qualquer modo, agarrou-a pelo

braço.

Ela tentou não andar depressa, mas queria entrar e afastar-se do agente Randell. Não só desejava meter-se na cama e tentar tirar aquela noite da cabeça, como também não podia deixar que ele investigasse o seu passado. Se Jimmy enviara aquele homem, devia pensar no que faria.

– Obrigada, agente, por me trazer a casa.

– Porque não me certifico de que se encontra a salvo ali dentro? –

aproximou-se, bloqueando parte da luz.

Nora respirou fundo e sentiu a fragrância masculina. Os seus olhares encontraram-se e provocou-lhe uma onda de calor estranha pelas costas. Agastou-se com rapidez, dando-lhe espaço para que introduzisse a chave na fechadura e abrisse a porta do apartamento.

Ela entrou no pequeno hall, deixou a mala numa mesa e dirigiu-se para a sala, onde encontrou Millie sentada à frente da televisão.

A ama do seu filho virou-se, levantou-se e correu para ela.

– Oh, Nora! – exclamou enquanto examinava a cara da sua amiga. – Não me contaste que te tinham magoado tanto.

– Tal como te disse quando te telefonei, estou bem, Millie.

A mulher de cabelo grisalho franziu o sobrolho.

– Esqueces-te de que também sou enfermeira? – olhou para o agente. – Você deve ser o agente Randell. O meu nome é Millie

Carter, sou vizinha de Nora e ama do seu filho. Obrigada por a trazer a casa.

– Não me custou nada.

– Tenho uma ligeira contusão, por isso, não podia conduzir – interveio Nora, – mas necessitarei do carro para ir para o trabalho.

Brandon abanou a cabeça.

– Não creio que o hospital espere que vá trabalhar senão dentro de alguns dias. Mas outro agente trar-lhe-á o carro.

– Então, terá tempo para um café

– convidou Millie, antes que Nora pudesse protestar. – Com leite e açúcar?

– Simples, obrigado – indicou.

Nora teve vontade de contradizer Millie, mas tinha ficado sem forças. Sentindo-se fraca de repente, teve de fechar os olhos. A seguir, apercebeu-se de que o agente estava a agarrá-la.

Rodeou-a com um braço e conduziu-a até ao sofá.

– É melhor que se sente.

– Estou bem – mentiu ela.

– Não está. Provavelmente, trata-se de uma reação tardia. Talvez deva ir para a cama.

– Não! – abanou a cabeça numa tentativa de afastar qualquer pensamento sobre aquele homem da sua casa.

Ele agachou-se à frente dela.

– Nora, tem a certeza de que está bem?

Havia preocupação naqueles olhos escuros, mas ela não podia permitir-se apoiar-se em ninguém, em especial num homem. Nunca

mais. Não era seguro para nenhum dos dois.

– Teve uma noite difícil – acrescentou ele.

De repente, as lágrimas encheram-lhe os olhos. Tentou controlá-las.

– Estou bem – mentiu outra vez. – Tenho de estar.

Brandon não foi capaz de travar as sensações protetoras que aquela mulher lhe evocava. Supunha-se que não devia envolver-se pessoalmente, mas Nora Donnelly

tornava-o muito difícil.

– Deixe que alguém cuide de si – sorriu e, largan do-lhe a mão, secou-lhe uma lágrima da face. A sua voz suavizou-se. – Nem sempre tem de ser tão forte.

– Sim, tenho.

Ao ouvir a voz trémula, cobriu-a com uma manta que havia no sofá.

– Tem frio?

– Um pouco.

Esfregou-lhe os braços para a aquecer um pouco. Pareceu-lhe muito delicada. Não quis pensar no

que poderia ter acontecido se não tivesse chegado a tempo naquela noite.

– Tem família a quem possa telefonar? Alguém que possa ficar consigo?

Olhou-o com aqueles olhos azuis lindos. Secou-lhe a garganta e sentiu um nó no peito.

Por fim, ela abanou a cabeça.

– Possivelmente, Millie poderá ficar.

– Mamã?

Os dois viraram-se para o

corredor e viram um menino de cabelo preto com um pijama de *A guerra das estrelas*.

– Mamã, o que se passa?

Nora estendeu a mão enquanto ele se aproximava.

– Zach, não devias estar levantado.

– Ouvi-te a falar – o menino observou Brandon e, em seguida, o rosto da sua mãe. – O que aconteceu? – os seus olhos mostraram medo. – Encontrou-te e fez-te mal?

Brandon viu o pânico de Nora e soube que o seu instinto tinha acertado em cheio. Talvez aquela agressão não tivesse nada a ver com um ato fortuito de violência. Mas não queria que o menino se preocupasse.

– Olá, Zach. Sou o agente Randall. A tua mãe teve um pequeno acidente no estacionamento do seu trabalho, portanto, trouxe-a para casa. Agora, está bem. Eu encarreguei-me disso.

O menino olhou para a sua mãe.

– A sério que estás bem?

Ela assentiu.

– Magoei-me na cabeça. Por isso, terei de repousar alguns dias – observou o menino. – Eh, supõe-se que sou eu quem deve cuidar de ti! Como te sentes esta noite?

– Bem.

Abraçou o menino e Brandon viu o amor que havia entre eles.

– Então, devias voltar para a cama, Zach – disse-lhe. – Já é tarde.

O menino afastou-se do abraço e olhou outra vez para Brandon.

Havia preocupação na sua carinha, demasiada para um menino de seis anos, possivelmente sete.

– A tua mãe está bem, filho – confirmou. – O médico examinou-a.

Naquele momento, entrou Millie com uma bandeja com chávenas.

– E eu estarei aqui, Zach – disse-lhe. – Cuidarei dela como cuido de ti.

Por fim, Zach dedicou um sorriso à sua mãe.

– Está bem – deu-lhe um beijo e deixou que Millie o levasse para o

seu quarto.

A mulher idosa parou à porta.

– Nora, a tua é a com chocolate quente.

Brandon passou-lhe a chávena e, em seguida, pegou na sua.

– Parece um bom menino. Preocupa-se consigo.

– Não é necessário – afirmou, com o olhar cravado na chávena.

Ele bebeu um gole do líquido quente.

– Não obstante, deve ser difícil criar um filho sozinha.

Viu que ficava rígida.

– Faz-se bem, tal como muitas mães solteiras. Zach e eu não necessitamos de ninguém... Temo-nos um ao outro...

– Mas e se esta noite tivesse ficado gravemente ferida? – alguma coisa lhe dizia que havia muito mais naquela história. – O agressor bateu-lhe com força, Nora – apontou-lhe para a cara. – E o que lhe disse... «Pensavas que conseguirias livrar-te» – observou a expressão de Nora, o maxilar tenso.

– As estatísticas mostram que as agressões pessoais, como a que sofreu, indicam frequentemente que o agressor conhece a vítima.

– Pela última vez, agente, não conhecia aquele homem, portanto, pare de me tratar como se tivesse cometido um crime.

Capítulo 2

Hank Barrett semicerrou os olhos sob o sol brilhante de setembro. Ao longe, viu a carrinha familiar que atravessava o portão do Círculo B. Sorrindo, desceu do alpendre traseiro para ir receber o seu neto mais velho. Sabia que os

seus quinze netos tinham coisas melhores para fazer do que ir visitar o avô. Mas aquilo alegrava-lhe o dia.

Tendo feito oitenta anos no seu último aniversário, tinha sido abençoado com uma saúde de ferro. Agradecido por ainda conseguir andar a cavalo, gostava de fiscalizar o trabalho no rancho em vez de o levar a cabo pessoalmente. E tinha tempo para os seus três filhos: Chance, Cade e Travis. Os rapazes podiam ser adotados, mas amava-os tanto como se fossem do seu

próprio sangue. Nem mais nem menos do que a sua filha biológica, Josie. Todos viviam perto e trabalhavam juntos.

Naquele momento, com os seis ranchos que formavam a Corporação Randell, o negócio era muito complicado de gerir sem que todos desempenhassem o papel que correspondia a cada um. Eram necessários os seis irmãos Randell, juntamente com dois primos, para dirigir tudo.

Para além da família, a principal

preocupação de Hank era proteger os potros que percorriam aquela zona do vale. Há doze anos, certificara-se de que os póneis selvagens tivessem sempre um lar quando comprara a terra, para evitar que caísse nas mãos de algum especulador imobiliário. Queria que o sereno vale Mustang fosse para os póneis selvagens, para a sua família e para as gerações futuras. Inclusive quando ele morresse, sabia que os seus filhos continuariam com o legado.

Se Deus o permitisse, ainda faltava algum tempo para que ele partisse.

Dirigiu-se para a carrinha poeirenta enquanto Brandon parava junto do celeiro. O rapaz não usava a farda de agente da lei, mas o traje habitual de vaqueiro: botas, calças e camisa de ganga.

– Olá, avô!

– Olá, Brandon!

Brandon não hesitou em aproximar-se e dar-lhe um abraço forte. Hank gostou do gesto.

– O que te traz por aqui, filho?

Brandon sabia que não tinha passado muito tempo com Hank ultimamente. Estivera a trabalhar muito no seu afã de chegar a detetive.

– O teu neto favorito necessita de um motivo?

– Não. Alegra-nos que tenhas vindo. Vai ter com Ella. Aposto que está a cozinhar alguma coisa boa.

Brandon fez uma pausa.

– Ella, a cozinhar? – sempre tinha sido uma brincadeira familiar

que a sua avó não tivesse jeito para a cozinha.

Hank sorriu.

– Sim. Andou a tirar um curso – assegurou-lhe. – E não me custa dizer que o faz cada vez melhor.

Brandon atribuiu-o ao amor de Hank por Ella. Quinze anos antes, confessara finalmente os seus sentimentos àquela que tinha sido sua governanta. Naquele momento, comeria tudo o que lhe pusesse à frente.

– Se não te importares, podemos

falar primeiro? –perguntou.

Hank assentiu.

– Claro! Que tal eu mostrar-te o potro novo que o teu tio Chance trouxe? Vamos incluí-lo no grande leilão do *rodeo* do próximo mês.

O *rodeo* do Círculo B celebrava-se há anos, principalmente para que os vizinhos se reunissem para ajudar na recolha do gado. Nos últimos anos, o dinheiro do leilão de cavalos fora dedicado ao fundo para resgate de potros selvagens.

– Virás, não é? – Hank manteve

o passo acelerado enquanto se dirigiam para o celeiro.

Para a sua idade, estava em grande forma. Mantinha-se direito e o seu chapéu castanho cobria-lhe os cabelos brancos. Ainda não tinha barriga. Talvez as suas mãos estivessem rígidas pela artrite, mas isso não o impedia de trabalhar.

Brandon sorriu.

– Não é obrigatório que assistam todos os Randell?

Hank esboçou um sorriso amplo.

– Não, o que se passa é que o teu

pai e os teus tios são tão competitivos que jamais o perderiam – chegaram ao celeiro e entraram na estrutura fresca. – E dar-nos-ia jeito a tua ajuda no *rodeo*. Os novatos que pagam para vir para o rancho de hóspedes parecem perder-se mais frequentemente do que um bezerro desorientado.

Anos antes, tinham convertido o Círculo B num rancho de trabalho para hóspedes e o *rodeo* era o principal acontecimento da estadia.

– Portanto, necessitam de ajuda?

O seu avô assentiu.

– Posso incluir-te?

– Começo no meu novo emprego daqui a alguns dias, portanto, terei de ver se consigo ter tempo livre.

– Parabéns! – Hank sorriu. – O teu pai contou-me que chegaste a detetive. Não poderíamos estar mais orgulhosos de ti.

– Obrigado – caminharam pelo corredor de cimento. – Não tenho a certeza de que o papá se sinta orgulhoso – acrescentou. – Acho

que preferia que voltasse para casa e me dedicasse a dirigir o rancho.

Hank tirou o chapéu e coçou a cabeça.

– Bom, legalmente, o rancho pertence-te. E, além disso, é uma boa propriedade – olhou para o seu neto. – Mas sei que o teu coração está na Polícia.

Brandon não hesitou.

– Sim, é verdade. Não é que não goste do rancho, mas não sinto propensão para criar gado e treinar cavalos. Não vinte e quatro horas

por dia.

Chegaram ao estábulo do canto onde havia um potro castanho de nove meses.

– Eh, amigo! – cumprimentou Brandon. – Como estás?

Hank abriu a porta e entraram. O seu avô fez com que o animal se situasse ao lado dele.

– É Hawk's Flame.

– É lindo – Brandon examinou o animal com a estrela branca na testa e manchas brancas nas patas. – Como é que o tio Charles pôde

separar-se dele?

– Não há dúvida de que se trata de um cavalo de primeira, com um pai como Flying Hawk e uma mãe como Crimson Lady.

Brandon pensou que deveria saber aquilo, tentando recordar a última vez que tinha ido ver os tios Chance e Joy.

– Suponho que esteja a viver há muito tempo na cidade, sem prestar atenção ao que se passa aqui.

– Não estou a julgar-te, Brandon. Acho que trabalhar como agente da

lei é digno de elogio, mas não esqueças as tuas origens. Fala com o teu pai.

– Não creio que ele queira ouvi-lo neste momento.

– Possivelmente, se apresentares um plano. Se fizesses alguma concessão...

Brandon assentiu. O problema estava ali... Não tinha nenhum plano e, naquele momento, tinha-lhe surgido outra complicação. Nos últimos três dias, só tinha conseguido pensar em Nora

Donnelly. Tinha telefonado para o hospital, mas ela ainda não tinha voltado ao trabalho.

– Dá-me a impressão de que há mais alguma coisa na tua cabeça – comentou Hank.

Brandon acariciou o cavalo.

– É um caso em que estive a trabalhar. Uma mulher foi agredida no estacionamento do hospital.

– Li a esse respeito. Como está?

– Examinaram-na e deram-lhe alta na mesma noite – abanou a cabeça. – Mas tenho a impressão de

que conhecia o seu agressor.

Hank franziu o sobrolho.

– Referes-te a um marido?

– Não, é viúva e afirma não ter saído com ninguém desde que ele morreu, de modo que tampouco se trata de um namorado. Isso é estranho, porque é bonita.

– Bonita, hã?

Brandon assentiu.

– Sim. Até com as contusões da agressão.

– Portanto, chamou-te a atenção.

Certamente, fizera-o. Suspirou.

– Dá-me a impressão de que a minha vida está a complicar-se.

Hank sorriu.

– Uma mulher bonita é sempre uma complicação, mas a adequada justifica todos os problemas.

Tinham passado quatro dias desde a agressão e Nora não tinha a certeza do que devia fazer. Não tinha havido mais ameaças. Ninguém rondava perto do seu apartamento. Não havia chamadas misteriosas. Aquele homem

continuaria a vigiar o hospital? Estaria à espera que voltasse ao trabalho? Teria sido o modo doentio de Jimmy lhe comunicar que a tinha encontrado?

Entrou na casa de banho e examinou os hematomas já ténues da sua cara, com uma leve descoloração ao longo do maxilar. Muito tempo antes, tinha aprendido a maquilhar-se com o objetivo de esconder a sua vergonha e humilhação. Fechou os olhos e começou a tremer ao recordar

aquela noite. A dor não tinha sido nada comparada com o medo de que o seu ex-marido pudesse tê-la encontrado.

Embora Jimmy não pudesse pôr-lhe as mãos em cima naquele momento, dispunha de gente que o faria por dinheiro. Olhou para o apartamento e perguntou-se se deveria levar Zach de San Angelo. As suas malas de emergência estavam feitas e guardadas no carro. Apesar de ser difícil mudar a sua localização e identidades, estava

preparada para fugir outra vez para se manter longe do alcance de Jimmy, para manter o seu filho a salvo.

Zach e ela nunca falavam da sua vida passada em San Diego, mas isso não significava que ele não recordasse aqueles anos terríveis. Nora também sabia que podiam arrebatar-lhes a liberdade a qualquer momento.

Não, não podia deixar que Jimmy os encontrasse. Sem importar o que tivesse de fazer, jamais lhe tiraria

Zach. Nem voltaria para aquela vida. Já tinha infringido a lei para proteger o seu filho e voltaria a fazê-lo. Fora por isso que levara mais do que dinheiro do cofre de Jimmy. Uma segurança acrescentada que ajudaria a mantê-los ilesos.

O som da campainha sobressaltou-a. Pensou em não atender, mas foi espreitar pela mira e do outro lado viu o agente Randell.

Respirou fundo para relaxar e

abriu-lhe a porta. Estava vestido com uma camisa branca, calças escuras e um chapéu preto de cobói.

– Senhora Donnelly – cumprimentou-a com um aceno de cabeça.

– Pensava que tínhamos terminado o interrogatório.

– Agora que sou detetive do departamento, atribuíram-me o seu caso.

Era o que lhe faltava...

– Surgiu alguma coisa nova?

– Talvez – olhou para trás dela. –

Posso entrar?

O que podia fazer senão afastar-se? Depois de tirar o chapéu, o detetive entrou, continuou até à cozinha e deixou uma pasta sobre a mesa.

Brandon tinha ido vê-la assim que obtivera aquela pista. Estava decidido a encontrar aquele sujeito. Olhou para ela. A maquilhagem escondia quase todas as nódoas negras, mas não diminuíam a sua beleza. Indicou-lhe que se sentasse. Ela fê-lo e ele imitou-a.

– Esta manhã, fui ao hospital e falei com algumas das enfermeiras – começou, enquanto abria a pasta. – Parece que, alguns dias antes da sua agressão, você atendeu uma mulher que chegou com múltiplos hematomas, lacerações na cara e um braço partido. Tudo isso provocado pelo marido.

Nora assentiu.

– Karen Carlson. Estava mal. Tivemos de a internar essa noite.

Brandon reviu as suas notas.

– Uma enfermeira, Beth Hunt,

contou-me que você permaneceu junto da cama de Karen porque ela tinha muito medo de que o seu marido, Pete Carlson, aparecesse.

Os olhos azuis dela iluminaram-se.

– Encontraram-no?

Ele sentiu que lhe acelerava o coração e teve de desviar o olhar para se concentrar.

– Ainda não. Mas você convenceu a senhora Carlson a ir para um refúgio de mulheres maltratadas.

Nora pestanejou.

– Acha que foi o seu marido que me atacou?

– Poderia ter sido – tirou uma fotografia da pasta. – Este homem é-lhe familiar?

Observou a imagem.

– É bem constituído, mas não posso assegurá-lo –devolveu-lha. – Vão prendê-lo?

– Primeiro, devemos encontrá-lo. Mas, sim, tem um longo historial de violência. Gosta de beber e de andar à bulha, sem lhe importar se é com

uma mulher ou com um homem.

– Mas prendê-lo-ão? – repetiu.

Ele assentiu.

– Pela agressão à sua mulher. Primeiro, tenho de falar com a senhora Carlson. Estaria disposta a acompanhar-me?

– Esse não é o seu trabalho, detetive?

– Nestas circunstâncias, creio que estará mais disposta a dar-me informação consigo presente. Em duas ocasiões anteriores, retirou as queixas contra aquele homem.

Não necessitava de muita perspicácia para ver que Nora Donnelly estava incomodada. Não confiava com facilidade. Seria só com ele ou com todos os homens? Tê-la-ia magoado um homem no passado? O seu marido?

– Não sei como ajudar.

– A única coisa que lhe peço é que fale com Karen.

Aqueles olhos enormes observaram-no. Custava-lhe não reagir.

Olhou para o relógio de parede.

– Muito bem, irei, mas tenho de estar de volta antes das três e meia. O meu filho necessitará da sua medicação.

– Está doente?

– É diabético.

Não soube muito bem como responder àquilo. Devia ser difícil para um menino... e para a mãe. Levantou-se.

– Então, certificar-nos-emos de regressar a tempo. Embora tenha de acender as luzes e a sirene – sorriu, mas ela não.

Nora levantou-se e foi buscar um pulôver e a sua mala. Os dois estenderam a mão ao mesmo tempo para a maçaneta da porta e os dedos tocaram-se. Ela retirou-a com celeridade.

– Então, Nora... – murmurou ele. – Não vou fazer-lhe mal. E tampouco deixarei que lho faça o seu agressor.

– Não faça promessas que não pode cumprir – murmurou ela.

Nora olhava pela janela do carro-

patrulha. Brandon Randell tinha falado durante os vinte minutos do caminho. Ela não queria falar de coisas sem importância, nem ouvir mais perguntas. A sua vida podia depender de não deixar que ninguém descobrisse os seus segredos.

Em seguida, Brandon saiu da estrada e entrou num caminho ladeado de árvores. Meio quilómetro acima, chegaram a um portão de ferro forjado. Parou, baixou a janela e introduziu um

código num teclado, fazendo com que o portão se abrisse. Continuou por um caminho até uma casa de dois andares de tijolo e madeira, com persianas pretas nas janelas grandes.

– É linda... – murmurou ela. – Não se parece em nada com um refúgio!

Brandon sorriu.

– Planeou-se dessa maneira – tirou o cinto de segurança e saiu.

Contornou o carro, dando-lhe tempo para se recompor. A

proximidade no veículo fizera com que fosse muito consciente daquele homem. Custava não se sentir distraída por aquele cobói atraente.

Repreendeu-se por pensar nele. Abriu a porta e saiu, permitindo que a brisa fresca lhe acariciasse o rosto.

Uma fonte enorme adornada com querubins chamou a sua atenção. O som refrescante da água fez com que se dirigisse para o lugar rodeado de flores coloridas. Viu uma placa que dizia: «Jardim de Abby. Um agradecimento especial a

Abigail Randell pelo seu trabalho e dedicação a Hidden Haven House».

Sentiu a presença de Brandon atrás dela.

– É da família?

Ele assentiu.

– É a minha mãe. Ajudou a desenhar e a construir este lugar. Necessitou de quase vinte anos para o acabar.

Na noite da agressão, Nora tinha ouvido as enfermeiras a falarem sobre a família rancheira rica que ajudava a comunidade. A conversa

não tinha demorado a desviar-se para os atraentes homens Randell.

Olhou de esguelha para Brandon. Não podia negar que era atraente, mas, certamente, não pensava fazer nada a esse respeito. Não desejava voltar a relacionar-se com um homem, jamais.

Dirigiram-se para a porta. Brandon tocou à campainha. Depois de se identificar, a porta abriu-se.

Lá dentro, as paredes do hall estavam pintadas de um verde-mar suave, o chão de mármore estava

impoluto e havia flores frescas numa mesa de centro. Atravessaram o hall até uma secretária grande onde uma mulher de meia-idade sorriu ao tirar os óculos.

– Ena, olá, Brandon! – cumprimentou-o, observando a sua farda. – Suponho que agora deva chamar-te detetive Randell.

– Só quando me fizeres os teus biscoitos deliciosos de farinha de aveia, Bess.

– Vem ver-nos mais vezes e verei

o que posso fazer.

Brandon assentiu.

– Bess, apresento-te Nora Donnelly. É enfermeira em West Hills – as duas mulheres trocaram uma saudação. – É possível vermos Karen Carlson? – inquiriu.

Bess assentiu.

– Está na sala de recreio, mas pedirei que a levem até à sala do jardim para que disponham de privacidade.

– Obrigado – Brandon apoiou a mão no cotovelo de Nora e

conduziu-a pelo hall.

Em vez de a intimidar, o contacto daquele homem avivava outros sentimentos nos quais não queria pensar naquele momento. Possivelmente, nunca. A sala era espantosamente grande e bonita. Paredes azul-claras, móveis antigos e tapetes macios. Contra uma parede havia um sofá com tapeçaria floral e, na parede oposta, uma secretária diante das janelas grandes. Atravessou a sala para dispor de uma vista melhor de um

pátio coberto com plantas e flores. Mais à frente, havia um relvado.

– É lindo – murmurou, diante da porta de correr.

Bateram à porta e Brandon abriu-a, encontrando do outro lado Karen Carlson. A mulher parecia assustada. A roupa pendia-lhe do corpo magro, com o braço ao peito. Usava o cabelo loiro-escuro apanhado numa trança. Só tinha trinta e cinco anos, mas parecia muito mais velha.

– Disseram-me que me

apresentasse aqui – indicou, nervosa.

– Olá, senhora Carlson. Sou o detetive Brandon Randell, do departamento do xerife – afastou-se. – Lembra-se da enfermeira Donnelly?

– Olá, Karen – Nora sorriu e aproximou-se dela. – Alegra-me que estejas bem.

– Nora – Karen entrou com um sorriso vacilante. – Vieste ver-me?

– E para falar consigo – disse Brandon, enquanto conduzia as

mulheres até ao sofá. Uma vez sentadas, aproximou uma cadeira e sentou-se. Trocou um olhar com Nora. – Perguntávamo-nos se teria tido algum contacto com o seu marido.

Karen mostrou pânico e abanou a cabeça.

– Oh, não... Supõe-se que não sabe que estou aqui. Essa é a regra. Este lugar deve permanecer em segredo – abriu mais os olhos. – Disseram-me que, se entrasse em contacto com Pete, deveria partir

com os meus filhos. Não tenho mais nenhum lugar para onde ir. E não posso voltar para ele.

Nora abraçou a mulher.

– Está tudo bem, Karen.

– Por favor, não deixem que me encontre... – suplicou.

Brandon ajoelhou-se diante de Karen.

– Pete não vai encontrá-la – garantiu. – Está a salvo. Os seus filhos estão a salvo – olhou para Nora. – Eu só preciso de encontrar Pete. Pensámos que talvez soubesse

onde poderia procurá-lo, os lugares para onde poderia ir.

Karen conteve um soluço e afastou-se. Brandon entregou-lhe um lenço branco que tirou do bolso de trás das calças.

Ela secou os olhos.

– Quando Pete bebe, vai a um lugar chamado O quarto escuro.

– O clube de striptease que há a oeste, à entrada da estrada nacional?

A mulher assentiu.

– Não vivíamos muito longe de

lá. Um pouco mais abaixo, no parque de caravanas Wagon Wheel.

Brandon tirou o bloco de notas. Recordou o caos e a desordem reinantes na pequena caravana e não teve dúvidas de que Carlson tinha descarregado o resto da sua raiva naquele lugar.

– Já fomos à sua casa. Não há sinal do seu marido. Tem família por perto?

– O seu irmão vive em Dallas – Karen deu-lhe o nome e a morada. – Não se dão bem. Tem um amigo,

Max, que também vive numa caravana – olhou-o nos olhos. – O xerife já me fez estas perguntas.

– Há algumas noites, Nora foi agredida à entrada do hospital.

Karen ficou boquiaberta e olhou para Nora. Então, reparou nas nódoas negras ténues.

– Quem lhe faria isso?

– Perguntávamo-nos se poderia ter sido Pete – indicou Brandon. – Talvez tenha descoberto que ela a ajudou quando a internaram no hospital.

Uma lágrima caiu pela face de Karen.

– A culpa é minha – tremeu-lhe o queixo. – Se tivesse ficado...

– Não! – interrompeu-a Nora. – Não podes voltar para um homem que te bateu. Poderia ter-te matado, Karen.

– Se não o tivesse zangado tanto...

Brandon tocou-lhe na mão e sentiu que ficava tensa. Recriminou-se, mas conteve a sua raiva pelo canalha que lhe fizera

aquilo.

– Você não tem a culpa de nada, Karen. Nunca há motivo para que um homem bata a uma mulher. Nunca – recalcou. – Portanto, a partir de agora, pense só em si e nos seus filhos. Haven House ajudá-la-á a iniciar essa nova vida... sem um homem como Pete. Mas, primeiro, deve acreditar em si mesma.

Ela pestanejou para conter as lágrimas e assentiu.

– Está bem.

Ele sorriu.

– Muito bem. E, agora, vamos encontrar Pete, mas, desta vez, deve apresentar queixa – levantou-se, tirou a carteira do bolso e extraiu dois cartões. – Este é de um advogado meu amigo, Brad Ashton. Representa gratuitamente as mulheres do refúgio. Pode ajudá-la. E também lhe deixo o meu cartão. Se precisar de alguma coisa, telefone-me.

Karen aceitou-os.

– Obrigada – levantou-se. – Se me lembrar de outro lugar onde

Pete possa estar, comunicar-lho-ei.

Nora abraçou-a e, em seguida, viram Karen a sair.

A sala ficou em silêncio enquanto Brandon se sentava na beira da secretária. Tantas emoções vieram à superfície quando as lembranças da sua própria infância surgiram na sua mente. Os anos de medo, as discussões e os gritos contidos da sua mãe a meio da noite. Ele era muito jovem e não pudera fazer nada a esse respeito.

– Brandon?

Saiu da sua abstração.

– O que foi?

– A sério que achas que Pete foi o meu agressor?

– Parece ser o melhor suspeito. A explicação mais lógica – olhou-a nos olhos e conteve o fôlego. – A menos que tenhas outra ideia de quem possa ter sido.

Nora desviou o olhar.

– Não, não tenho.

Apostaria a sua promoção em como lhe escondia alguma coisa. Olhou para o relógio.

– Devíamos voltar.

Ela assentiu e dirigiu-se para a porta no momento em que se abria e entrava uma mulher de meia-idade. «Bonita» não bastava para a descrever. Usava o cabelo castanho-avermelhado com um corte simples. A sua pele branca era tão impecável como a sua figura esbelta.

Os olhos verdes intensos suavizaram-se ao ver Brandon.

– Chegou-me o rumor de que estavas aqui.

– Certamente, isso significa que

Bess foi ter contigo.

Depois de o abraçar, olhou na direção de Nora.

– Olá, sou Abby Randell.

– Desculpa, mamã. Apresento-te Nora Donnelly. Está a ajudar-me num caso.

Nora obrigou-se a sorrir.

– Prazer em conhecê-la, senhora Randell.

A mulher apertou-lhe a mão.

– Por favor, chama-me Abby.

– E eu sou Nora.

– Oh, que nome tão bonito e

antigo... – mostrou-se pensativa. – Não conheço nenhum Donnelly. És nova por aqui?

Assentiu.

– Cheguei há alguns meses.

– Nora é enfermeira no West Hills – explicou Brandon.

Abby Randell olhou para eles e sorriu.

– Provavelmente, não conhece muita gente da zona.

– Conheço muita do hospital.

– Talvez tu e o teu marido gostassem de ir ao rancho.

Brandon dedicou-lhe um olhar severo.

– Mãe...

– Sou viúva. Somos só eu e o meu filho Zach.

– Lamento imenso. Deve ser difícil, em especial para o teu filho. Quantos anos tem?

– Sete.

Abby sorriu.

– Tenho uma ideia. Por tradição, a família faz um churrasco aos domingos enquanto ainda faz bom tempo. Há dúzias de primos e

meninos cujos pais trabalham no rancho. Esta semana, fá-lo-emos no nosso – olhou fixamente para o seu filho. – Na realidade, o rancho é de Brandon.

– Pertence à família – corrigiu-a ele.

– Aposto que Zach adoraria passar um dia num rancho – Abby voltou a sorrir.

Nora estava encurralada, já que sabia que o seu filho adoraria ter outras crianças com quem brincar.

– Tenho a certeza.

– Então, está decidido. Brandon levar-vos-á este domingo – então, Abby Randell deu meia volta e saiu antes que Nora pudesse mudar de ideias.

Brandon sentou-se na beira da secretária.

– Bem-vinda ao mundo dos Randell...

Capítulo 3

– Continua, Zach – com um gesto afirmativo, o menino de sete anos atirou a bola de beisebol e Brandon conseguiu apanhá-la na sua trajetória errante. – Muito bem – disse ao menino, que o recompensou com um sorriso

tímido.

Brandon sabia que deveria estar no escritório a seguir as pistas sobre a família Carlson. Mas, trinta minutos antes, quando levara Nora de volta ao apartamento, não quisera partir. Não depois de ver o jovem Zach Donnelly no pátio, a atirar uma bola de beisebol ao ar, tentando apanhá-la. O menino parecia perdido.

– Com um pouco de prática, melhorarás antes que te dês conta.

– Não tenho ninguém com quem

jogar – replicou Zach, olhando para a sua mãe. – Salvo a mamã.

Nora levantou-se no alpendre.

– Eh, não pensei que fosse assim tão má!

– Eu sei – o rapaz pareceu envergonhado ao murmurar: – Mas és uma rapariga.

Brandon já o tinha notado. E também era bonita. Conteve um sorriso.

– E na escola?

O menino desviou o olhar.

– Sou novo e os meninos daqui

não querem que jogue com eles.

Brandon sentiu um nó no peito. Zach era pequeno para a sua idade e magro. E, pior ainda, era o aluno novo.

– Às vezes, é preciso um pouco de tempo para conheceres todos – atirou-lhe a bola e o menino conseguiu apanhá-la com a luva nova. – Bom trabalho!

O sorriso de Zach desvaneceu-se.

– Ninguém me escolhe porque todos os outros meninos são melhores do que eu.

Brandon duvidava, mas o aluno novo raramente era escolhido. Olhou para Nora, observando com atenção a interação entre ambos.

– Possivelmente, eu poderia ajudar-te.

O menino levantou a cabeça.

– A cabeça?

Nora tinha de pôr fim àquilo. Dirigiu-se para o seu filho.

– Zach, se calhar, devíamos ir para dentro. Tens trabalhos de casa para fazer.

– Oh, mamã...

Ela manteve-se firme.

– Também tens de comer.

O rapaz começou a discutir, mas Brandon interveio:

– Zach, é melhor que obedeças à tua mãe. Ela só quer que estejas saudável e forte. Podemos jogar noutro dia.

– Está bem – aceitou Zach, mas sem partir. – Quando? Quando vais voltar?

Por acaso, não era ela a mãe ali?

– Zach, o detetive Randell está ocupado com o seu trabalho. Não

podes esperar que deixe tudo – olhou para Brandon nos olhos, desafiando-o a questioná-la. – E, agora, vai para dentro.

O seu filho acabou por assentir e, em seguida, olhou para Brandon.

– Obrigado por jogar comigo.

– De nada – replicou e o menino subiu os degraus.

Nora esforçou-se para se conter. Não gostava de como Brandon Randell tinha entrado na sua vida privada. Devia pôr-lhe fim. Imediatamente.

Encarou-o. E encontrou-se com um daqueles sorrisos insolentes irresistíveis. Mas não ia resultar com ela.

– Escute, detetive...

– É Brandon, Nora, e acho que já podemos tratar-nos por tu – interrompeu-a. – Parece-me que já podemos passar para essa fase, não achas?

«Não!», quis gritar.

– Esse é o problema, dete... Brandon. Não creio que seja uma boa ideia, porque não temos

motivos para voltarmos a ver-nos.

Ele franziu o sobrolho.

– Ainda não solucionei o teu caso.

– Não necessitas de mim para isso. E já te contei tudo o que recordo daquela noite.

Brandon aproximou-se um passo. Não sabia se queria abaná-la pelos braços para lhe meter um pouco de bom senso na cabeça ou abraçá-la e mantê-la a salvo. Nunca se tinha sentido tão protetor com uma mulher.

– E se voltar? – inquiriu. – E se aquele homem descobrir onde vives? Mandarei que um carro-patrulha passe pela tua rua todas as noites, mas, inclusive com a segurança, poderia chegar a ti – de repente, viu um brilho de medo nos seus olhos e arrependeu-se das palavras duras que tinha dito. – Só tento fazer-te ver que não te fará nenhum mal que o sujeito saiba da minha presença aqui. Pensa em Zach.

Ela fechou as mãos.

– É no meu filho que penso. É por isso que não quero que te envolvas na sua vida. Já te vê como um herói.

Brandon nunca tinha sido o herói de ninguém.

– Um menino necessita da presença de um homem – ninguém melhor do que ele sabia isso. Tinha a idade de Zach quando a sua mãe se divorciara do imbecil do primeiro marido que tivera. – Só quero ser seu amigo, Nora. É assim tão mau?

– E o que acontecerá quando nos

formos embora?

Observou-a. Aquela declaração incomodou-o mais do que deveria.

– Planeias partir?

Ela desviou o olhar.

– Não tenho a certeza de querer estabelecer-me aqui de forma permanente.

– Só estás aqui há alguns meses. Dá uma oportunidade ao condado de Tom Green. Eu vivi aqui toda a minha vida e é um lugar fantástico para criar um filho. Conhece mais pessoas. Aceita o convite da minha

mãe para ir ao rancho no domingo.

– Não acho...

– Vive num rancho?

Os dois levantaram o olhar e viram Zach no cimo dos degraus do alpendre.

– Zach, pensava que te tinha dito que começasses a fazer os trabalhos de casa – indicou a sua mãe.

– Preciso de ajuda a Matemática – olhou para Brandon. – A sério que vive num rancho com cavalos?

– Agora, não vivo lá, mas vive a minha família. Estás convidado a ir

visitá-lo quando quiseres.

– A sério? – perguntou, com os olhos muito abertos.

Brandon assentiu.

– A sério.

– Mamã, podemos ir, por favor? Quero andar a cavalo.

Nora olhou para Brandon com olhos cintilantes, enquanto ele se esforçava para conter um sorriso.

– Está bem, mas falaremos mais tarde sobre andar a cavalo. E, agora, vai para dentro. Vou já – assim que o seu filho atravessou a porta,

virou-se para Brandon. – Agradece à tua mãe pelo convite. Se me disseres a hora e a morada, podemos ir sozinhos.

Ele sorriu.

– Não é necessário. No domingo, virei buscar-vos por volta do meio-dia – antes que ela pudesse discutir, levou dois dedos ao chapéu em gesto de despedida e foi para o carro-patrulha. Pela primeira vez em muito tempo, sentiu vontade de visitar o rancho.

O domingo amanheceu quente e ensolarado. Desde que Brandon fora buscá-lo, Zach não tinha parado de falar. Do banco traseiro, fez muitas perguntas e Brandon conseguiu responder a todas, sem se incomodar com o entusiasmo do menino de sete anos.

Nora passou o tempo a contemplar a vasta paisagem verde pela janela. Oriunda do sul da Califórnia, não estava habituada a tanto espaço aberto. Era agradável não ter de se preocupar com o

trânsito ou com a proximidade dos vizinhos.

– Olha, mamã! – gritou Zach. – Cavalos.

Tinham saído da estrada e passavam ao lado de uma cerca branca atrás da qual pastavam vários cavalos.

– Aqueles são alguns dos potros de Hank.

– Quer dizer que são animais selvagens? – perguntou o menino.

– Não são assim tão selvagens, já que o meu irmão Jay trabalhou

arduamente para os domar. Dentro de algumas semanas, Hank vai leiloá-los para lhes dar um bom lar.

Atravessaram um arco que dizia: «The Randell Guest Ranch Fund. 1933».

– Ena, é um rancho realmente antigo! – comentou Zach.

– Sim, é – Brandon assentiu, sentindo orgulho do seu legado. – O meu bisavô Moreau foi o seu primeiro dono. Houve muitos anos bons, mas, às vezes, custa seguir em frente só com a criação de gado. De

modo que agora também é um rancho para hóspedes.

– E, assim, as pessoas podem vir andar a cavalo, como eu?

Brandon conduziu pelo caminho de cascalho.

– Sim e podem fazer caminhadas pelos caminhos naturais e observar as aves. Algumas pessoas gostam inclusive de ajudar na recolha do gado.

– Ena! – os olhos do menino abriram-se muito. – Eu também quero fazer isso.

Nora estava espantada com a forma como Zach se mostrava descontraído na companhia de Brandon. Nunca tivera um modelo masculino positivo.

– Veremos – disse ao menino, enquanto olhava para vários edifícios anexos, um celeiro grande e um estábulo. Todos estavam em perfeito estado, pintados de um branco reluzente.

Brandon parou a carrinha diante de um edifício com o logótipo do rancho pintado na porta. Saiu, abriu

a porta de trás e ajudou Zach a sair do veículo alto. Antes que Nora pudesse sair, Brandon já tinha contornado a carrinha e também a ajudava.

– Obrigada – disse-lhe, sentindo uma ligeira agitação pela sua proximidade. Há muito tempo que não sentia o contacto terno de um homem. Mas, na última semana, as mãos de Brandon Randell tinham-se tornado muito familiares. Os seus olhos encontraram-se e ela sentiu imediatamente mais calor.

– Ao seu serviço, minha senhora – replicou ele, com voz rouca. Olhou para ela e pareceu-lhe fantástica com as suas calças de ganga justas e a blusa azul.

Regra geral, não tinha muitos problemas com as mulheres e ser um Randell tampouco o tinha dificultado. A sua única relação séria tinha acontecido por ser quem era. Diana só quisera casar-se com um dos herdeiros da dinastia rancheira dos Randell. Mas, quando ele escolhera a carreira de agente da

lei, tinha-o abandonado. Desde a rutura, não tivera muita vontade de retomar o ciclo dos encontros.

Entretanto, Nora Donnelly fazia com que desejasse mudar isso.

– Alegra-me que tenhas vindo.

Ela desviou o olhar.

– Zach precisa.

– E tu, Nora? Do que precisas tu?

Pareceu surpreendida pela pergunta.

– De manter o meu filho são e salvo.

– E eu também quero manter-te

a salvo, Nora.

– Assim que encontrares Pete Carlson, estarei. E já não terás de me proteger.

Antes que pudesse responder, Brandon ouviu que o chamavam. Virou-se enquanto os seus pais se dirigiam para ele.

– Vieste! – a sua mãe abraçou-o e, em seguida, agarrou a mão de Nora. – Alegra-me muito que pudessem vir.

– Obrigada por nos convidar, senhora Randell.

– De nada e lembra-te de que o meu nome é Abby – olhou para o seu marido. – Nora, apresento-te o meu marido, Cade. Cade, Nora Donnelly.

Apertaram-se a mão, enquanto Abby olhava para o filho de Nora.

– E tu deves ser Zach. O meu nome é Abby e sou a mãe de Brandon, e este é Cade, o seu pai. Bem-vindo ao Rancho Randell.

O menino assentiu.

– Obrigado por me convidar. Nunca tinha estado num rancho a

sério.

– Então, alegra-me ainda mais que tenhas vindo. Levar-te-ei a conhecer alguns dos outros meninos – Abby olhou para Nora. – Há muitos meninos mais velhos que vigiam os mais novos. Agora, estão na sala, concentrados nos videojogos. Um pouco mais tarde, provavelmente, irão passear a cavalo.

– Boa! – exclamou Zach, encantado.

Brandon sentiu que Nora ficava

tensa, mas a sua atenção concentrou-se em Hank, quando se uniu ao grupo.

– Avô – cumprimentou-o Brandon.

Passadas as apresentações, Hank agarrou a mão de Nora.

– Lamento pelo incidente que sofreste. Como estás?

Ela ruborizou-se.

– Muito melhor, obrigada.

Hank assentiu e, em seguida, olhou para o menino.

– Ouvi dizer que te chamas Zach

e que hoje queres andar a cavalo – o menino de sete anos fez um gesto afirmativo com a cabeça. – Pois, vieste ao lugar certo – o avô olhou em direção ao estábulo. – Deve haver algum pónei por aqui. Vejamos, penso que Pepper seja perfeito para ti – voltou a olhar para Zach. – Agora, devemos arranjar-te um chapéu. Um cobói precisa de proteger os seus olhos do sol para realizar o seu trabalho – puxou o chapéu para trás enquanto observava as sapatilhas do menino.

– E um par de botas. Não queremos que os teus pés escorreguem dos estribos, pois não?

Zach voltou a abanar a cabeça.

– Não tenho chapéu, nem botas de cobói.

– Não te preocupes. Aqui, há muitas... Encontraremos umas do teu número – inclinou-se para o menino.

– Mas essa é a parte difícil. Necessitamos que a tua mãe nos dê permissão. Segundo a minha experiência, a doçura resulta

sempre com as mulheres. Portanto, vai mostrá-la, filho – deu um empurrãozinho a Zach em direção à sua mãe.

– Oh, mamã, posso andar a cavalo, por favor? Têm um cavalo para mim e tudo.

Brandon disfarçou um sorriso. O rapaz sabia como fazê-lo.

Nora olhou para Hank, com expressão preocupada.

– Disse que é um pónei?

Hank assentiu.

– Sim, senhora. Pepper é o

animal mais dócil do rancho. As crianças montam-no constantemente.

– Está bem – concedeu, fazendo com que Zach começasse a dar saltos de alegria.

– Ficaremos no picadeiro – prometeu Hank. – Estás convidada a acompanhar-nos.

– Acho que o farei – empreendeu a marcha na companhia de Abby.

Mas Brandon ficou para trás com o seu pai.

– É uma mulher bonita –

comentou Cade. – Foi ela que te manteve tão ocupado?

Brandon não queria falar daquele assunto naquele dia.

– Não, mas o seu caso.

Cade suspirou.

– Compreendo que estejas ocupado, filho, mas está na hora de nos reunirmos com Jay e Kristin, e tomarmos algumas decisões sobre o futuro. O que te parece se o fizermos quando a tua irmã vier da universidade para a recolha do gado?

Olhou para o seu pai. Cade Randell sempre tinha sido maior do que a vida. Todos os irmãos Randell.

Brandon tinha apenas sete anos quando Cade voltara para San Angelo e descobrira que tinha um filho. Desde aquele dia, sempre se tinha esforçado para fazer com que o seu pai se sentisse orgulhoso dele, mas dava a impressão de que ultimamente tinha falhado.

– Como acabei de começar no meu novo cargo, terei de o

confirmar.

O seu pai assentiu.

– Agora, mais do que nunca, precisamos de deixar tudo tratado. É a única coisa justa para todos.

Brandon queria que as coisas continuassem como sempre.

– Porquê? Jay dirige muito bem o rancho. Cade endireitou-se.

– Neste momento, está a dirigir a tua propriedade...

Levantou a mão para deter o resto dos protestos do seu pai.

– Está bem. Podemos falar do

assunto mais tarde? Quero desfrutar do dia.

A expressão de Cade suavizou-se.

– Suponho que te apeteça mais estar com uma morena de olhos azuis do que com o teu pai.

Brandon também sorriu.

– A verdade é que sim.

– Então, é melhor que vás antes que Jay comece a seduzi-la.

Brandon franziu o sobrolho.

– Isso jamais acontecerá.

Cade Randell riu-se enquanto caminhavam para o picadeiro.

– Olha, mamã, estou a montar um cavalo!

– Estou a ver, Zach – replicou Nora, do cimo da cerca do picadeiro. Estivera a observar o seu filho desde que saíra do estábulo com as botas e o chapéu emprestados. Há muito tempo que não o via tão feliz.

Sentado em cima de Pepper, um pónei preto e branco, estava acompanhado de duas jovens Randell que caminhavam ao seu lado e o animavam. Mais alguns

meninos estavam sentados na cerca, todos eles a animarem-no também. Era Brandon quem conduzia o cavalo pelo picadeiro.

Quando desceu do pónei, todos assobiaram e aclamaram, e aproximaram-se para chocar as mãos com ele. Nora conteve as lágrimas, dando-se conta de repente do quanto Zach estivera a perder. Que tipo de vida dera ao seu filho?

Pensou em alguns meses antes e na sua vida com Jimmy. Embora se tivessem divorciado há mais de dois

anos, ele nunca a libertara. Juntamente com as ameaças e os abusos, tinha utilizado o seu filho como um instrumento de negociação para a manter na casa de San Diego.

A única coisa boa de tudo aquilo fora que Jimmy não tivera tempo para o seu filho Zach. Mas, a seguir, as coisas tinham-se tornado tão imprevisíveis para o menino, que soubera que tinha de fazer alguma coisa. De modo que, assim que surgira a oportunidade, planeara a

fuga.

Houve um alarido na entrada do estábulo e Nora viu Brandon a sair montado num bonito e reluzente cavalo preto. O animal correu à volta do picadeiro, enquanto o cavaleiro tentava controlá-lo. Tinha o olhar cravado no homem que montava com segurança e que não demorou a conseguir que o animal trotasse pela areia.

De repente, uma versão mais jovem de Brandon sentou-se junto dela na cerca.

– Olá, sou Jay, o irmão fanfarrão. Não só sou mais bonito e inteligente, como também sei montar muito melhor – dedicou-lhe um sorriso que mostrou as suas covinhas.

Nora virou a cabeça quando uma adolescente subiu e passou uma perna por cima da cerca.

– Olá, sou Ellie – disse, sentando-se também. – Prima de Brandon e de Jay. Sou filha de Chance e Joy. Chance é um dos irmãos Randell originais,

juntamente com Cade e Travis – a loira bonita sorriu. – Posso nomear o resto dos tios e tias, e também os primos, mas, então, teria de explicar todos os pormenores sórdidos da família. E isso levaria uma eternidade. Sabias que o nosso avô era ladrão de gado?

Nora mostrou-se surpreendida.

– Hank?

A rapariga abanou a cabeça.

– Não, Jack Randell. Hank acolheu os tios Chance, Cade e Travis quando Jack foi para a prisão

– franziu o nariz. – Mas já todos o compensaram, desde que Jack voltou, necessitado de um transplante de medula.

Nora não soube o que dizer.

– Eh, miúda – disse uma voz familiar, – pensas escrever um livro?

Observaram Brandon a aproximar-se a cavalo, com o seu filho sorridente sentado diante dele.

– Olá, mamã!

Ficou atónita.

– Olá... – olhou para Brandon.

Sorriu-lhe com ar tranquilizador.

– Montei toda a minha vida – olhou fixamente para ela. – E não deixarei que nada lhe aconteça.

Pela primeira vez em muito tempo, confiou num homem.

– Eu sei.

O seu filho segurou o chapéu ao mesmo tempo que levantava a olhar para Brandon.

– Podemos ir mais depressa?

Brandon dedicou-lhe um sorriso travesso.

– Possivelmente.

Antes que Nora pudesse manifestar o seu protesto, ele estalou a língua, agitou as rédeas e virou o animal. Não demoraram a ganhar velocidade no picadeiro, até que o cavalo empreendeu o galope. Com igual celeridade, parou no centro, começou a retroceder e, em seguida, iniciou um círculo perfeito. Parou novamente e seguiu na outra direção. Quando o exercício terminou, toda a gente aclamou e os dois aproximaram-se dela.

– Foi divertido, mamã.

– Nem tanto para mim – murmurou ela, tentando acalmar o seu coração enquanto sorria ao seu filho.

Jay saltou da cerca e ajudou Zach a descer do cavalo.

– Ainda tens jeito, Brand.

Brandon deu uma palmada no pescoço do cavalo.

– Shadow continua a ser o melhor – olhou para Nora, enquanto o animal se afastava para um lado. – Agora, é a tua vez.

Ela abanou a cabeça.

– Não, passo.

– Vai, mamã, é divertido – insistiu o seu filho. – Brandon não te deixará cair.

Antes que pudesse tomar uma decisão, ele aproximou-se com o cavalo. Inclinou-se, passou-lhe um braço pela cintura e levantou-a da cerca como se fosse uma pluma.

– Brandon! – ofegou e agarrou-se com força ao seu pescoço.

– Não te preocupes, já te agarrei – sussurrou-lhe ao ouvido. – Está tudo bem. E, agora, passa a perna

por cima do cavalo.

Conseguiu fazê-lo e acabou no seu colo.

– Apesar de gostar muito de te ter onde estás – continuou ele, com um sorriso tenso. – Acho que será mais fácil cavalgar se te sentares só na sela – com facilidade, levantou-a um pouco e deslizou-a para a garupa do animal, rodeando-a com os braços para agarrar as rédeas e conduzir o cavalo para o centro do picadeiro.

– Por favor, não vás muito

depressa – pediu ela.

– É a nossa primeira vez, iremos devagar e relaxados – murmurou ele.

Nora era tão consciente da força e do calor daquele homem, que ficou aturdida. De um modo positivo. E isso assustou-a.

– Estás a gozar comigo? – perguntou.

– Nunca – replicou, com voz rouca. – Confia em mim, Nora. Não deixarei que nada te faça mal.

– Não podes fazer essa promessa.

– O que te parece se te prometer fazer tudo o que esteja ao meu alcance para te manter a salvo?

Tentou sentar-se direita para não estabelecer contacto com o seu peito, mas era impossível. Por fim, rendeu-se e apoiou-se nele, desfrutando do movimento suave do cavalo.

Custou a Brandon não reagir a Nora. A fragrância do seu cabelo. A sensação do seu corpo esbelto colado a ele. Como podia um homem manter a cabeça no lugar?

Impossível!

E precisava de ter a cabeça no lugar para se concentrar no seu agressor, mas bastava-lhe olhar para ela para ficar desorientado. Os seus olhos hipnotizavam-no, a sua boca sensual fazia com que desejasse prová-la e o seu corpo enchia-o de sonhos. Sim, desejava-a. O problema era que ela não queria saber nada dele.

– Nenhum de vocês os dois sabe montar. Poderia ensinar-vos, a Zach e a ti. Há um lugar muito bonito em

Mustang Valley, onde abundam cavalos selvagens.

– Não é uma boa ideia. Zach é diabético... Tenho de estar muito atenta.

Brandon desconhecia como podia ser difícil encarregar-se de um menino doente.

– Poderia ajudar-te. Sei que és enfermeira, mas eu estou a tirar um curso de primeiros-socorros.

Sentiu a sua hesitação.

– Escuta, Brandon. Foste muito amável ao convidar-nos a vir ao

rancho hoje, mas não procuro uma relação. E não seria justo para ti dar-te esperanças.

Nem sequer lhe dava uma hipótese.

– Porque não deixas que seja eu a preocupar-me comigo? Além disso, eu só quero passar tempo contigo e com Zach.

– Dedico todo o meu tempo ao meu trabalho e ao meu filho.

– Agora, estás aqui comigo – disse e olhou para o grupo de crianças que rodeava o seu filho.

Sorriu. – Zach parece bastante feliz. O que te faria feliz, Nora?

Quando levantou o olhar para ele, viu a tristeza nos seus olhos.

– Não preciso de nada.

Brandon parou Shadow no lado oposto do picadeiro, longe dos olhares curiosos.

– Sem dúvida, desejas alguma coisa, Nora. Possivelmente, eu poderia ajudar.

Aqueles olhos azuis brilharam e ela desviou o olhar.

– Ninguém pode ajudar-me.

Com gentileza, levantou-lhe o queixo.

– Deixa-me tentar, Nora. Toda a gente precisa de alguma coisa... De alguém – incapaz de resistir, inclinou-se e roçou-lhe os lábios com os dele. Foi um beijo gentil, mas fez com que ela ofegasse. Brandon retirou-se e viu a sua expressão surpreendida. – Tu também o sentes, não é? Está a acontecer alguma coisa entre nós.

Capítulo 4

Antes que Nora pudesse dar-lhe a sua resposta, Brandon ouviu que alguém os chamava e olhou para o grupo que havia junto da cerca. O seu irmão agitava o braço enquanto segurava Zach.

– Zach! – gritou Nora.

– Agarra-te – Brandon esporeou os flancos do animal e atravessaram o picadeiro a galope. Desceu do cavalo e ajudou-a a fazer o mesmo.

Correu para seu filho.

– Zach?

– Eu... estou bem, mamã – as palavras saíram-lhe espessas.

Nora olhou para Brandon.

– Necessito da minha maleta. Está na parte de trás da tua carrinha.

Não pensava afastar-se do seu lado.

– Jay, vai buscá-la. Vemo-nos em casa.

Enquanto o seu irmão se ia embora seguido de alguns dos meninos, Brandon pegou em Zach ao colo.

– Eh, Zach, o que te parece de irmos para dentro, que está mais fresco?

– Não quero ir para casa – insistiu o menino, fracamente.

– Primeiro, vamos fazer com que te sintas melhor, companheiro – disse, dirigindo-se para o rancho.

Jay juntou-se a eles no alpendre e manteve a porta aberta. Brandon levou Zach para a cozinha. A sua mãe estava sentada à mesa com algumas das suas tias. Levantou-se.

– O que aconteceu?

– Zach excedeu-se um pouco – explicou, enquanto ia para a sala de estar. Depositou o menino sobre o sofá de pele e afastou-se enquanto Nora começava a trabalhar.

Depois de abrir a maleta, analisou o nível de açúcar no sangue de Zach. Em seguida, tirou

os comprimidos embalados individualmente.

– O seu nível de açúcar no sangue está baixo – explicou. – Necessita de um comprimido de glicose.

Brandon piscou um olho a Zach e ajoelhou-se junto da mãe e do filho.

– Eh, Zach, vai correr tudo bem... – afastou o cabelo do menino da testa.

– Eu... perdi o meu chapéu – disse Zach, ensonado.

Brandon sentiu um nó no peito.

Não gostava de se sentir tão impotente.

– Aposto que conseguiremos encontrá-lo.

Passaram dez minutos, até que Zach começou a sentir-se melhor.

Brandon olhou por cima do ombro e viu a sua mãe à porta. Com um copo de sumo de laranja e um prato com dois bolos, dirigiu-se para eles e entregou-lhos.

– Obrigado – disse-lhe e olhou para o menino no sofá. A cor tinha regressado às suas faces e os olhos

estavam mais brilhantes.

– Tens sede ou fome, Zach?

Assentindo, o menino endireitou-se, aceitou o copo e bebeu.

– Obrigado – disse ao devolver-lho.

– De nada, filho.

– Lamento ter-me sentido mal.

– Alegra-nos que estejas bem – disse Abby.

Nora voltou a medir o nível de açúcar.

– Já está normal.

Abby sorriu.

– Zach, os outros meninos decidiram que querem ver um filme antes do jantar. Guardaram um lugar para ti na sala de jogos. Se a tua mãe me disser de que tipo de canapés gostas, levar-tos-ei.

Zach olhou para a sua mãe.

– Por favor, posso ir ver o filme?

Nora franziu o sobrolho.

– Zach, possivelmente, devíamos dar o dia por terminado.

– Mas, mamã, agora, sinto-me bem. Por favor...

Naquele momento, apareceu a adolescente Ellie, com um chapéu de cobói na mão.

– Eu cuidarei dele, senhora Donnelly. Diga-me o que tenho de controlar.

Nora olhou para o seu filho.

– Está bem, mas, se começares a sentir-te mal, deves dizer-me.

– Prometo – sentou-se devagar e *rodeo*u-lhe o pescoço com os braços. – Obrigado, mamã. Este é o melhor dia da minha vida – em seguida, levantou-se e deu a mão a

Ellie. Os dois saíram juntos.

– Ficará bem, Nora – Brandon colocou-se atrás dela, com a intenção de a tranquilizar. – Estará lá em baixo e poderás ir vê-lo quando quiseres.

De repente, a sala começou a esvaziar-se enquanto Nora guardava as coisas que tinha usado. Brandon pôde ver que tinha as emoções à flor da pele. Desde a morte do marido, tivera de se encarregar sozinha da doença do filho. Descobriu que queria partilhar um

pouco da carga.

Sentou-se na otomana próxima do sofá.

– Eh, Nora, Zach já está bem...

Ela guardou o medidor de glicose na maleta.

– Deveria ter estado a vigiá-lo.

– Não podes estar sempre a fazê-lo. Agora, já todos sabemos a que sinais estar alerta.

Ela olhou para ele.

– Tenho de estar. Há muito tempo que aprendi a depender só de mim mesma.

– Não tens mais família que te ajude?

Nora abanou a cabeça.

– Em criança, éramos só a minha avó, a minha mãe e eu. As duas já tinham morrido quando fiz catorze anos.

Aquilo era difícil. Agarrou-lhe a mão.

– Não poderias apoiar-te só um pouco em mim?

Fracamente, tentou retirar a mão.

– Não costumo procurar apoios

com facilidade, Brandon. Além disso, não seria justo para ti.

– Justo? Pensas que, porque o teu filho é diabético, não conseguiria aguentá-lo? Que não quereria voltar a ver-te, conhecer-te a ti e a Zach um pouco melhor?

– Não, não posso dar-te o que necessitas. Já não tenho relações – desviou o olhar.

Ele perguntou-se o que poderia tê-la levado a tomar semelhante decisão. O seu marido morto?

– Bom, para que saibas, Nora, os

homens Randell não desistem com facilidade.

Às nove horas daquela noite, estavam a caminho de casa. Zach tinha adormecido no banco de trás e Nora pensava no dia perfeito. Não sabia como catalogar os Randell. A generosidade e a amizade que ofereciam eram sinceras, tal como o carinho mostrado por Zach. Não tinham tratado o seu filho de maneira diferente de qualquer outro menino Randell. Como

poderia não querer algo parecido para ele?

Entretanto, devia resistir àquele sensação quente e segura de família. E, essencialmente, devia resistir a Brandon. Sem importar o tempo que desejasse passar com aquele homem, não podia. Sem importar que começasse a surgir um carinho por ele, não podia permitir que se envolvesse no caos que era a sua vida.

– Estás muito calada – disse Brandon, na escuridão do

habitáculo.

– Estou apenas a relaxar e a desfrutar do silêncio.

– A minha família consegue ser um pouco excessiva – comentou, com tom risonho. – Acho que Zach se divertiu hoje.

– Muito – virou-se para ele e observou o seu perfil. Era um homem atraente. – Não consigo agradecer-te o suficiente por nos convidares, mas...

– Tem de haver sempre um «mas», Nora? – virou para a sua

rua. – Não podes dizer que gostaste do dia que passámos juntos e que farás planos para outra ocasião?

Temia fazê-los. Não era seguro continuar em frente.

– Não posso.

Quando travou diante do seu apartamento, Brandon olhou por cima do ombro para Zach. Desapertou o cinto de segurança e inclinou-se para ela.

Nora sentiu pânico.

– Fica a saber, Nora Donnelly, que farei o que esteja ao meu

alcance para que mudes de ideias – murmurou, enquanto se aproximava.

Nora não tinha medo de Brandon Randell. Não temia que lhe fizesse mal fisicamente. Mas não tinha dúvidas de que o seu coração corria perigo.

Ofegou, expectante, quando a mão dele lhe agarrou o queixo. Não podia negar que o desejava. Desejava a sua ternura, o seu contacto... os seus beijos. Não a dececionou. Apoderou-se da sua

boca e a situação não demorou a intensificar-se, provocando calor entre ambos. A língua dele tocou-lhe nos lábios e separou-os para entrar na boca. Ela agarrou-lhe a camisa e sob os dedos sentiu o peito sólido e o coração poderoso.

Com um gemido, aproximou-se e colocou o corpo ao de Brandon, ansiosa pelo contacto, uma ligação que não experimentava há muito tempo. Mas, no fundo, sabia que não podia perder a determinação. Não naquele momento. Poderia

significar a perda do que era mais importante para ela: o seu filho.

Afastou a boca da sua.

– Para! – ofegou. – Não posso fazê-lo.

Também ele respirava agitadamente.

– Está bem, possivelmente, é muito cedo.

Ela olhou para o banco de trás e, em seguida, para ele. A luz de segurança revelava a intensidade e a necessidade do seu olhar.

Teve de desviar o olhar.

– Não, Brandon, é mais do que isso. Não podemos começar nada.

– Já o fizemos, Nora. Esteve aqui, entre nós, desde o início.

– Então, agora, vai acabar – fez uma pausa. – Desculpa-me. Nunca pretendi enganar-te.

– Quem é que te fez mal, Nora? – perguntou ele, depois de a observar. – Que homem te tornou tão desconfiada?

Deixou de olhar para ele, odiando o modo como tinha sido capaz de a ler.

– Foi há muito tempo – abanou a cabeça. – E já não é importante.

Tocou-lhe no queixo com o dedo e fê-la virar-se para ele.

– É importante, Nora, porque estás a tornar-te importante para mim.

As lágrimas encheram os seus olhos, mas não podia deixar que debilitasse a sua decisão.

– Não, não digas isso. És um detetive que trabalha no meu caso. Só isso.

Do banco de trás chegou um som

suave e ela sentiu-se aliviada quando o seu filho se endireitou, esfregando os olhos.

– Já estamos em casa?

– Sim, querido – informou-o. – E é melhor que te leve para a cama. Já é tarde.

– Muito bem, companheiro – disse Brandon. – Acho que já recebemos as nossas ordens – dedicou a Nora um último olhar e saiu do carro. Abriu a porta de trás, tirou o cinto a Zach e pegou-lhe ao colo.

Ela sentiu um aperto no coração ao ver aquele homem grande a segurar o seu filho. Ele esperou por ela e subiram juntos os degraus.

– Hoje, diverti-me muito, Brandon – comentou Zach. – Obrigado por me levares ao rancho.

– De nada, miúdo. Terás de voltar para o *rodeo*.

Nora não queria que fizesse planos para eles.

– Podemos ir, mamã? Podemos ir ao *rodeo*?

Nora abriu a porta, entrou e

acendeu a luz.

– Veremos, querido.

O rapaz franziu o sobrolho.

– Dizes sempre isso. Provavelmente, significa que não.

Antes que o menino pudesse discutir, Brandon interveio:

– Parece-me justo. E, agora, está na altura de ires para a cama. Onde é o teu quarto?

Apesar de desejar que partisse, Nora assinalou o fundo do corredor e foi buscar um pijama para o seu filho. Quando voltou, ouviu risadas

e descobriu que Brandon tinha tirado as calças de ganga e a camisa a um jovial Zach. Pegou no pijama e em poucos segundos o seu filho estava vestido para dormir.

Com igual naturalidade, abraçou o menino. Em seguida, afastou-se e deixou que ela beijasse o filho.

– Boa noite, Brandon. Boa noite, mamã – disse o menino, antes de se deitar de lado.

– Boa noite, Zach – disseram em uníssono.

Brandon fechou a porta, mas não

partiu. Abraçou Nora. Que Deus a ajudasse, mas ela deixou-se levar. Não houve hesitação alguma quando lhe capturou a boca com um beijo ardente que a fez respirar com dificuldade e lhe acelerou o coração. Por fim, ele interrompeu-o.

Tinha um olhar intenso.

– Certifica-te de trancar a porta, Nora – virou-se e atravessou a porta.

Ela necessitou de todas as suas forças para se conter de lhe pedir que voltasse. Disse a si mesma que

era o melhor.

Na semana seguinte, Brandon caminhava, inquieto, pelo escritório que tinha no gabinete do xerife. Dizia a si mesmo que era porque não estava habituado a ficar num escritório. Durante os últimos quatro anos, andara nas ruas com o seu carro-patrulha. Sendo detetive, já não dispunha desse luxo. Dava a impressão de que a maior parte do seu trabalho era levado a cabo por telefone ou diante de um

computador.

E, para ser sincero consigo mesmo, enquanto olhava pela janela reconheceu que quem o tinha mantido acordado fora Nora Donnelly. Sentia a sua falta. Mais do que gostava de reconhecer. O dia do churrasco tinha sido o melhor dia do mundo para ele. Tinha pensado que ela tinha sentido o mesmo, mas tinha-se enganado. E não podia fazer nada para que mudasse de ideias.

O telefone tocou e foi até à mesa

para o atender.

– Randell.

– Brandon?

Sorriu ao ouvir a voz da sua mãe.

– Olá, mamã. Como estás?

– Eu estou bem, mas o teu pai teve um acidente

Secou-lhe a boca.

– O que se passou?

– Ficou preso num arame farpado.

– É grave?

Ella suspirou.

– Bom, não se opôs quando o

trouxemos para o hospital. Estamos no West Hills.

– Chegarei em dez minutos.

Pegou no chapéu e saiu a toda a velocidade, parando na receção para explicar a situação. Respirou fundo e disse a si mesmo que o seu pai ia ficar bem. Era forte e saudável. Arrancou com o carro, sumido num redemoinho de emoções. Não se tinha sentido assim desde os sete anos, quando Cade Randell lhe tinha chamado «filho» pela primeira vez.

Nora olhou para o sobrenome «Randell» na papeleta. O coração acelerou-lhe ao pensar em Brandon. Não se tranquilizou ao ver o nome «Cade».

Entrou no quarto e viu Cade Randell sentado na cama, a agarrar o braço envolto numa toalha ensanguentada. Abby estava ao seu lado. Também havia mais dois homens no espaço reduzido. Os irmãos de Cade: Chance e Travis.

Abby olhou na sua direção.

– Oh, Nora... Alegra-nos tanto que estejas aqui –sorriu e atravessou o quarto.

– Olá, Abby. Cade – e assentiu em direção aos irmãos.

– Olá, Nora – disseram em coro os irmãos Randell.

Foi até à cama e abriu a toalha que cobria o braço ferido, e viu diversas lacerações profundas na pele.

– Como aconteceu?

– O meu irmão ficou preso em arame farpado – disse Chance,

dedicando-lhe o sorriso contagiante dos Randell. – Pensava que, depois de tantos anos, saberia como colocar arame farpado.

Cade franziu o sobrolho.

– Podes partir quando quiseres, mano – disse-lhe. – De facto, os dois podem fazê-lo... Estou nas mãos capazes destas mulheres.

Aquilo recebeu respostas grosseiras dos irmãos enquanto Nora continuava a examinar mais feridas no braço e nas costas de Cade. Em seguida, mediu-lhe os

sinais vitais.

De repente, a cortina abriu-se e Brandon apareceu do outro lado. Olhou para o seu pai, com expressão preocupada.

– Papá?

– Olá, filho – Cade sorriu. – O que fazes aqui?

– A mamã telefonou-me – não desviou o olhar do braço ensanguentado de Cade.

O seu pai gemeu e apoiou a cabeça na almofada.

– Não poderei esquecer isto.

Travis sorriu.

– Provavelmente, não, mas pensa nas cicatrizes fanfarronas com que vais ficar.

– Saiam! – ordenou Abby, assinalando os seus dois cunhados. – Temos de dar espaço a Nora para que trabalhe. E vocês estão a irritar o paciente.

Os nervos de Brandon relaxaram ao ver que o seu pai não estava em muito má forma. Foi para o outro lado da cama e abraçou a sua mãe, o que também lhe permitiu observar

Nora a trabalhar. Parecia uma profissional com o cabelo apanhado numa trança. Como é que alguém podia ficar tão sensual com o uniforme de um hospital? Ela ficava. Então, ela olhou para ele.

– Olá, Brandon.

Engoliu em seco.

– Nora – desviou o olhar. – Precisas de alguma coisa, papá?

Cade gemeu.

– Sim, de ser vinte anos mais jovem e mais rápido. Assim, poderia ter-me desviado.

Mas Brandon não conseguia imaginar o que fazia o seu pai a colocar arame farpado. Não tinham contratado empregados para aquele trabalho?

Antes que pudesse perguntar-lho, entrou um médico e pediu a todos, menos a Abby, que partissem. Brandon sentiu-se quase aliviado por sair e ir para a sala de espera com os seus tios.

– Eh, não estejas tão preocupado... – disse-lhe Chance ao dar-lhe um abraço. – O teu pai é

resistente. Ficará bem, em especial, se for a tua linda enfermeira a cuidar dele.

– Não é a minha linda enfermeira – negou Brandon.

Travis uniu-se a eles.

– Todos dissemos o mesmo em algum momento da vida – passou um braço pelos ombros do seu sobrinho.

– Então, de onde vêm todas aquelas faíscas que andam à vossa volta?

Brandon não lhe prestou

atenção.

Chance ficou sério.

– Dá-lhe tempo, filho.

– Não creio que o tempo vá fazer com que Nora mude de ideias.

– Não, mas tu, sim – indicou Chance. – Além disso, desde quando é que os homens Randell fazem as coisas da maneira fácil?

Capítulo 5

Horas mais tarde, depois de o seu pai ter recebido alta e regressado a casa, Brandon voltou ao West Hills. O seu turno já tinha acabado e ia a caminho do seu apartamento quando se lembrou de Nora. Sairia do trabalho de noite, sozinha e

aquele pensamento bastou para que rumasse ao hospital.

Disse a si mesmo que queria certificar-se de que a acompanhariam até ao carro, mas não queria que ficasse a par da sua presença ali. E, se descobrisse, podia sempre dizer-lhe que estava a verificar a segurança do local.

Estacionou a carrinha e dirigiu-se para a entrada, encostando-se à parede. Passado algum tempo, um grupo de enfermeiras saiu pelas portas automáticas. Nora não

figurava entre elas. Em seguida, saiu outro grupo, mas tampouco estava nele.

Por fim, aproximou-se de uma enfermeira que reconheceu de um interrogatório anterior.

– Desculpe, é Megan, não é?

A loira bonita sorriu-lhe.

– Ena, olá, detetive Randell! O que o traz por aqui? – deixou de sorrir. – Aconteceu mais algum ataque?

– Não. Até agora, está tudo bem. Só vim certificar-me de que chegam

a salvo aos vossos carros.

– É muito amável.

– É o meu trabalho – olhou à sua volta. – Não vejo Nora Donnelly. Já saiu?

– Vi-a no vestiário das enfermeiras – Megan olhou por cima do ombro. – Deve estar a sair.

– Obrigado – disse, quando um segurança se dirigiu para o grupo. – Parece que chegou a vossa escolta. Boa noite – levou dois dedos ao chapéu e dirigiu-se para a porta.

Já não lhe importava que Nora

soubesse que estava ali. A única coisa que interessava era que chegasse a salvo ao seu carro.

Nora tirou o pulôver e a mala do cacifo e fechou-o. Estava exausta, mas tratava-se de um cansaço grato. Agradava-lhe voltar a trabalhar. O único aspeto negativo tinha sido ver Brandon. Desde aquele dia, odiava não ter sido capaz de o tirar da cabeça. Depois de um beijo, ele começava a abrir lentamente caminho para a sua cabeça e o seu

coração.

Por mais que se esforçasse, não conseguia deixar de pensar no modo como a tinha beijado, ao ponto de lhe custar pensar com clareza.

Não! Devia tirar Brandon Randell da cabeça.

Fechou o cacifo e vestiu o pulôver. Possivelmente, o melhor que podia fazer era não se arriscar e continuar em frente. Afastar-se de um homem que jamais poderia deixar que se aproximasse

demasiado dela. Não podia envolver Brandon no caos da sua vida. Se Jimmy descobrisse...

Saiu do vestiário para o hall deserto da parte de trás do hospital. De repente, abriu-se a porta da escada e apareceu um homem vestido com o uniforme verde do hospital. Não o reconheceu, já que tinha a cabeça curvada, mas o facto de não usar uma placa de identificação pô-la alerta. Acelerou o passo, mas não chegou longe.

Emitiu um ofego sonoro quando

a agarrou pelo braço e a puxou para a escada. Ofereceu resistência, mas era um homem muito forte.

– Por favor, largue-me! – gritou.

– Cala-te. Não vou fazer-te mal se obedeceres.

Sabia que era mentira. Olhou à sua volta, à procura de um escape, enquanto rezava para que alguém entrasse nas escadas.

Empurrou-a contra a parede.

– Preciso de falar contigo, Nora Donnelly.

Meu Deus! Sabia o seu nome.

– Por favor, tenho de ir para casa.

– E fá-lo-ás assim que me disseres onde está Karen.

Olhou-lhe de soslaio para a cara. Era o homem da fotografia que Brandon lhe tinha mostrado. Pete Carlson.

– Não sei onde está, senhor Carlson. Deve falar com o hospital.

– Estás a mentir... – resmungou, com os dentes cerrados e cheiro a álcool. – Estiveste com ela na noite em que veio aqui.

Nora tentou soltar-se.

– Não me lembro – mentiu outra vez, rezando para que aparecesse alguém. Pensou em Zach e soube que devia escapar.

– Sim, lembras-te! – gritou ele. – Isto tudo é por tua culpa. Tu disseste a Karen que me deixasse! – exclamou.

– Carlson! Larga-a!

Nora virou a cabeça e viu Brandon à porta. Apontava-lhes um revólver. De repente, as pernas cederam-lhe e caiu ao chão, libertando-se dos braços do homem.

O agressor desceu pelas escadas.

Brandon correu até ela.

– Nora, estás bem? Magoou-te?

– Estou bem. Por favor, apanha-o.

– Fá-lo-ei – assegurou-lhe, enquanto a ajudava a levantar-se. Nesse instante, apareceu o segurança. – Não te vás embora até que eu volte.

Solicitou reforços enquanto corria para o exterior. Olhou à volta e viu uma figura a correr para a parte de trás do estacionamento.

Chamou outro segurança e avançaram juntos entre as filas de carros estacionados. Não pensava perder aquele sujeito. Vários metros à frente, viu que uma silhueta se metia entre dois veículos.

Enquanto o perseguia, ouviu a sirene e, por fim, o carro-patrulha parou num dos corredores do estacionamento. Do carro saiu o ajudante Griggs.

Brandon não ia parar. Aquele tipo não ia escapar. Continuou à procura entre os veículos, até que

finalmente teve sorte e viu um par de botas do outro lado de um camião grande.

Agachou-se atrás de um carro e desembainhou a arma.

– Muito bem, Carlson. Vamos fazer com que isto seja simples – não obteve resposta. – Vá, sei que estás atrás do camião... Não tens para onde ir, portanto, não cometas nenhuma tolice. Se tiveres uma arma, deixa-a no chão e empurra-a com o pé. Em seguida, sai com as mãos atrás da cabeça.

Recebeu mais silêncio.

Olhou para a sua direita, para Griggs. Indicou-lhe com um gesto que ficasse ali enquanto ele contornava o veículo. A luz do estacionamento era ténue, mas pôde discernir a figura agachada atrás do camião.

Avançou em silêncio, sem deixar de lhe apontar a sua 45.

– Se fizeres alguma coisa, Carlson, garanto-te que isto acabará mal.

– Está bem! Está bem!

Levantou devagar as mãos e Brandon e Griggs aproximaram-se dele. Encostaram-no contra o camião e revistaram-no à procura de armas. Em seguida, Griggs algemou-o.

Levaram o suspeito para o carro-patrulha.

– Não ia fazer-lhe mal – garantiu Carlson. – Não lhe teria feito mal. Só queria saber onde está Karen.

Brandon teve de se esforçar para controlar a sua raiva.

– Usas a tua esposa como um

saco de boxe e queres saber onde se encontra? O que te parece de em qualquer lugar longe de ti? – apoiou a mão na cabeça do homem e meteu-o no banco de trás do carro-patrulha. – Desaparece-me da frente! – fechou a porta com força e olhou para Jason. – Leva-o para a esquadra da polícia. Irei mais tarde e ajudarei no relatório.

O ajudante assentiu e Brandon afastou-se. Uma vez capturado o agressor, os seus pensamentos centraram-se em Nora. Encontrou-a

na sala de espera, acompanhada do segurança. Parecia perdida, sentada na cadeira de plástico, com o telemóvel ao ouvido. Provavelmente, estaria a informar Millie de que chegaria tarde.

Quando chegou ao seu lado já tinha desligado. Escutou, atenta, enquanto interrogava o segurança a respeito de como o sujeito pudera entrar no hospital. O outro homem não pôde oferecer-lhe nenhuma resposta.

Ela levantou-se.

– Apanhaste-o?

– Sim.

Uma lágrima caiu pela sua face e foi como se uma flecha lhe atravessasse o coração. Odiava ver as mulheres a chorar e também soube que a Nora lhe custava revelar aquela fragilidade.

– Graças a Deus... – murmurou ela.

Brandon também queria sentir-se aliviado, mas todas as suas emoções buliam no seu interior. Para ele, Nora não era mais uma

vítima. Não deixava de pensar que a situação poderia ter terminado de forma muito diferente.

A sua fúria veio à superfície.

– O que fazias sozinha?

– Precisava de falar com a minha chefe. Não tinha ideia de que havia alguém na escada.

Ele fechou as mãos.

– Se eu não tivesse aparecido... – parou de andar de um lado para o outro e voltou para junto dela. – Magoou-te?

Ela abanou a cabeça e

apareceram mais lágrimas. Ele voltou a praguejar, enquanto apoiava as mãos nos seus ombros e, em seguida, as deslizava pelos seus braços. Parecia demasiado delicada para carregar tanto peso.

– Não sei o que teria feito se...

– Estava tão assustada, Brandon... – engoliu em seco e emitiu um soluço.

– Chiu, está tudo bem... Já passou e estás a salvo – afastou-se e os seus olhares encontraram-se. Inclusive assustada, notava uma

ligação que deitava faíscas. Percorreu-o uma descarga de calor.

Nora desviou o olhar.

– Detesto sentir-me assim. Insegura.

– Já acabou – queria que se apoiasse nele, protegê-la.

– Obrigada – suspirou. – Pedirei a Harry que me acompanhe até ao meu carro.

– Não, acompanhar-te-ei eu. Vou certificar-me de que chegas a casa.

Nora não discutiu.

Atravessaram as portas. Brandon

agradeceu pelo ar fresco e esperou que lhe esclarecesse as ideias.

– Tenho de prestar declarações ou algo parecido?

– Sim, mas pode esperar até amanhã – não queria perdê-la de vista naquela noite, no dia seguinte, nem nunca mais.

Chegaram ao carro dela. Nora virou-se e nos seus olhos enormes havia uma interrogação.

– Brandon, porque estavas no hospital?

Olhou-a fixamente.

– Porque achas, Nora? – segurou-a pelos braços, inclinou-se e beijou-a.

Rodeou-a com os braços enquanto lhe devorava a boca. Lenta e deliberadamente, queria prová-la até se saciar. Mas isso não aconteceria enquanto vivesse. Por fim, interrompeu o beijo e deu um passo atrás.

– Certifica-te de fechar bem as portas e espera até que traga a minha carrinha para te seguir até casa.

– Mas já apanhaste o culpado.

– Faz-me a vontade. Continuas abalada. Só quero certificar-me de que chegas bem a casa.

Assentiu.

– Está bem.

Na manhã seguinte, Nora estava sentada na cozinha. Sentia-se segura sabendo que tinham apanhado o seu agressor. Que Zach e ela já estavam realmente a salvo. E representava um alívio ainda maior saber que o atacante era Pete

Carlson.

Apesar de ser doentio, o homem queria vingar-se por ela ter ajudado a sua esposa. Haveria algum motivo para duvidar dele?

Não havia razão alguma para acreditar que Jimmy andava atrás dela. Errado. Não duvidava nem por um segundo de que o seu ex-marido tentaria localizá-la até ao dia em que um dos dois morresse. Fizera muito mais do que abandoná-lo. Roubara-o. Não roubara só dinheiro e o filho, mas algo muito mais

valioso. Era a única garantia que tinha para se livrar daquele louco com quem tinha sido suficientemente idiota para se casar.

Um problema solucionado, mas tinha surgido outro. Olhou para a carta do banco. Tinham tentado contactá-la no dia anterior, mas não tinham conseguido falar com ela. Pelos vistos, alguém tinha tentado entrar ilegalmente na sua conta. Tivera êxito ao levar-lhe as poucas centenas de dólares que tinha na

conta destinadas às contas da casa. O resto do dinheiro tinha-o sempre à mão. Caso tivesse de partir sem aviso prévio e sem deixar rasto. Um pensamento incómodo que não queria abandoná-la. Podia ter sido Jimmy.

Millie Carter aproximou-se com a sua chávena de café e sentou-se à mesa.

– Tens a certeza de que não queres que te acompanhe à esquadra da polícia?

Nora olhou para a sua vizinha.

– Sim. Primeiro, tenho de passar pelo banco e, em seguida, tratar de algumas coisas. Além disso, precisas de tempo para ti.

A mulher idosa bebeu café.

– Sim, não quero perder alguma oferta especial no canal de televendas. A única pessoa que conheço com uma vida social pior do que eu és tu – o seu olhar amável iluminou-se. – Certamente, tenho a esperança de que o detetive Randell mude isso.

Nora suspirou e pousou a sua

chávena.

– Não tenho tempo para encontros, Millie. Além disso, a minha relação com o meu marido...

– Não foi tão perfeita como queres fazer crer ao mundo – concluiu a mulher.

Nora baixou a olhar. Millie nunca fizera muitas perguntas. Se era curiosa, não o tinha mostrado. Nos últimos anos, Jimmy tinha-se certificado de que as suas amigas não tivessem vontade de aparecer. Millie Carter era um achado raro.

– Não posso falar disso.

– Não precisas de dizer nada, Nora. Só quero que saibas que um homem não deveria impedir-te de encontrar outro. Há homens bons – sorriu, com ternura. – E acho que Brandon Randell é um deles – mostrou-se pensativa. – Conheci o seu pai na escola. Cade era selvagem, mas todas as raparigas queriam a sua atenção, para não falar da dos outros Randell, Chance e Travis. Todos tiveram problemas em esquecer que o seu pai fora para

a prisão.

Nora sabia muito bem o que era ter um passado que se queria esquecer.

– Não sabia que conhecias os Randell.

Millie abanou a mão.

– Duvido que algum deles se lembre de mim. Só andavam atrás das raparigas bonitas como tu – bebeu outro gole de café. – E o teu Brandon está decididamente conquistado.

Nora experimentou um calafrio.

– Para! Não posso relacionar-me com nenhum homem. Tenho de concentrar toda a minha atenção em Zach.

– Não há razão para que não possas fazer ambas as coisas.

A Nora ocorria-lhe uma muito importante.

– Devia ir à esquadra da polícia – levou a chávena para o lava-loiça e pegou no casaco e na mala. As duas mulheres saíram juntas.

– Vejo-te esta noite, depois do teu turno – indicou Millie ao

dirigir-se para o seu apartamento, situado a duas portas de distância.

Nora tinha descido os degraus quando viu Brandon apoiado no carro-patrulha. Imediatamente, sentiu uma corrente de excitação. Estava muito atraente com sua camisa branca engomada, as calças caqui e as botas lustrosas. Levou uma mão ao chapéu naquele gesto típico de cortesia do Texas.

Sorriu e Nora teve de reconhecer mais uma vez que era um homem magnífico. Desceu o olhar para a

sua boca e as lembranças do beijo encheram-lhe a cabeça, fazendo com que o calor se concentrasse nas faces... e noutras partes.

– Nora.

– Brandon – conseguiu responder, enquanto o coração lhe disparava. – O que fazes aqui?

– Parece que essa é a tua pergunta favorita.

– Estás a seguir-me outra vez?

Ele afastou-se do carro.

– Queria certificar-me de que estavas bem e levar-te à esquadra

da polícia.

– Deveria conduzir eu. Também preciso de ir ao banco.

– Podemos parar lá primeiro.

Aproximou-se e pôde sentir a força que emanava dele, a sensação de amparo que projetava. Mas algo na sua expressão a inquietava.

– Há mais alguma coisa que queiras dizer-me?

– Pode haver um ligeiro problema.

– Qual?

– Carlson jura que não se

aproximou do estacionamento na semana passada, que nunca te agrediu.

O coração de Nora acelerou.

– Teve de ser ele.

Duas horas mais tarde, Brandon acabava de tomar nota da declaração. Nora não tinha sido capaz de identificar Carlson como o seu agressor da semana anterior. Ainda deviam confirmar o álibi do suspeito antes de poderem continuar em frente.

O lado positivo era que já fora

apresentada queixa contra Carlson pela agressão à sua esposa e ele não podia pagar a fiança. Portanto, por enquanto permaneceria numa cela. Brandon esperava que Karen Carlson não voltasse atrás na promessa de testemunhar contra o marido. Muitas mulheres faziam-no.

Até a sua própria mãe tinha ficado com o inútil do primeiro marido, Joel Garson. Nem um único dia deixara de estar agradecido por ter feito as malas e

partido.

Naquele momento, o seu telemóvel tocou e viu que era do rancho.

– Olá.

– Brandon – cumprimentou a sua mãe.

– Olá, mamã. Como está o papá?

– Impossível e teimoso.

Brandon sorriu.

– A fazer-te passar um mau bocado, não é?

– Não fica na cama, nem toma os analgésicos. Por outras palavras,

está a deixar-me louca. Achas que podes passar por aqui?

– E fazer o quê? Apontar-lhe uma arma? Acho que isso também não resultará.

– Espero que te ocorra algo melhor. Vai tirar os pontos.

Era o que lhe faltava!

– Precisa de voltar a ir ao médico?

A sua mãe suspirou.

– Tu e que exército vão levá-lo?

Brandon olhou para o relógio e, em seguida, olhou pela divisória de

vidro para Nora.

– Espera um minuto, mamã – foi até à porta. – Nora, o meu pai está a ter alguns problemas com os pontos e não quer ir ao médico. Achas que podes dar-lhe uma olhadela?

Ela olhou para o relógio de parede.

– Acho que tenho tempo.

– Obrigado, fico a dever-te uma – disse-lhe.

Dedicou-lhe um sorriso luminoso.

– Acho que sou eu quem te deve

uns quantos favores.

Pôde imaginar algumas coisas com as quais podia pagar-lhe, mas considerou mais inteligente manter a boca fechada.

Brandon ouviu a voz sonora do seu pai assim que abriu a porta traseira. Não soube se deveria dar meia volta e partir.

Olhou para Nora.

– Anda, mas prepara-te para te desviar de objetos voadores.

Conduziu-a até à sala e lá

encontrou o seu pai, sem camisa, a andar de um lado para o outro. A sua mãe tinha os braços cruzados e olhava, furiosa, para o homem com quem se casara. Estava habituado às discussões acaloradas dos seus pais, mas também sabia a paixão que sentiam um pelo outro. Queria o mesmo tipo de casamento.

Reinou o silêncio na sala.

Os dois viraram-se para ele. Abby sorriu.

– Brandon, Nora, ainda bem que chegaram.

Cade olhou para a sua esposa com olhos cintilantes.

– Então, pediste reforços. Isso é um golpe baixo, Abby.

– Não jogo limpo quando se trata da tua saúde. Como não querias ir ao médico, Brandon trouxe Nora.

Nora não hesitou. Atravessou a sala em direção a Cade Randell. Sorriu e Brandon sentiu ciúmes por o sorriso ser destinado ao seu pai.

– Olá, Cade – disse. – Ouvi dizer que teve alguns problemas com as suas feridas.

Brandon viu, espantado, como a expressão do seu pai se suavizava.

– Nada preocupante – indicou Cade. – Mas as ligaduras estão tão ensanguentadas, que mal consigo mexer-me.

Nora arqueou um sobrolho.

– Possivelmente, poderei ajudá-lo nisso. Importa-se que dê uma olhadela?

Cade encolheu os ombros.

– Porque não? Não me deixarão em paz até que o faça – foi para o sofá e sentou-se.

Nora lavou as mãos com rapidez na casa de banho contígua. Quando regressou, pôs mãos à obra e tirou as ligaduras manchadas de sangue que rodeavam o tronco e o ombro de Cade. Abby entrou com um estojo de primeiros socorros grande. Abriu-o, mas não ficou.

– Anda, Brandon, ajuda-me com a comida.

Sempre tinha achado que a cozinha era a melhor parte da casa grande e antiga. Tinha sido remodelada há cinco anos. As

paredes tinham armários de cerejeira e as bancadas de granito eram cor de areia, com veios castanhos. Havia um lava-loiça enorme sob uma janela que dava para o centro de operações do rancho, o estábulo e o picadeiro.

Puxou uma cadeira e sentou-se à mesa.

– O papá esteve assim desde que o trouxeste para casa?

Ela assentiu.

– Também não toma nada para a dor. Não faz mal, mas deve

permanecer de repouso, pelo menos, mais alguns dias – tirou um prato com presunto do frigorífico. – Esta manhã, tentou ir cavalgar com Jay.

De repente, a risada do seu pai ecoou da outra divisão e a sua mãe arqueou um sobrolho.

– Devo sentir ciúmes de Nora?

– Neste momento, sou eu quem está com ciúmes do papá.

A sua mãe aproximou-se da mesa.

– Pareces-te tanto com ele... Oh,

talvez não tenhas os traços de Cade, mas tens a mesma seriedade, a mesma fidelidade às tuas crenças e às pessoas que amas – acariciou-lhe a maxilar. – Já te disse como estou orgulhosa de ti?

– Sempre o soube – assentiu.

A sua mãe sentou-se junto dele.

– Eu gosto de Nora.

– Eu também – recostou-se, com um suspiro. – Só gostaria que ela gostasse mais um pouco de mim.

Abby arqueou um sobrolho.

– Tens muitas coisas contra ti.

Perdeu o marido jovem, o seu trabalho é exigente e o seu filho... A enfermidade de Zach deve representar uma luta constante – olhou-o nos olhos. – Muitos homens afastar-se-iam dessa situação.

– Porquê? Zach é um menino fantástico. Só lhe custa adaptar-se à sua medicação – as lágrimas encheram os olhos da sua mãe. – O que foi?

Ela abanou a cabeça.

– Oh, Brandon, decididamente,

és um dos bons... –inclinou-se e deu-lhe um beijo.

– Fantástico! Estou a receber beijos da minha mãe.

– Tem paciência e tenho a certeza de que receberás muitos beijos de outra pessoa – chegaram mais risadas da sala. – Olha, isto significa que começa a confiar em ti, porque somos a tua família. Claro que o teu pai também é um grande sedutor.

Sabia que podia confiar na perceção da sua mãe. Também ele

tinha notado sinais de que algo no passado de Nora a tinha impedido de confiar nas pessoas.

– Nora precisa de se convencer de que estarás lá quando as coisas se tornarem difíceis – continuou ela, apoiando uma mão sobre a do seu filho. – Mas acho que tu já tomaste essa decisão.

– O mais inteligente seria não me envolver, mas com Nora parece que não sou capaz de agir de outra maneira.

Capítulo 6

Conduziu até casa depois de sair do seu turno no hospital e estacionou no seu lugar. Desligou o motor e permaneceu sentada no veículo por alguns instantes.

No dia seguinte, tinha de ir ao banco para que descongelassem a

sua conta. Perguntou-se se seria uma coincidência ou se Jimmy a teria encontrado. Estaria a brincar com ela? Carecia de provas de que a tivesse encontrado. Rey Alcazar, conhecido como Jimmy Archer, estava preso à espera de julgamento e, se tivesse um pouco de sorte, mandá-lo-iam para a prisão durante muito, muito tempo. Até então, devia manter-se alerta. Isso significava não se envolver com ninguém. Não haveria mais encontros com Brandon, nem

almoços com a família dele. Se Jimmy descobrisse a ligação, far-lhes-ia mal.

Entretanto, relaxara durante algumas horas, inclusive tinha fantasiado com o que sentiria se fizesse parte de uma família como os Randell, onde Zach estaria a salvo e seria amado.

Mas disse a si mesma que não podia permitir-se pensar em algo parecido. Nem sequer podia sonhar com ter alguém como Brandon na sua vida, nem como seria fácil

apaixonar-se por ele. Não, não podia deixar que as coisas fossem mais longe. Com Pete Carlson preso, não havia motivo algum para que ele voltasse a vê-la.

Saiu do carro e foi para o seu apartamento. Depois de abrir a porta, entrou, mas parou ao ver Brandon na sua cozinha. O seu filho, de pijama, estava sentado à frente dele, a comer cereais.

Brandon viu-a primeiro. Levantou-se com um sorriso.

– Já chegaste.

– Olá, mamã – disse Zach ao levantar-se e correr para ela.

Durante um segundo, pareceu a coisa mais natural do mundo que ambos a recebessem. Se vivessem num mundo perfeito.

Nora abraçou o seu filho.

– Eh, o que fazes ainda acordado? E onde está Millie?

– Sentiu-se mal e começou a vomitar. Muito – informou-a Zach. – Portanto, telefonei a Brandon e ele veio.

– Oh, Zach, devias ter-me

telefonado... – olhou para Brandon. – Lamento que te tenha incomodado.

– Não foi nenhum incómodo, Nora. Tu foste ver o meu pai hoje. Há alguma diferença?

Havia, já que acabava de jurar a si mesma que não veria mais aquele cobói.

– Continua a ser um incómodo.

– Não para mim. Estávamos a divertir-nos, não estávamos, Zach?

O menino assentiu.

– Sim, mamã. Jogámos ao jogo *A*

guerra das estrelas e eu vi um vídeo. Foi divertido.

Ela sorriu e olhou para Brandon.

– Aposto que foi.

– Foi – confirmou ele. – Por acaso, eu gosto de *A guerra das estrelas*.

– Como te sentes? – perguntou Nora ao seu filho.

– Bem. Ensinei Brandon a ver o meu nível de açúcar no sangue – o menino encolheu os ombros. – Disse que queria saber.

– E está tudo bem?

– Sim – respondeu o menino. – Millie ajudou-me com a minha injeção antes de se sentir mal.

– Muito bem. Então, está na hora de ir para a cama.

O menino quis opor-se, mas trocou um olhar com Brandon.

– Claro, mamã. Brandon pode ler-me uma história?

Sentiu uma pontada de dor, mas, em seguida, compreendeu como Zach precisava de dispor de atenção masculina. Observou o homem vestido com umas calças de ganga e

uma t-shirt escura, e disparou-lhe o pulso. Tampouco lhe importaria a atenção.

Notou que se ruborizava.

– Talvez devesse perguntar a Brandon.

– Claro – replicou ele. – Mas, primeiro, vai lavar os dentes e, depois, chama-me quando já estiveres deitado.

Os dois observaram-no a sair a correr. Brandon virou-se para Nora. Não tinha a certeza de como ela encararia a sua presença ali. Mas

uma coisa era certa: estava cansada. E com razão, depois de passar oito horas de pé. Mas não tinha a certeza de que aceitasse a sua ajuda.

– Millie ia telefonar-te, mas, quando cheguei, estava bastante fraca. Preocupou-me mais levá-la a casa.

– De modo que, quando o meu filho te telefonou, vieste imediatamente.

Sorriu e assentiu.

– Não havia mais ninguém na lista. Confiava o suficiente em mim

para me telefonar.

Ela suspirou.

– Não quero que Zach te telefone sempre que lhe apetecer. Está a aproveitar-se.

Brandon desejou que a mãe do menino se aproveitasse dele.

– Eu disse-vos que me telefonassem a qualquer hora – aproximou-se um passo. – Não entendes, Nora? Quero ser esse homem. Quero passar tempo contigo e com Zach.

Ela cruzou os braços.

– E eu já te disse que não é uma boa ideia.

Pôde ver que ela negava a verdade, que a proximidade também a afetava.

Quis insistir.

– Então, o mais provável é que isto tampouco seja.

Ao inclinar a cabeça, o fôlego dela acariciou-lhe face e avivou-lhe o desejo. Emoldurou-lhe a cara com as mãos e acariciou-lhe os lábios e as faces pálidas com os polegares. Nora abriu muito os olhos e engoliu

em seco, mas não se afastou.

– É-me impossível resistir-te – sussurrou ele.

Em seguida, reclamou a sua boca, ao princípio com gentileza. Ao ouvir o seu gemido suave, entregou-se à necessidade e aprofundou o beijo. Afastou-lhe os lábios e introduziu a língua na sua boca para explorar os seus segredos. Nora agarrou-se a ele e devolveu-lhe tudo o que lhe pediu. E não bastou. Queria mais.

Necessitava de mais.

Os dois estavam a ofegar quando ele se afastou. Sem a largar, apoiou o queixo na sua cabeça enquanto tentava aquietar o coração acelerado. Quando se sentiu capaz de falar, acrescentou:

– Certamente, bate depressa.

Ela libertou-se do seu abraço.

– Não era minha intenção que acontecesse.

Ele sorriu.

– Querida, estava destinado a acontecer. Tu e eu somos explosivos juntos.

Nora não o negou, mas não lhe agradava.

– Devia ir ver como está Millie – começou a retroceder, sem desviar o olhar do homem que lhe derretia o cérebro. – Podes ficar mais um pouco com Zach?

– O tempo que quiseres. Ficarei aqui à tua espera –garantiu.

Isso era o que Nora temia.

– Obrigada – conseguiu dizer, antes de pegar nas chaves e partir.

– Porque beijaste a minha

mamã?

Brandon levantou a cabeça do livro que estivera a ler-lhe. O menino curioso de sete anos estava debaixo do edredão da sua cama, à espera de uma resposta.

Regra geral, não ficava sem palavras. Até àquele momento. Nunca tinha saído com alguém que tivesse um filho. Tecnicamente, disse a si mesmo, não andava a sair com Nora.

– Bom... Eu gosto da tua mamã.

– Mas é uma rapariga – disse o

menino, como se se referisse a uma doença. – Gostas de beijar uma rapariga?

Brandon teve de conter um sorriso.

– Não gostava quando tinha sete anos, mas, agora, sim. Se for a rapariga certa.

Os olhos escuros do menino mostraram-se pensativos.

– E a mamã também é bonita.

– Zach, incomoda-te que eu goste da tua mãe?

– Não se fores bom com ela –

esfregou o nariz. – Não quero que sejas mau como ele foi.

Aquilo pô-lo imediatamente alerta.

– Alguém foi mau com ela?

O menino desviou o olhar e encolheu os ombros.

– Supõe-se que nem sequer devo falar disso, já que ele me assusta.

Brandon ficou tenso. Não suportava os homens que abusavam das mulheres ou das crianças.

– Fez-te mal?

– Não, a mamã não deixava. Mas

batia-lhe e isso fazia-me chorar.

Custou-lhe conter a sua raiva.

– Quem o fez, filho?

O menino hesitou, mas disse:

– O meu papá. Mas já não é o meu papá.

Brandon quase sentiu alegria por o tipo ter morrido.

– Escuta, filho, tu não tens de te preocupar com o facto de alguma vez eu vos fazer mal. Prometo-te que nunca vos porei a mão em cima, nem a ela, nem a ti. Vocês os dois importam-me.

De repente, compreendeu o que prometia. Aquelas duas pessoas começavam a ser realmente importantes para ele. Queria cuidar delas. Como se Nora fosse permiti-lo!

– E, agora, acho que está na hora de dormir.

O menino não se mexeu.

– Achas que, com sete anos, já não tenho idade para dar um abraço?

Brandon ficou exageradamente carrancudo.

– Nunca se é demasiado velho para abraços – *rodeou* o corpo do menino com os braços. Sentiu um nó no peito e não soube descrever a sensação que o embargou, mas foi positiva. Também recordou ter a idade de Zach quando o seu pai entrara na sua vida. O amor de Cade dera-lhe uma segurança que nunca tinha experimentado. Queria que Zach sentisse o mesmo.

Depois de o largar, aconchegou-o, desejou-lhe uma boa noite e fechou a porta atrás de si. Tirou o

telemóvel do bolso e marcou o número que tinha memorizado em criança. Ao segundo toque, atendeu uma voz familiar e profunda.

– Olá, filho – disse Cade Randell.

– Olá, papá – replicou, com voz rouca.

– Passa-se alguma coisa?

Não, estava tudo bem.

– Só queria saber como estavas.

– Muito melhor agora, desde que Nora me tratou e consigo andar à vontade. Eu gosto dela, Brandon.

– Eu também.

Houve uma pausa.

– Portanto, é sério.

Nem sequer teve de pensar.

– Não consigo convencê-la de que é, mas estou a tratar disso.

– Não posso dizer que a tua mãe me tenha facilitado as coisas. Foi preciso muito para a conquistar. Ambos éramos bastante obstinados. Mas tenho de reconhecer que, definitivamente, valeu a pena.

Era agradável falar com o seu pai. Costumavam fazê-lo muito. Perguntou-se quando acabara esse

hábito.

– Tens alguma ideia sobre o que posso fazer?

– Sim. Como eu não poderei participar com Travis na laçada de bezerros no *rodeo*, disse-lhe que ocuparias o meu lugar.

Brandon gemeu.

– Papá, há anos que não uso um laço. Cairei no ridículo.

– Vá lá, filho... És um Randell... É algo natural para nós.

Nora entrou no momento em que ele fechava o telemóvel. Não

soube muito bem o que dizer.

– Como está Millie? – perguntou Brandon.

– Mal, mas, pelo menos, já conseguiu aguentar um pouco de chá e uma torrada. Sente-se demasiado mal para cuidar de Zach amanhã. Tenho de telefonar para o trabalho – foi até ao telefone, mas as palavras dele travaram-na.

– Eh, amanhã é o meu dia de folga... Eu posso cuidar de Zach.

Nora abanou a cabeça.

– Não, não posso pedir-te isso.

Atravessou a cozinha.

– Não o fizeste, Nora, eu ofereci-me. Se te preocupa a minha experiência, tinha oito anos quando Jay nasceu e era um pouco mais velho quando chegou a minha irmã Kristin. Cuidei dos dois.

– Mas Zach tem de ser vigiado.

– Eu sei. Necessita de insulina, para que o ajude a regular o nível de açúcar no sangue. Recebi treino de primeiros-socorros, sei dar uma injeção – viu-a a hesitar. – Nora, dei-te algum motivo para que não

confies em mim?

A confiança nunca tinha sido fácil para ela.

– Claro que não. O que se passa é que estás a passar muito tempo connosco... e não posso deixar que isso aconteça.

– Porque receias que seja como o teu marido?

Ela sentiu como o pânico surgia e lhe apertava o peito.

– O que sabes sobre o meu marido?

– Zach deixou escapar que não

era um homem agradável.

Meu Deus! Perguntou-se o que lhe teria contado.

– Não quero falar disso, Brandon. Já acabou – afastou-se, tentando fazer o mesmo com as perguntas, para não ter de contar mais mentiras.

Não resultou, já que ele a seguiu até à sala.

– Nora, entendo pelo que estás a passar.

Ela virou-se. De repente, já não conseguiu conter-se.

– Não, não entendes. Não tens ideia do que é ter medo todos os dias ao acordar e perguntares-te o que vais fazer para que não se aproxime de ti – fechou a boca, mas deu-se conta de que era demasiado tarde, já tinha revelado demasiado.

Brandon aproximou-se e ela teve vontade de se apoiar nele e esquecer o passado, mas retrocedeu automaticamente.

– Sei, Nora, porque passei sete anos a viver com um homem que abusava de nós.

Ela ficou boquiaberta e olhou-o nos olhos.

– O teu pai?

– Não, o primeiro marido da minha mãe. Cade Randell só entrou na minha vida quando eu tinha aproximadamente a idade de Zach. Só nessa altura soube que eu era seu filho biológico.

– Foi por isso que a tua mãe ajudou a construir o refúgio?

Ele assentiu.

– O projeto também a ajudou a lidar com o passado. Prestou apoio

a centenas de mulheres ao longo dos anos. Uma delas foi a minha tia Maura. Foi para o refúgio com os seus filhos, Jeff e Holly. Tinham andado a fugir do ex-marido dela. De fato, viviam na casa do tio Wyatt quando ele a comprou. Surpresa, compras uma casa e nela vem incluída uma família!

Nora não quis pensar nas semelhanças.

– O seu ex-marido chegou a encontrá-la?

O olhar de Brandon endureceu.

– Sim, descobriu onde estava, mas o meu pai e o meu tio estavam à espera dele. O seu ex-marido foi para a prisão e Wyatt casou-se com Maura – sorriu. – E eu ganhei mais dois primos. Holly está agora na universidade e Jeff escolheu uma carreira militar. Não virão ao *rodeo*, mas conhecerás muitos primos.

Ela abanou a cabeça.

– Não, não posso conhecer mais ninguém da tua família – naquele momento, compreendeu como aquilo a deixava triste. – Pensarão

que estamos juntos... Que somos um casal.

– É assim tão mau?

Teve vontade de gritar que seria maravilhoso.

– Não quero dar esperanças a Zach.

Ele sentiu que Nora lhe escondia alguma coisa.

– Ambos sabemos que, fora da escola, Zach não se relaciona com ninguém, salvo com Millie e contigo. Precisa de estar com outros meninos.

– Só tem sete anos. É demasiado jovem para ir sozinho. Além disso, eu tenho de trabalhar.

– Então, deixa que amanhã vá comigo. Eu posso levá-lo ao rancho – viu que ficava tensa. – Não o levarei a montar, mas gostaria de lhe mostrar os arredores... de jipe – arqueou um sobrolho. – Confias o suficiente em mim para fazer isso?

Ela hesitou.

– Confio em ti, Brandon, mas isto é mais do que passar um dia no rancho. Sei que queres mais de mim

do que ser a ama do meu filho. E eu não posso dar-te isso.

Ele levantou uma mão.

– Amizade, Nora. Podes aceitar amizade? Sem pressão. Cuidarei de Zach porque necessitas de ajuda. Levá-lo-ei a visitar os arredores do rancho porque preciso de desentorpecer o meu manejo do laço. Pensei que gostasse, mas se preferires que fique aqui...

Mostrou-se pensativa.

– Falas a sério quando dizes «sem pressão»?

Brandon assentiu, com um brilho de esperança nos olhos. Possivelmente, começava a ganhar terreno.

– Garanto-te, Nora. Não tentarei nada contigo. Nem contactos, nem abraços, nem beijos. Seremos só amigos.

Ela cruzou os braços e conteve um sorriso.

– Supõe-se que devo acreditar em ti.

Ele mostrou-se ofendido pelo comentário.

– Por favor, sou um agente da lei. Quando digo que não tentarei nada contigo, digo-o a sério. De facto, se existir alguma confraternização, terá de surgir de ti.

– Não haverá – replicou, com os olhos semicerrados.

Brandon inclinou-se, até ficar a poucos centímetros dela.

– Pensa nisso, Nora. Acabaram-se os beijos. Beijos nos quais parece impossível diminuir a distância entre nós, nos quais não nos fartamos de nos provarmos um ao

outro e nos quais sentimos que vamos morrer se não conseguirmos entranhar-nos na pele da outra pessoa – viu que continha o fôlego e que os olhos lhe obscureciam, mas não parou a tortura para ambos. – Tampouco vai ser fácil para mim. Nunca provei ninguém tão doce como tu – com cada palavra, a voz tornava-se mais rouca. – Desde a primeira vez que te vi, não consigo tirar-te da minha cabeça. De noite, sonho com esses olhos azuis intensos – baixou a

olhar. – E com a tua boca perfeita – gemeu. – Mas, se queres que sejamos amigos... – encolheu os ombros enquanto dava um passo atrás. – Recorda que, da próxima vez que nos beijarmos, serás tu a iniciar a aproximação – assentiu. – Posso viver com isso – mentiu com tanto descaramento como se a sua vida dependesse disso.

Devia conquistar a confiança de Nora e, embora aquela situação estivesse a matá-lo, faria o que fosse necessário.

Capítulo 7

Na semana seguinte, Nora conduzia até ao Rancho Círculo B, com um Zach falador no banco de trás, que lhe anunciava todos os planos que tinha para o *rodeo*. Desde que Brandon levara o seu filho ao rancho alguns dias antes,

ele não tinha falado de outra coisa.

A sua ideia original era não ir, mas, como Brandon já tinha convidado o seu filho, não tinha outra opção, a menos que quisesse ser considerada a pior mãe do mundo.

Ao ir naquele dia, sabia que não só animava o seu filho, como também insinuava a Brandon que existia a possibilidade de terem uma hipótese.

Era uma má ideia.

Daria tudo para estar com aquele

homem, para levar uma vida normal sem a ameaça de que o passado irrompesse. Mas não podia.

– Mamã, olha! – indicou Zach.

Havia galhardetes coloridos atados às cercas e um estandarte grande sobre a arcada que dizia: «*Rodeo* Anual do Círculo B. Bem-vindos!».

Experimentou um formigamento de excitação ao atravessar o portão. Ia ver Brandon. Um homem indicou-lhe que estacionasse num campo aberto. Saíram do carro e

caminharam com outras pessoas em direção ao estábulo e ao picadeiro. Passaram diante de várias bancas que ofereciam bebidas e comida. Embora tivessem chegado cedo, havia muita gente a preparar as mesas e os bancos para o *rodeo*.

Naquele momento, alguém os chamou. Uma Abby sorridente aproximou-se de calças de ganga pretas, camisa de ganga azul e chapéu preto.

– Alegra-me que tenham vindo – cumprimentou-os. – Olá, Zach,

pronto para o grande dia?

O menino assentiu.

– Oxalá Brandon estivesse aqui...

Abby sorriu.

– Vejamos o que podemos fazer a esse respeito... – tirou um telemóvel do bolso, marcou um número e virou-se para Zach. – Os homens estão a conduzir o gado – fez uma pausa e disse ao telefone: – Já chegaram. Está bem, fá-lo-ei – fechou o telefone e indicou-lhes que a seguissem. – Vamos, a ação passa-se nos estábulos. Brandon

está com o rebanho, mas queria saber quando chegavam.

Assim que chegaram aos estábulos, Nora notou que já havia muitas mulheres acampadas ali. Os grupos de raparigas jovens e bonitas usavam as suas melhores roupas de cobói: camisas, calças justas e botas reluzentes.

De repente, sentiu-se um pouco desalinhada com as suas calças e sapatilhas velhas. Comprara uma camisa de ganga quando fora comprar umas calças de ganga e

uma camisa para a ocasião a Zach.

– Olha, mamã, aí vem Brandon! Cavalga a toda a velocidade.

Nora olhou para o outro lado do picadeiro e viu o homem que avançava para eles a cavalo. Ao vê-la, dedicou-lhe um sorriso amplo enquanto desmontava e atava o cavalo a uma cerca.

– Olá, companheiro – disse a Zach, enquanto apoiava um cotovelo na sela.

– Olá, Brandon – disse o seu filho.

Ele olhou para ela e piscou-lhe um olho.

– Olá, Nora. Alegra-me que pudessem vir.

A Nora custou-lhe a respirar.

– Obrigada por nos convidares.

– De nada – não era capaz de deixar de olhar para ela. O contraste daqueles olhos azuis brilhantes com a cabeleira castanha exuberante era espantoso. – São sempre bem-vindos – voltou a olhar para Zach. – Pronto para ir?

– Primeiro, tenho de perguntar à

mamã.

Nora mostrou-se desconcertada.

– Do que estão a falar?

Brandon franziu o sobrolho.

– Supunha-se que Zach devia perguntar-te se podia montar comigo e ajudar a trazer o gado.

– Oh, Zach, és demasiado pequeno...

Naquele momento, apareceu Abby com o mesmo par de botas que o menino usara na sua primeira visita, mas também trazia um chapéu novo. Brandon tinha-lho

comprado.

– Mamã, vão os meninos todos... Brandon vigiar-me-á – dedicou-lhe um olhar de súplica enquanto calçava as botas. – Por favor... Nunca mais te pedirei nada. Prometo.

Nora olhou para Brandon, montado no cavalo grande.

– Nora, não iremos para longe. Já consegue ver-se o pó que o rebanho levanta. Voltaremos dentro de vinte minutos.

Ela hesitou, mas, por fim, cedeu.

– Está bem, mas tenham cuidado.

Brandon sorriu e, em seguida, apontou para a sua mãe.

– Eh, não te esqueças daquilo!

Abby entregou o chapéu novo ao menino.

– Toma, pensámos que precisarias do teu próprio chapéu.

– Ena, obrigado, Brandon!

– Experimenta-o para ver se te fica bem.

Zach obedeceu e sorriu com o seu chapéu novo. Em seguida,

atravessou a correr a porta da cerca para ele. Brandon inclinou-se e agarrou-o, sentando-o na sua sela.

Nora sentiu um nó na garganta ao vê-los juntos. Então, Brandon entregou as rédeas ao seu filho. Zach estalou a língua e fez o animal virar. Afastaram-se.

– Sei que custa, Nora – começou Abby. – Mas Brandon cuidará dele.

– É tão pequeno, que me preocupo.

Abby observou-os a desaparecer ao longe.

– Eu tinha cinco anos quando o meu pai me levou com ele da primeira vez. Certamente, a minha mãe estava a ponto de o esfolar vivo. Aqui, no Texas, é como um ritual de iniciação, em particular, para os meninos – baixou a voz. – E ambas sabemos que Brandon jamais deixaria que acontecesse alguma coisa ao menino. Vocês os dois importam-lhe muito.

Nora desviou o olhar. Não precisava de ouvir aquilo. Não queria sonhar com o que poderia

acontecer entre eles. Mas não estava num sonho. Era a vida real. E não haveria nenhum final feliz para ela.

Uma vez recolhido o gado, Nora estava sentada no jipe de Brandon. Devido à falta de tempo e a todas as atividades do dia, ele decidira levá-la ao vale.

Por insistência de Abby e de Ella, deixara Zach aos cuidados das mulheres, mas não sem antes verificar o nível de açúcar no sangue do seu filho e de se certificar

de que tivesse comido. Teve de reconhecer que lhe dava mais medo estar a sós com Brandon do que Zach tivesse problemas de insulina.

Brandon saiu da estrada e meteu-se por um caminho de cascalho. Depois de oitocentos metros, chegaram a uma clareira onde ele estacionou.

– Além deste ponto, não se permite a entrada a nenhum veículo, portanto, teremos de ir a pé o resto do trajeto. Parece-te bem?

– Só se as minhas sapatilhas

aguentarem.

Brandon puxou o chapéu para trás e sorriu-lhe.

– Suponho que tenhamos de eliminar parte da rapariga da cidade e arranjar-te umas botas – percorreu-lhe o corpo com o olhar. – Ficarias muito bonita de calças de ganga.

Nora começou a negar que precisasse de alguma coisa, mas distraiu-a a expressão quente dos olhos dele. Quando recuperou uma certa equanimidade, Brandon já

tinha saído do carro. Ao abrir-lhe a porta, saiu e ficou sem fala ao observar aquela paisagem incrível.

Da montanha podia contemplar uma pradaria exuberante e carvalhos enormes alinhados ao longo de um rio sinuoso. As folhas começavam a mudar de cor, numa série imponente de dourado e tons avermelhados.

Brandon colocou-se atrás dela.

– Nenhum veículo pode ir além deste ponto, porque, para além de deixar os cavalos nervosos,

arrendamos as nossas cabanas a pessoas que preferem a tranquilidade e a solidão.

Ela olhou à volta e avistou as cabanas quase escondidas ao longo da encosta. Brandon agarrou-lhe a mão e conduziu-a pelos degraus de pedra que desciam pela elevação. Ao chegarem ao fundo, não a largou.

– Bem-vinda ao Parque Natural de Mustang Valley. Desfruta-se de uma vista melhor se se vier a cavalo, mas hoje não tínhamos tempo – olhou para ela. – Da

próxima vez, não haverá pressa.

– Brandon, provavelmente não terei oportunidade de voltar aqui.

Ele olhou-a de soslaio. Não pensava render-se com aquela mulher. Ia concentrar-se em desfrutar daquele dia em que estavam juntos. Queria que visse a parte especial daquele vale: os cavalos.

– Anda – conduziu-a em direção a uma das árvores grandes que ajudavam a esconder a sua presença. Situou-se atrás dela e

apontou para o prado, onde uma manada de cinco cavalos vagava junto do rio.

– Oh, Brandon... – sussurrou Nora.

Ele sentiu um calafrio pelas costas pela proximidade e obrigou-se a concentrar-se outra vez na cena.

– Vês aquela égua castanha? – murmurou. – Anda por aqui desde que eu era criança. Não conheço aquele pintalgado. É agradável ver que todos se encontram em boa

forma. Certamente, Hank certificar-se-á de que os animais tenham uma boa saúde. Recebe muita ajuda da nossa tia Lindsey. É a nossa veterinária.

Olhou-o de esguelha.

– Fica tudo em família, hã?

Brandon só pôde assentir. Ela virou-se para observar a manada e ele inalou a sua fragrância suave, e sentiu um aperto no peito.

Disse a si mesmo que não era o momento certo para pensar em como desejava aquela mulher.

Concentrou-se nos cavalos que bebiam do rio. De repente, um potro começou a correr pela erva alta.

– Deves sentir-se muito orgulhoso de fazer parte disto – indicou ela, quase com reverência, e olhou para ele. – E muito afortunado por possuíres uma família com raízes e um lar – os olhos brilharam-lhe pelas lágrimas antes de desviar rapidamente o olhar. – Devíamos voltar.

Ele quis opor-se, mas calou-se.

Pelo que sabia do passado de Nora, não entregava a sua confiança com facilidade. Não pretendia causar-lhe mais stresse.

Afastou-se da árvore e começou a subir pela encosta, mas o terreno estava escorregadio. Com um grito, Nora perdeu o equilíbrio e começou a cair. Brandon apanhou-a no momento em que os joelhos roçavam o chão.

Conseguiu ajudá-la a endireitar-se e olhou para a terra nas sapatilhas brancas, enquanto tirava

um lenço do bolso.

– Como já tinha dito, temos de te arranjar umas botas para a próxima vez.

Ela limpou as mãos.

– Não necessito de nenhumas botas, porque não posso voltar aqui. Hoje, vim ao *rodeo* por Zach.

O único som que perturbava o silêncio era a água do rio.

– Não acredito, Nora. Usas o teu filho como desculpa para o que acontece entre nós. Como poderei convencer-te de que não vou fazer-

te mal? Zach e tu importam-me.

Não conseguia assimilar aquela admissão. Não naquele momento. Devia afastar-se da tentação, mas não deu a impressão de ser capaz de se mexer quando Brandon lhe agarrou o queixo para a obrigar a olhar para ele.

– Nora, nem sequer nos deste uma oportunidade.

Os joelhos dela falharam e a sua respiração tornou-se ofegante. Sentia todos os sintomas de uma reação física, embora soubesse que

era muito mais do que isso com aquele homem. Nunca conhecera ninguém como Brandon Randell.

– Por favor, Brandon, isto não poderia resultar...

– Diz-me porquê – fez uma pausa. – Pelo que aconteceu com o teu marido?

Ela abanou a cabeça, mentindo outra vez. Não queria Jimmy metido naquilo.

– Não e não quero falar dele – dirigiu-se para os degraus, mas ele deteve-a.

– Muito bem, Nora, não farei mais perguntas sobre o teu casamento, nem o teu passado. Só quero que saibas que estou aqui para ti.

– Eu sei – sussurrou. Desejava deixar-se levar, deixar que Brandon lhe tirasse toda a dor, que lhe desse esperanças. – Tenho medo – subitamente, tropeçou e ele *rodeou*-a com os braços.

– Estou aqui, Nora. Estarei sempre aqui – apoiou a cabeça sobre o seu cabelo e abraçou-a com

força. – Prometo-te, Nora, correrá tudo bem – afastou-se e olhou para ela. – Acreditas em mim?

Desejava tanto fazê-lo... Observou a sua cara bonita e os olhos escuros e penetrantes. Que Deus a ajudasse, mas não queria ir-se embora!

– Podemos ir devagar?

– Se isso ajudar, irei passo a passo.

– Podemos desfrutar só deste dia?

– Parece-me bem – ofereceu-lhe

um sorriso. – O que te parece de selarmos o acordo com um beijo?

Nora sabia que o que lhe pedia era que se aproximasse dele. Também que, se desse o passo, não haveria volta atrás. Colocou-se em bicos dos pés e *rodeou*-lhe o pescoço com os braços. Brandon oferecia-lhe tudo o que alguma vez quisera, nem que fosse só por um dia.

No regresso, passaram pela casa dos pais dele, depois de Brandon telefonar a perguntar se podiam

emprestar a Nora umas calças de ganga e umas botas. Abby disse-lhe que levasse tudo o que precisasse. Depois de selecionarem a roupa, regressaram ao *rodeo* a tempo de comer.

Na sala de jantar, viu que Zach estava bem e decidiu ir à procura da mãe de Brandon para lhe agradecer pela roupa.

Abby sorriu.

– Alegra-me que te fique tão bem – examinou as calças de ganga. – De facto, é uma pena que tenhas

estado a esconder essa figura tão bonita.

Brandon aproximou-se e almoçou com Zach e com ela. O menino monopolizou a conversa, falando de todos os amigos que fizera. Certamente, nada o impediria de ver Brandon no *rodeo*.

Quando Zach levou os pratos vazios para o lixo, Brandon inclinou-se para ela.

– Tu também vais ver-me?

Nora sorriu.

– É óbvio, é a minha

oportunidade de ver um verdadeiro cobói em ação. Não o perderia por nada.

Ele suspirou.

– Talvez te sintas dececionada... Estou bastante enferrujado.

– Impossível...

Ele gemeu.

– Não sabes como desejo beijar-te neste preciso instante. Gostaria que ainda estivéssemos em Mustang Valley.

Ela também.

– É um lugar bonito – as

lembranças daquela visita permaneceriam sempre com ela.

– É o que acham os meus pais. Ouvi dizer que fui concebido lá.

Nora ruborizou-se e abriu muito os olhos.

– Acabaste de o inventar!

Ele sorriu.

– Não. Como é óbvio, naquela época não havia cabanas, nem caminhos para chegar até lá. Eles eram bastante jovens e, como meu avô Moreau odiava a ideia de que a sua filha tivesse algum contacto

com um dos rapazes Randell, não dispunham de nenhum outro sítio onde ter intimidade – cravou o olhar na sua boca.

Mexeu-se no banco para mitigar o seu desconforto. Pensou que o merecia. Estava louco ao tentar seduzir Nora com tanta gente à volta. Embora gostasse de ver a paixão nos olhos dela. Começava a perder a cabeça por aquela mulher.

De repente, sentiu uma mão nas costas e ouviu a voz do seu tio.

– Eh, Brand, lamento

interromper, mas temos de ganhar uma prova... – Travis Randell sorriu-lhe. – Olá, Nora. Então, vieste ver o grandalhão a competir?

– Olá, Travis – o tio de Brandon era outro homem atraente, com a covinha familiar no queixo e os olhos castanhos penetrantes. Meu Deus, não havia nenhum homem feio naquela família! – Na realidade, Brandon teve a amabilidade de convidar Zach. O meu filho é um grande fã de *rodeo*s.

Um sorriso amplo transformou a

cara de Travis.

– Possivelmente, depois de veres Brandon hoje, também te tornarás uma fã – levou dois dedos ao chapéu. – Vamos, sobrinho, está na hora de pôr mãos à obra – acrescentou Travis antes de se ir embora.

Brandon começou a levantar-se, mas, antes que pudesse pensar no que fazia, Nora inclinou-se e beijou-o. Quando lhe emoldurou as faces com as mãos, gemeu e Brandon aprofundou o beijo. Por fim,

afastou-se e o seu olhar era confuso.

De algum modo, conseguiu dizer:

– Sabes, eu também sou uma grande fã.

Duas horas mais tarde, estava sentada com Zach, a apreciar o *rodeo*. Tinham participado vários Randell e a maioria chegara à ronda final, incluindo Brandon na laçada.

Por uma vez, queria esquecer todos os seus problemas e desfrutar. Mas sabia que não era possível.

Fechou os olhos e viu a cara de Jimmy enquanto lhe dizia que nunca se livraria dele. Que preferia morrer a alguma vez deixá-la partir. Sentiu um calafrio e abriu os olhos.

– Mamã, Brandon é o próximo a laçar um bezerro – disse-lhe Zach.

Nora viu que os cumprimentava. Também ouviu outras mulheres a gritarem o seu nome. Porque não? Era o tipo de homem que atraía as mulheres. Olhou à volta e algo chamou a sua atenção.

Havia um homem grande

sentado sozinho. Usava o chapéu e as calças de ganga típicos da zona, mas não parecia encaixar. Usava óculos escuros e teve a sensação estranha de que olhava para ela. Tremeu e desviou o olhar. Mais uma vez, pensou em Jimmy a mandar alguém encontrá-la, mas afastou a ideia. Brandon tinha apanhado o homem que a tinha atacado: Pete Carlson.

Ter-se-ia tornado paranoica ou andaria alguém atrás dela? Sabia o que tinha de fazer se isso

acontecesse. Significava que devia voltar a mudar-se. Zach e ela deviam deixar a cidade.

Levou os dedos aos lábios e recordou o beijo de Brandon. Ainda não queria ter de o deixar. Queria aquele dia, tanto para Zach, como para ela.

E, possivelmente, durante um instante, os dois poderiam sonhar com ranchos, *rodeo*s e um cobói especial.

Capítulo 8

Brandon exibia um sorriso amplo, que aumentou ao ouvir o tempo que tinham demorado a completar a laçada. Tinham vencido o concurso. Chocou as mãos com Travis e, em seguida, procurou Nora nas bancadas.

Finalmente, encontrou-a na companhia de Zach, perto da bancada superior.

Travis avançou com o seu cavalo.

– Bom trabalho, Brand – ele também olhou para as bancadas. – Parece que há uma mulher bonita que quer felicitar-te.

– Sim, parece que sim – comentou e, em seguida, ouviu que chamavam o seu tio. Virou-se e viu a sua tia Josie. A mulher baixa estava perto da cerca, a aplaudir. – Parece que também há alguém

muito contente por ti.

Travis olhou para a mulher que era a sua esposa há mais de vinte e cinco anos. Não podia negar-se o amor que mostrava a cara do rancheiro. Brandon queria algo parecido. O mesmo amor que tanto os seus pais como os seus tios tinham. Com sorte, um dia...

– Vamos receber o nosso prémio – indicou Travis. – Tenho de beijar uma mulher.

Receberam as fivelas e as faixas que lhes deu o locutor, e saíram do

picadeiro. O seu tio encontrou-se com Josie e reclamou o beijo.

Brandon ouviu o seu nome e virou-se justamente quando Zach se atirava nos seus braços.

– Ganhaste! – gritou Zach. – Sabia que o farias porque és o melhor cobói.

Sentiu um nó no peito.

– Não sei – replicou. – Mas hoje fomos suficientemente bons para ficarmos em primeiro – entregou ao menino a fivela e a faixa. – Toma, são para ti.

Os olhos de Zach iluminaram-se.

– Posso ficar com isto?

– Claro! – deixou Zach no chão e, em seguida, virou-se para uma Nora sorridente.

– Tenho de mostrar isto a Buddy – disse Zach. – Posso ir, mamã?

Ela não desviou o olhar de Brandon.

– Não te afastes – disse ao seu filho.

O rapaz partiu e Brandon aproximou-se.

– E tu, Nora, também achas que

sou o melhor cobói?

Assentiu.

– Para mim, és.

Duas horas mais tarde, terminado o *rodeo* e iniciado o churrasco no exterior, Brandon estava sentado à mesa da sala de jantar de Hank e Ella. A sua mãe e os pais partilhavam a cabeceira, com o seu irmão Jay e sua irmã Kristin à frente dele no outro lado.

– Deveria ter vindo com o meu advogado para esta reunião de negócios? – brincou.

O seu pai franziu o sobrolho.

– Pelo menos, isso revela-me que estiveste a pensar em resolver a situação.

Tinha sido a única coisa em que tinha pensado. De repente, Nora surgiu na sua mente. Bom, não a única coisa.

– Possivelmente.

O seu pai não pareceu contente.

– Sabes, estou realmente farto disto...

Abby apoiou uma mão no braço do seu marido.

– Filho, porque não nos contas o que decidiste?

Brandon olhou para Jay e Kristin.

– Sei que ultimamente não estive muito ativo nos assuntos do rancho.

– Isso é verdade – disse Jay.

Brandon olhou para ele, furioso.

– E tu recebeste um bom pagamento para dirigir as coisas.

– Mas eu trabalho no teu rancho.

Brandon assentiu e olhou para a sua irmã mais nova. Parecia-se com a sua mãe, com o cabelo castanho-

avermelhado e os olhos verdes. E era igualmente bonita. Entristeceu-o não ter passado muito tempo com ela, nem saber que planos tinha para o futuro.

– Kristin, pensas voltar para cá... Quer dizer, quando acabares a universidade?

– É obvio – ela sorriu. – Quero ensinar nesta zona. Mas também quero manter-me no negócio.

– Já está decidido, então! – replicou Brandon. – A Randell Corporation deixou de ser um

negócio pequeno. Os seis ranchos precisam de contribuir para que se tenha êxito.

– E a corporação triunfa porque toda a gente contribui – disse o seu pai.

– Ultimamente, não contribui com a minha parte para esse êxito e não sei quando poderei contribuir no futuro.

– Tens estado a investir na tua carreira – justificou a sua mãe.

«Mas não tem nada a ver com o rancho», pensou ele.

Suspirou e olhou para Jay e Kristin.

– Eu era o único neto quando o avô Moreau era vivo. Ele ensinou-me a montar. Ele comprou-me o meu primeiro chapéu – olhou para a sua mãe e reconheceu o sorriso provocado pelas lembranças. Tom Moreau odiava os Randell e fizera tudo o que pudera para o manter afastado do seu verdadeiro pai. «Esquece», disse a si mesmo. – Também sei que, se vocês os dois já fossem nascidos, o avô teria

dividido o rancho entre nós. Acho que a única coisa justa que posso fazer é dividir a propriedade em partes iguais – os seus dois irmãos sorriram. – Mas há uma exceção – acrescentou. – Quando a mamã e tu decidirem que a casa é demasiado grande, eu gostaria de ficar com ela.

Aquilo provocou um sorriso no rosto dos seus pais, que trocaram um olhar.

– O que te parece dentro de seis meses? – perguntou Abby.

– Não, por favor, não têm de sair

já.

O seu pai levantou uma mão.

– Já estávamos a planear mudar-nos, Brandon. Hank deu-nos um terreno há anos. Escolhemos um lugar bonito com uma vista fantástica do vale e em breve começaremos a construir a casa dos nossos sonhos – Cade Randell agarrou a mão da sua esposa.

Brandon sabia que há anos que Hank tinha dividido o Rancho Círculo B entre os irmãos e a sua filha biológica, Josie.

– Mamã, papá... Têm a certeza?

Os seus pais sorriram e olharam para os filhos com emoção.

– Chegou a altura da geração seguinte.

Enquanto Brandon se ocupava dos assuntos familiares, Nora tinha ido ao carro buscar a roupa de Zach e a sua para a festa à noite. Vestiu uma saia preta, uma blusa cor de marfim e calçou umas sandálias, e Millie tinha-lhe emprestado um colar comprido de prata e um cinto.

Satisfeita com o seu aspeto, foi à procura de Zach.

Na casa de banho da sala de jantar, lavou o seu filho e vestiu-lhe a roupa lavada. Também lhe verificou o nível de açúcar no sangue e deu-lhe a dose de insulina antes de ir comer com os outros meninos. Em seguida, saiu para o pátio, onde combinara encontrar-se com Brandon.

Contente com outro *rodeo* bem-sucedido, Hank estava a cumprimentar velhos e novos

amigos quando a viu. Não só era uma mulher atraente, como também gostava dela. E o mais importante era que o seu neto sentia o mesmo.

– Ena, estás linda!

Nora sorriu-lhe.

– Obrigada. E obrigada pelo dia de hoje, Hank. Zach e eu estamos a divertir-nos muito.

– Ainda bem. O teu filho e tu são sempre bem-vindos – arqueou um sobrolho. – Tenho a certeza de que Brandon voltará a trazer-te.

Ela hesitou, mas, em seguida, assentiu.

– Isso seria agradável.

Hank agarrou-lhe a mão.

– Não digo isto porque seja meu neto, mas é um rapaz fantástico.

– Eu sei e foi maravilhoso com Zach e comigo. Trabalhou muito para me ajudar com os problemas que tive.

– Não creio que te considere um trabalho.

Ela suspirou.

– Não tenho a certeza de que vá

ficar na zona.

Hank franziu o sobrolho.

– Oh, é uma pena... Tinha a impressão de que tanto tu como o teu filho começavam a encaixar aqui.

Engoliu em seco.

– Às vezes, não há escolha.

Hank Barrett observou-a.

– E, às vezes, fugir também não é a melhor solução. Sei por experiência própria que acaba sempre por nos apanhar. Se enfrentasses o problema,

possivelmente as coisas poderiam resolver-se – viu que ficava tensa.

– Não desta vez.

Teve vontade de insistir para obter mais informação, mas sabia quando devia fechar a boca.

– Se precisares de ajuda, quero que saibas que estamos aqui – em seguida, abraçou-a e sussurrou: – Lembra-te, Nora Donnelly, que não precisas de ter o nosso sangue para fazer parte desta família.

– Obrigada – conseguiu responder.

Hank afastou-se e piscou-lhe um olho.

– É melhor que me vá embora. Não quero enfrentar aquele jovem cobói.

Nora virou-se e viu Brandon a caminhar para eles, de calças de ganga e camisa preta. Dedicou-lhes um sorriso relaxado.

– Eh, avô, estás a tentar roubar-me a minha rapariga?

– Só a tentar – Hank colocou a mão de Nora sobre a de Brandon. – É toda tua – virou-se e partiu.

– Estás muito bonita – comentou ele, sem conseguir deixar de olhar para ela.

Nora sorriu com acanhamento.

– Tu também estás bonito.

Caminharam para o pátio. Das árvores pendiam filas de luzes e uma música suave tocava de fundo.

– Como correu a vossa reunião? – perguntou-lhe ela.

– Bem. Assim que assinar os papéis, serei dono de um terço do rancho.

Nora inclinou a cabeça.

– É o que queres?

– Sim. Deveria ter sido feito assim há muito tempo – já lhe tinha contado alguns pormenores. – Era a única decisão justa. Jay quer continuar a dirigir as operações do dia-a-dia e ter o seu próprio rebanho. Kristin ainda está na universidade, mas quero que tenha sempre um lar aqui.

Olhou-o de esguelha.

– És muito afortunado por teres uma família grande.

Parou e ansiou beijá-la.

– Eu sei. E estou a pensar seriamente em mudar-me novamente para aqui. Os meus pais querem aposentar-se e têm a ideia de construir uma casa no vale – olhou para ela. – De modo que a casa do rancho é minha. O único problema é que é demasiado grande para uma pessoa. Ocorre-te alguma ideia para a encher?

A noite foi a nota final de um dia quase perfeito e Brandon adorara partilhá-lo com Nora. E a noite parecia promissora enquanto a

tinha nos braços e dançavam uma balada na pista improvisada.

E, além disso, havia Zach. Quem teria imaginado que ficaria louco por um menino de sete anos? Mas era o filho de Nora. E queria ambos na sua vida. Tinha-o compreendido naquele dia, quando dissera aos seus pais que queria viver na casa e também aproximar-se da família.

Poderia continuar a trabalhar no departamento do xerife, mas não podia erradicar as suas raízes... Não mais do que partir do Texas.

A única coisa que faltava era convencer Nora a ficar em San Angelo e a dar uma oportunidade à relação. Com sorte, iniciarem uma vida juntos. A música acabou e ele afastou-se devagar, mas sem a largar.

– Foi agradável.

Ela assentiu.

– Há muito tempo que não dançava. Não tenho muito jeito.

Não sabia nada do seu primeiro casamento, apenas que o seu marido não tinha sido um bom

homem.

– Não pensei nos passos, só na sensação de te ter nos braços. Poderia habituar-me a isso.

Viu o calor nos seus olhos.

– Oh, Brandon... Não íamos passo a passo?

Não queria ouvir as suas dúvidas.

– Então, acho que não devíamos desperdiçar nenhum – queria privacidade para lhe expor porque considerava que deviam permanecer juntos. Agarrou-lhe a mão, tirou-a da pista, abandonaram

a multidão e seguiram por um caminho de cascalho ao longo da cerca branca. Com a mistura da música melódica de fundo e da luz ténue, só queria erradicar as suas dúvidas com beijos. – Quero mais do que só hoje, Nora. Também quero amanhã e o dia seguinte.

Ela desejava o mesmo. Que Deus a ajudasse, mas queria uma oportunidade com Brandon.

– O meu casamento foi um desastre. Tenho medo...

– Eu não sou o teu marido.

Jamais te faria mal intencionalmente, Nora – prometeu. – Estou louco por ti e por Zach – agarrou-a pelos ombros. Estava a tremer? – Dá-nos uma oportunidade, Nora. Por nós – baixou a cabeça e deu-lhe um beijo suave.

Ela ofegou, mas não foi capaz de se afastar. Brandon beijou-a outra vez, até que ela lhe *rodeou* o pescoço com os braços e foi ao encontro dos beijos.

A boca dele abriu-se e Nora

apertou-se com força contra o seu peito. O coração pulsava-lhe com força enquanto a sua língua dançava dentro dela.

Brandon aprofundou o beijo, inclinando a boca sobre a dela numa tentativa de se aproximar mais.

Por fim, teve de respirar e apoiou a testa na de Nora.

– Desejo-te. Esta noite.

– Brandon... – ofegou.

Ele sorriu.

– Eu gosto de te ouvir a

pronunciar o meu nome. Di-lo outra vez.

Ela hesitou, antes de repetir:

– Brandon...

Voltou a cobrir-lhe a boca e deslizou as mãos pelas suas costas e pelo rabo, agarrando-lhe a saia enquanto a colocava contra o corpo. Afastou-se da boca e encheu-lhe o rosto e o pescoço de beijos. Ela gemeu e emoldurou-lhe a cara com as mãos, beijando-o e agarrando-se ainda mais a ele.

O mundo começava a

desvanecer-se lentamente quando, de repente, ouviram aplausos, fazendo-os ver como estavam perto de perder o controlo e como a sua privacidade era fugaz. Tudo aquilo se tornou realidade quando ouviram Zach a chamá-los.

Afastaram-se a tempo de o verem a correr para eles. Brandon levantou-o nos braços.

– Então, companheiro, porquê tanta pressa?

Os olhos muito abertos brilharam na penumbra.

– Ganhei. Ganhei a sério!

– O que ganhaste? – inquiriu Brandon.

O menino engoliu em seco.

– O cavalo. Ganhei o cavalo na rifa.

Nora franziu o sobrolho.

– Como pudeste ganhar um cavalo, Zach?

– Ah... – interveio Brandon, – talvez eu tenha comprado uma rifa em nome de Zach.

O menino assentiu.

– Sim, mamã. Hawk's Flame

agora é meu.

Mais tarde, Nora já tinha guardado as coisas de ambos e, depois de uma prolongada despedida, foram para o carro. A propriedade do cavalo era um assunto que deveria abordar mais tarde. Embora Brandon tivesse dito a Zach para o deixar no rancho, Nora não podia permitir-se ficar com ele. Além disso, Zach e ela abandonariam em breve San Angelo e, possivelmente, o Texas.

Não tinha alternativa. Se Jimmy

descobrisse onde estava, não sabia o que seria capaz de fazer. Seria mais seguro para todos que partissem. Talvez para Este. Para a Florida, a Carolina do Sul ou a Georgia. A única coisa que sabia era que precisava de se perder outra vez entre a multidão.

Pensou em Brandon. Tentara não lhe dar esperanças, mas fora exatamente o que fizera. E ainda não ia pôr-lhe fim. Se ele quisesse ficar naquela noite, não o expulsaria. Tinha cometido o erro

de se aproximar de alguém e Zach também. Os dois pagariam um preço por isso.

Saiu da estrada e conduziu para o seu apartamento. Em seguida, estacionou no seu lugar e Brandon parou ao seu lado. Foi acordar o seu filho, que dormia no banco de trás.

– Zach, acorda. Já chegámos.

Brandon abriu a porta traseira do carro.

– Deixa-o dormir... Eu levo-o para dentro.

Olhou para ela e o coração

disparou-lhe ao compreender que estava a oferecer-lhe a escolha de decidir o que aconteceria naquela noite. Meu Deus, não podia rejeitá-lo...

– Obrigada.

O menino bocejou e apoiou a cabeça no ombro de Brandon.

– Levas-me tu? – balbuciou.

Não queria fazer outra coisa.

– Claro, mas, esta noite, vamos resumi-lo a pijama e lavar os dentes. É demasiado tarde para uma história – desejava passar com Nora

todo o tempo de que pudesse dispor. – Se parecer bem à tua mamã.

– Parece-me perfeito.

Enquanto subia os degraus com o menino nos braços, pensou em como seria fácil habituar-se àquilo. Olhou para Nora e não teve dúvidas de que poderia passar as noites com aquela mulher e o menino.

– Foi um dia agradável.

– Sim, foi – admitiu ela.

Custar-lhe-ia, mas faria o que lhe tinha prometido e faria as coisas

devagar. Subiram as escadas e chegaram ao patamar. De repente, ele reparou que a luz do alpendre estava apagada e que a porta estava entreaberta.

O agente da lei ficou imediatamente alerta e levantou um braço para impedir que Nora continuasse a andar. Em silêncio, conduziu-a de volta à carrinha. Abriu a porta e depositou Zach no banco.

– Entra, Nora – assinalou-lhe o lugar do acompanhante.

Ela obedeceu, com expressão assustada.

– Está alguém no meu apartamento?

– Não tenho a certeza, mas não vou correr nenhum risco – tirou o telemóvel do bolso e pediu reforços. Em seguida, abriu o porta-luvas e tirou uma arma. Prendeu o revólver no cinto.

Nora agarrou-lhe o braço.

– Brandon, não vás sozinho. E se continuar lá?

Ele assentiu.

– Se houver alguém lá dentro, não posso deixar que fuja. Portanto, fiquem aqui e não saiam do veículo. Aconteça o que acontecer. Voltarei.

Ela continuou a agarrá-lo.

– Por favor, tem cuidado.

– Sempre.

Apertou-lhe a mão e, em seguida, fechou a porta da carrinha. Correu pela relva até às escadas e subiu os degraus de dois em dois. Com a arma na mão, parou e escutou junto da porta parcialmente aberta. Ao não ouvir nada, entrou em silêncio,

com o corpo encostado à parede e olhando à volta.

As cortinas estavam fechadas, mas a luz sobre a cozinha projetava uma sombra ténue sobre a divisão vazia e a destruição imperante. A cozinha estava um caos, tinham virado todos os móveis e atirado as gavetas ao chão.

Seguiu pelo corredor, tendo o cuidado de não tropeçar com nada. Espreitou nos dois quartos, com o pulso acelerado. Ao ver que não havia ninguém ali, ligou a lanterna

para avaliar os estragos.

Regressou à sala e viu que estava tudo virado ou partido. Até tinham rasgado as almofadas do sofá.

– Bolas, foi um ataque pessoal!

Saiu quando estacionava um carro-patrulha. Nora saiu da carrinha e correu para ele.

– O que aconteceu?

– Alguém entrou na tua casa. Lamento, Nora, mas está tudo desarrumado. Mais tarde, poderás ver se falta alguma coisa de valor.

A expressão dela foi de pânico.

– Tenho de entrar – disse ao dirigir-se para os degraus, mas ele deteve-a.

– Não podes, Nora. Agora, é a cena de um crime.

– Zach necessita da sua insulina.

– Levar-te-ei ao hospital para que lhe deem mais –garantiu e foi falar com o agente Griggs.

– Algum sinal de quem o fez? – perguntou o jovem agente.

Brandon abanou a cabeça.

– Foram-se embora – o seu telemóvel tocou e atendeu-o: –

Randell.

– Brandon. É o capitão Marks. Que aspeto tem isso?

– Mau – afastou-se para poder falar com o seu superior. – Entraram no apartamento de Nora Donnelly e destruíram tudo. Carlson já saiu sob fiança?

– Sim, acabaram de o libertar.

– Então, precisamos de voltar a apanhá-lo.

– Não podemos. Tinha um álibi para a noite em que atacaram Nora Donnelly – informou o capitão.

Não podia ser.

– Ou seja, saiu sob fiança e apresentou-se aqui para castigar quem o acusou?

– Espera um minuto – dois minutos mais tarde, o capitão regressou ao telefone. – Randell, acabo de ligar para a prisão e informaram-me de que o libertaram há menos de vinte minutos. Duvido que conseguisse atravessar a cidade e causar essa confusão sem que o surpreendesses com as mãos na massa.

Olhou para Nora e afastou-se.

– Então, quem fez isto?

– És detetive, Randell. Suponho que isso faz com que seja o teu trabalho encontrar provas, ADN, qualquer coisa que nos leve na direção do agressor da senhora Donnelly. Pete Carlson não teve nada a ver com esse ataque.

Brandon não podia acreditar. O homem era de temperamento volátil e gostava de usar os punhos com as mulheres.

– É o suspeito lógico.

O seu chefe suspirou.

– Ainda és novo nisto, Randell, portanto, aprenderás que a lógica nem sempre está presente. E, agora, temos de começar outra vez do início para ver se nos passou alguma coisa ao lado. Fala com a senhora Donnelly e averigua se há mais alguém. Tudo isto me parece muito pessoal.

Palpitavam-lhe as têmporas, já que não queria acreditar nas provas ou na alternativa. Viu que Nora falava com Jason Griggs. Soube que

não lhe tinha contado tudo.

Desligou o telefone e aproximou-se do agente, dizendo-lhe que lhe telefonasse se acontecesse alguma coisa. Naquele momento, devia encontrar um lugar seguro onde Zach e Nora pudessem ficar.

Voltou para junto deles.

– Acho que é melhor procurarmos uma farmácia de serviço e comprar algumas coisas básicas.

– Onde vamos viver agora? – perguntou Zach, com os olhos

húmidos.

Brandon despenteou-lhe o cabelo.

– O que te parece de ficarem alguns dias comigo?

Capítulo 9

Duas horas mais tarde, apesar de estar a salvo no apartamento de Brandon, Nora não conseguia deixar de tremer.

Tinha-a encontrado. Tinha sido ele quem tinha provocado a sua agressão no estacionamento, quem

tinha entrado na sua conta bancária e destruído o seu apartamento. Era tudo obra de Jimmy.

Fechou mais o robe que Brandon lhe tinha emprestado por cima da t-shirt muito grande e tentou conter os tremores. Não resultou. Olhou à sua volta, para o quarto onde o seu filho dormia na cama grande.

O quarto era como ele, grande e masculino. O mobiliário era escuro e o edredão era azul-marinho, com almofadas cor de ocre. As fotografias que havia na cómoda

eram da sua família. Uma mostrava Brandon adolescente montado no seu cavalo. Outra, a graduação da universidade, junto dos pais orgulhosos. A família e as raízes... Era o importante para os Randell.

E, ao deixar que Brandon entrasse na sua vida, tinha-os posto em perigo a todos.

Jimmy tê-la-ia mandado seguir até ao rancho? Teria estado alguém a vigiar a família de Brandon? E o pior era que sabia que Jimmy não pararia até ter conseguido tê-la de

volta.

Foi até à janela. As persianas estavam fechadas, mas espreitou para a rua deserta.

Estaria lá fora a vigiá-la? Inclusive na prisão, Jimmy tinha contactos. Havia muita gente na sua lista que estaria disposta a realizar o trabalho de se desfazer dela.

Uma sensação de desgraça eclipsou o otimismo que tivera de conseguir para criar uma vida decente para Zach e para ela. Olhou para o seu filho adormecido. O seu

instinto maternal faria o que fosse necessário para salvar o menino. Merecia uma oportunidade na vida. Uma vida normal.

De qualquer forma, Jimmy não queria Zach. Só a queria a ela. Fechou os olhos e pensou no homem cruel com que se casara, o homem que em tempos tinha amado e que odiava naquele momento. Jamais voltaria para ele, jamais deixaria que tocasse no seu filho. Por isso, de algum modo, devia conseguir sair da cidade.

Pensou em Brandon. Apesar de desejar ajudá-la, não podia pôr em perigo a sua segurança.

Depois de dar um beijo na testa ao seu filho, foi até ao segundo quarto, que se convertera num escritório. Havia um sofá-cama contra uma parede e uma secretária grande com um computador contra a outra. Brandon estava lá sentado, enquanto falava ao telefone.

Ele terminou a chamada, frustrado e zangado consigo mesmo. Embora não houvesse

nenhuma pista a respeito de quem tinha irrompido no apartamento de Nora, como tampouco de quem a tinha atacado, tinha descoberto muitas coisas sobre a mulher por quem se apaixonara.

Virou-se para a porta e viu-a. Inclusive com o seu robe demasiado grande para ela, estava bonita.

Levantou-se.

– Precisas de roupa. Não restou muita que pudesses salvar do apartamento.

– Só me importa que Zach e eu

estejamos seguros.

– Não está tudo bem, Nora – disse, enquanto passava a mão pelo cabelo. – Alguém anda atrás de ti. Fez duas tentativas e eu não consegui detê-lo – olhou para ela, furioso. – Mas tu também não me ajudaste.

– Contei-te tudo o que sabia.

Gostaria que tivesse confiado o suficiente nele para lhe revelar a verdade.

– Não acredito. Bolas, os dois ataques foram pessoais, Nora! –

«demasiado para serem fortuitos», pensou. Ela pestanejou perante a dureza do seu tom. – Não posso ajudar-te se não me contares tudo – não conseguiu esconder a frustração que o embargava.

Ela engoliu em seco.

– Achas que não sei? – foi para o sofá. – De qualquer forma, não importa. Não vais detê-lo.

Aproximou-se dela.

– Deter quem? – antes que Nora pudesse dizer mais alguma coisa, o telefone tocou. Levantou uma mão.

– Ainda não acabámos – indicou-lhe. – Randell – disse ao atender o telefone.

– Brandon, é Jason. Tenho uma correspondência com as impressões digitais que encontrámos no apartamento.

Sentou-se.

– Estupendo! Dá-me os nomes.

Reparou na hesitação na voz de Jason.

– Só conseguimos as de uma pessoa. São as de Nora Donnelly, mas o relatório diz que o seu nome

verdadeiro é Kathryn Nora Mullins. Tem antecedentes criminais juvenis.

Sentiu-se como se não conseguisse respirar.

Jason prosseguiu:

– Investiguei mais e encontrei um certificado de casamento, mas também um divórcio concedido há dois anos.

– Com quem?

– Um tal Jimmy Archer. Também o encontrei no sistema. Usa o nome Rey Alcazar e, neste

momento, está preso, à espera de ser julgado em San Diego, na Califórnia, por tráfico de droga. O tipo tem um cadastro tão longo como o meu braço.

Olhou para Nora.

– Vou dar-lhe uma olhadela.

– Sim, lamento, Brandon.

– Não há nada a lamentar – sentia-se como um idiota. – Há algum mandado de captura para a senhora Archer?

Nora levantou a cabeça.

– Não, está limpa.

– Obrigado, Jason.

Desligou sem desviar o olhar dela, vendo-a subitamente como uma desconhecida. De algum modo, devia afastar os seus sentimentos por Nora e desempenhar o seu trabalho. Contornou a mesa e sentou-se num canto.

– É o teu ex-marido que anda atrás de ti, não é?

– Não sei se é ele – não conseguia olhá-lo nos olhos. – Além disso, está preso.

– Porquê, Nora? O que lhe

fizeste para o enfureceres ao ponto de querer agredir-te? – ela olhou para ele e ele não gostou do pânico que viu nos seus olhos. Passou-lhe pela cabeça uma dúzia se situações diferentes. – Muito bem, responde a isto: é por alguma coisa ilegal?

Nora assentiu devagar.

– Sequestrei o meu filho.

Brandon tentou manter o seu profissionalismo, mas foi impossível. As emoções estavam a arrasá-lo.

– Foi a razão pela qual não me

contaste quem eras na realidade? – inquiriu.

– Não ia contar a um agente da lei que tinha sequestrado o meu filho e atravessado uma fronteira estatal.

Tentou concentrar-se no trabalho e não na dor causada pelas suas mentiras.

– Não há nenhum mandado de captura para ti. Diz-me porque é que o teu marido não apresentou queixa.

Nora cruzou os braços e olhou

pela janela.

– Porque Jimmy joga segundo as suas próprias regras.

Gosta de mandar valentões baterem-me.

– Tens direitos, Nora. Foste tu quem convenceu Karen Carlson a procurar ajuda.

Olhou para ele.

– Isto é diferente. Eu não tinha nenhuma prova de ter sofrido abusos. Além disso, Jimmy possui dinheiro e poder, e usou Zach contra mim. Inclusive depois do

divórcio, não pude sair de casa. Conseguia sempre que me despedissem dos empregos, para que não pudesse ser independente a nível financeiro. Além disso, precisava de me certificar de que Zach era tratado e Jimmy utilizou isso a seu favor.

Brandon fechou as mãos.

– Os homens como o teu ex-marido não valem nada.

Nora estava de acordo, mas isso não importava.

– Tentei obter ajuda, a sério. O

único modo de me assegurar de que Zach estava bem era ficando em casa – as suas palavras pareceram patéticas inclusive aos seus ouvidos. – E correu tudo bem nestes últimos meses, até à agressão no estacionamento – fez uma careta. – É o modo que Jimmy tem de castigar as pessoas que se atravessam no seu caminho – respirou fundo. – Deveria ter-me ido embora naquela noite. Agora, estaríamos a quilómetros de distância.

– Não, era o pior que poderias ter feito. Podemos proteger-te.

– O que farão, pôr-me sob custódia? – mordeu o lábio e esbugalhou os olhos. – Oh, meu Deus! Zach! O que vai ser dele se Jimmy me encontrar?

Brandon abanou a cabeça e conteve o desejo de a abraçar.

– Como disse, não há nenhum mandado de captura em teu nome. De modo que, por enquanto, ambos estão a salvo. Mas deves confiar em mim, Nora – secando as lágrimas,

ela assentiu. – Como fugiste dele?

– Quando o prenderam, ele não estava em casa. Nem sequer parei para pensar, só queria tirar Zach dali e ir para o mais longe possível. Antes, Jimmy tinha conseguido sempre livrar-se devido a algum tecnicismo. Mas, naquela ocasião, o juiz negou-lhe a fiança devido ao negócio de importação e exportação que tinha com o México. Antes que a polícia conseguisse um mandado para revistar a casa, encontrei a combinação do cofre de Jimmy e

tirei um pouco de dinheiro. Em seguida, guardei a insulina e alguma roupa, chamei um táxi e saí de lá com Zach.

– Quanto dinheiro levaste?

Desviou o olhar.

– Uns vinte mil dólares – ele assobiou. – Não gastei tudo. Tive de comprar um carro, mas só usei o que necessitei até encontrar um emprego. Usei-o principalmente para os medicamentos de Zach – procurou algum sinal de simpatia na cara de Brandon. – Tens de me

deixar ir embora.

A dor e o medo na sua voz desconcertaram-no.

– A sério que acreditas que o teu ex-marido deixará de te procurar?

– Se estiver na prisão, disponho de tempo para fugir. Resta-me bastante dinheiro e a prova de que disponho mantê-lo-á afastado de mim, esteja na prisão ou livre. Por favor, Brandon, só...

– Que prova?

– Havia um pequeno livro de contabilidade escondido entre os

maços de dinheiro. Tem nomes e notas de transações de droga.

– Meu Deus, Nora! Não admira que enviasse valentões à tua procura. Continua em teu poder? – ela assentiu. – Então, deves entregá-lo às autoridades.

– Achas que não tentei? Antes de sair de San Diego, combinei encontrar-me com um detetive numa cafetaria. Ao chegar, reconheci um dos homens de Jimmy ao seu lado. Não, a única hipótese que tenho é continuar a

fugir com Zach.

– E terás de olhar por cima do ombro o resto da tua vida. Não quero encontrar-vos, a Zach e a ti, mortos em algum beco.

Ficou boquiaberta.

– Eu não deixaria que isso acontecesse.

– Então, fica e colabora com o xerife, e eu contactarei a DEA. Podes ter a chave que decidirá o caso contra Jimmy. Onde está o livro de contabilidade? – perguntou.

– Num lugar seguro.

Observou-a por alguns segundos.

– Então, deves decidir o que fazer a partir daqui, Nora. É Nora ou Kathryn?

Ela abanou a cabeça.

– Não, a partir de agora sou Nora Donnelly.

Ele suspirou.

– Então, contacto o xerife? – ela hesitou e, em seguida, assentiu. – Muito bem – levantou-se.

Deteve-o, apoiando uma mão no seu braço.

– Estou assustada, Brandon.

– Eu também, Nora – olhou-a nos olhos. – Vou fazer tudo o que estiver ao meu alcance para vos manter a salvo. Tens a minha palavra.

Algumas horas mais tarde, Brandon desligou o telefone depois de falar com o xerife, numa das muitas chamadas que tinham trocado durante a noite.

A DEA já estava envolvida no caso. Pelos vistos, andavam há algum tempo a vigiar Jimmy Archer, também conhecido como

Rey Alcazar, por tráfico de droga. De modo que mostraram grande interesse no livro de contabilidade que Nora tinha tirado da casa de Archer.

Ela contara-lhe que para os documentos falsos que conseguira no Arizona tinha usado o sobrenome Donnelly por ser o sobrenome da sua avó. Pensava que, possivelmente, teria sido por isso que o seu ex-marido tinha conseguido dar com ela. Admirava a precaução demonstrada ao guardar

o livro num cacifo.

Subiu para o primeiro andar, foi até ao seu quarto e viu Zach a dormir profundamente na cama.

Nora estava aninhada atrás do menino, com um braço protetor sobre o corpo frágil.

Observou-a. Estava muito serena enquanto dormia, mas em quantas noites teria estado demasiado assustada para fechar os olhos? Em quantos dias teria temido que a encontrassem?

Desejou que pudesse ficar e dar-

lhes uma oportunidade. Que deixasse que a amasse. Mas não podia pensar naquele momento nos seus próprios sentimentos. A segurança deles estava em primeiro lugar.

Inquieta, Nora abriu os olhos e levantou-se com sigilo da cama, com o cuidado de não acordar Zach. Vestiu o robe emprestado e avançou pelo corredor. No escritório, encontrou Brandon a falar ao telefone. Ele levantou o olhar, mas

não pareceu satisfeito por a ver. Não podia culpá-lo.

– Devias tentar descansar – disse-lhe Brandon.

«Não sem ti», quis gritar. Queria que a abraçasse, que a consolasse. Mas, naquele momento, havia uma distância incómoda entre eles.

– Tenho trabalho para fazer. Além disso, tendo em conta o que me contaste, vocês precisarão de proteção vinte e quatro horas por dia.

Ela foi sentar-se no sofá.

– Nunca tive a intenção de que isto acontecesse. Nem a ti, nem à tua família.

Brandon levantou-se e esticou os braços por cima da cabeça.

O pulso dela acelerou ao ver o peito fibroso coberto por uma t-shirt preta e as pernas, por umas calças de ganga de cintura descaída.

Foi sentar-se junto dela.

– Precisas de tomar algumas decisões.

– Eu sei. Depois de entregar o livro, preciso de me afastar o

máximo possível de Johnny.

Ele semicerrou os olhos.

– Se te encontrou uma vez, poderá fazê-lo outra vez. Precisas de te assegurar de que fique na prisão. Isso significa colaborar.

– Colaborar! Tentei-o tantas vezes. Onde estava a lei quando necessitava dela? Quando tentei partir e obter a custódia plena do meu filho? Ninguém acreditou em mim. Ninguém esteve lá para nós. E, agora, tu queres que arrisque as nossas vidas para que o Estado

possa ter um caso contra Jimmy!

– Não deixarei que isso aconteça.

Ela levantou-se e atravessou o escritório.

– O que te importa? Desde que descobriste a verdade sobre mim, comportas-te como se tivesse lepra.

Aproximou-se dela.

– Bolas, tenho de o fazer! É o meu trabalho proteger-te a ti e a Zach. Não posso deixar que os meus sentimentos me distraiam.

– Bom, é muito bom no seu trabalho, detetive Randell – ia sair

quando ele a agarrou pelo braço e a obrigou a virar-se.

O seu olhar escuro era intenso e abrasador, mas não a assustou. Jamais teria medo de Brandon. Devagar, ele relaxou os dedos e, por fim, levantou-lhe o queixo com a palma da mão.

Teve a impressão de que o coração lhe saltaria do peito. Sentia eletricidade em cada terminação nervosa. Deveria afastar-se, mas não era uma opção com aquele homem.

Ele gemeu ao baixar a cabeça até deixar a boca a alguns centímetros da sua. Nesse momento, bateram à porta.

Largou-a.

– Devem ser os agentes federais. É melhor que te vistas.

– Detetive Randell, sou o agente Matt Conroy e o meu colega, o agente Dan Paulson. Viemos falar com a senhora Archer.

Verificou as suas identificações e, em seguida, deixou-os entrar.

– Desce já. Não vos esperávamos já – conduziu-os até à cozinha. – Café?

Os dois homens assentiram e Conroy disse:

– Este caso tem prioridade máxima – sentaram-se à bancada. – Andamos há dois anos a reunir provas contra Archer – começou. – Nasceu no México como Rey Alcazar. Uma vez nos Estados Unidos, mudou o sobrenome para Archer. E, ao longo dos anos, sempre conseguiu escapar,

principalmente graças a tecnicismos.

– Desta vez, temos uma gravação dele a realizar uma transação de droga com um dos nossos agentes infiltrados – acrescentou Conroy. – No passado, sempre tivemos testemunhas da sua atividade no narcotráfico, mas, quando chegava o julgamento, recusavam-se a testemunhar por medo de represálias – bebeu um pouco de café. – Sabíamos que Kathryn Archer vivia na propriedade. Víamo-

la a passear com o menino, mas nunca estavam sozinhos.

Brandon desconhecia que Nora fora retida contra a sua vontade.

– Quando entrámos com uma ordem judicial, o menino e ela já não estavam lá. E, como Alcazar sabe onde se encontra, considerámos que estaria mais segura sob custódia.

– Não voltarão a manter-me prisioneira.

Todos se viraram e viram-na a descer.

Embora fosse de noite, parecia fresca com o cabelo apanhado numa trança que revelava o seu rosto bonito e os seus olhos azuis intensos.

– Senhora Archer.

– Não, sou Nora Donnelly.

Conroy assentiu e, em seguida, apresentou-se a si mesmo e ao seu colega.

– Como dizia ao detetive Randell, consideramos que se encontrará mais segura sob proteção.

– Então, mantenham Jimmy na

prisão. É um traficante, pelo amor de Deus!

– E precisamos de o provar com a sua ajuda. Sabemos que possui um livro de contabilidade e contactos.

– Sim, mas, antes de o entregar, necessito de algumas garantias.

– Quais?

– Necessitarei de ajuda, em especial para o meu filho. É diabético, por isso, é imperativo que disponha de pessoal médico competente para o acompanhar.

– Tê-lo-á – concedeu Paulson. – Se houvesse outra maneira, senhora Donnelly, não a faria passar por isto.

– E, acredite em mim, se eu tivesse outra opção, há muito tempo que teria partido.

– Então, vamos buscar o livro.

– Não posso deixar o meu filho sozinho.

– Eu ficarei com ele – ofereceu-se Brandon.

Ela olhou para ele.

– Não é que não confie em ti,

mas quero-o num lugar seguro.

– Poderemos dispor de uma casa segura antes do amanhecer.

Mas Brandon já conhecia um lugar.

– Posso manter Nora e Zach no rancho, numa das cabanas do vale. São isoladas e quase escondidas... Há câmaras de segurança e ninguém atravessa a entrada sem que nós saibamos. Podem fiscalizar toda a atividade do nosso escritório, ver todas as pessoas que entram e saem – olhou para Nora. – Isso

significa que ninguém chegará a nenhum de vocês. Primeiro, terão de passar por cima de mim – concluiu, com a esperança de a ter convencido com a ideia. Queria oferecer-lhe paz de espírito e ajudar a mantê-los a salvo. Virou-se para Paulson. – Se for necessário, o departamento do xerife poderá contribuir com mais homens.

– Deixe que primeiro receba carta-branca – pediu o agente, enquanto tirava o telemóvel do bolso e se afastava. – Mas eu não

vejo problema algum. Se lhe parecer bem, senhora Donnelly.

– Não tenho escolha!

Capítulo 10

Uma hora mais tarde, dois agentes do xerife levaram Brandon e Zach à cabana. Ninguém sabia com certeza se o seu apartamento estava sob vigilância, de modo que recorreram à proteção da noite.

Zach não tinha parecido

assustado pela mudança, mas estava preocupado com a sua mãe.

Ao chegar quarenta e cinco minutos mais tarde, Brandon sentiu-se contente por ver o seu pai à porta da cabana. A cozinha já tinha sido abastecida de comida para o tempo que precisassem de ficar ali.

Enquanto os agentes revistavam a cabana, outro ficou na zona de estacionamento, Brandon montou o sistema de comunicação por rádio e Cade mostrou a Zach a coleção de

filmes.

Ao meio-dia, estava tudo pronto para a sua estadia ali e o menino de sete anos já tinha almoçado. Naquele momento, estava a ver desenhos animados. Brandon verificou o seu nível de açúcar no sangue e ficou satisfeito ao ver que estava dentro do normal.

Sentou-se numa cadeira e observou o menino de expressão mal-humorada.

– Sentes-te bem?

– Sim – Zach olhou para ele. – A

sério que a minha mamã vai voltar?

– É obvio que sim.

Depois de pensar, Zach perguntou:

– Podemos ir ver Hawk's Flame?

– Hoje não, companheiro. Precisamos de ficar perto da cabana – nem sequer tinha a certeza de poder levar o rapaz para o exterior.

Zach observou-o.

– Não haverá outra oportunidade, porque terei de voltar para o meu papá.

– Não, Zach, não vais voltar.

Nunca mais terás de viver com ele – assegurou-lhe. – Mas não posso mentir-te... Existe a possibilidade de teres de voltar para San Diego para que a tua mãe possa falar com a polícia.

– Está com problemas porque levou o dinheiro?

– Não, filho – sentou-se no chão. – Está a tentar ajudar a polícia.

– Para que o meu papá não possa sair da prisão. Nunca mais? – franziu o sobrolho. – É mau com a minha mamã e comigo. Bate-lhe e,

uma vez, trancou-me no meu quarto. A mamã assustou-se porque não tinha o meu medicamento.

Brandon tentou manter a calma, mas custou-lhe. Como se supunha que devia deixá-los partir sabendo que podiam estar em perigo?

– O teu pai não voltará a fazer-vos mal, nem a ti, nem à tua mamã. Nunca mais. Mas deves contar ao juiz tudo o que aconteceu.

– Estou assustado.

– Sei que é difícil, Zach. Também foi para mim. Quando tinha a tua

idade, tive de contar à polícia que o meu padrasto era mau com a minha mãe.

– Mas Cade é o teu papá.

Como podia explicar-lhe?

– É o meu pai verdadeiro, mas só me conheceu quando eu tinha mais ou menos a tua idade, quando se casou com a minha mãe. E, embora fizesse coisas que nem sempre eram boas, Cade nunca me levantou a mão. É o melhor pai do mundo. E é o que tu também mereces, Zach.

O rapaz olhou para Brandon, com

esperança na cara.

– Oxalá tu fosses o meu papá... Assim, poderia ficar aqui para sempre.

Brandon sentiu um nó no estômago.

– Eu também o queria, Zach, mas, primeiro, têm de acontecer outras coisas.

– Coisas de adultos, não é?

Sorriu.

– Sim, mas estou a tratar disso, companheiro. Estou a tratar disso – sob nenhum pretexto pensava

deixar o filho ou a mãe.

– Prometes?

– Prometo.

A porta abriu-se e entrou Nora. Zach levantou-se de um salto e correu para os seus braços.

– Mamã, já chegaste!

Ela sorriu.

– Sim.

– Não estava assustado, porque Brandon disse que cuidaria de nós.

– Bom, isso foi muito amável da sua parte.

Olhou para ele. Parecia tão

cansado como ela se sentia. Depois de partir naquela manhã, fora buscar o livro de contabilidade ao cacifo e, aliviada, entregara-o aos agentes. Eles tinham-na levado ao gabinete do xerife, onde a surpreendera ver que havia um advogado à espera dela. Clinton Maxwell, um amigo da família Randell.

Assim que se sentara e a tinham enchido de perguntas, agradecera a presença do advogado.

Na manhã seguinte, Nora saiu da

cabana, com uma chávena de café na mão. Como Zach já tinha tomado o pequeno-almoço e estava a ver um vídeo, e Brandon estava no duche, decidiu aproveitar o tempo para si mesma.

Com uma camisola da Universidade do Texas de Brandon e as calças de ganga que Abby lhe tinha emprestado, passeou pela erva húmida. Seguindo o som rítmico do rio e o trinar dos pássaros, desceu pela encosta até ao prado.

Ao sair do amparo das árvores, encontrou-se com o sol quente de outubro. Foi nesse momento que viu a égua castanha com o seu potro.

Ficou quieta, até que o animal levantou a cabeça e olhou para ela. O coração pulsou-lhe com força, receosa de os ter assustado. Mas, passado pouco tempo, descartando-a como uma ameaça, a égua voltou a concentrar-se em pastar.

Apoiou-se num tronco e bebeu um gole de café. Ir para a cabana no

dia anterior e passar a noite com Zach e Brandon fizera-a esquecer durante um bocado. Mas, apesar das palavras tranquilizadoras dele de que ia mantê-los a salvo, não tinha sido capaz de esquecer a gravidade dos seus problemas ou o caos que era a sua vida. Não tinha emprego, nem um lugar onde viver, embora essa fosse a parte fácil.

A pior era um famoso traficante de droga que andava atrás dela. Esperava que o livro de contabilidade fosse prova suficiente

para o afastar para sempre da sua vida.

Entretanto, perguntou-se o que lhe proporcionaria o futuro. O programa de proteção de testemunhas?

Não lhe importava por ela, mas que tipo de vida seria para um menino? Zach merecia mais. Os seus olhos encheram-se de lágrimas, os lábios tremeram-lhe enquanto secava as faces com a manga. E Brandon já não existiria na sua vida.

Recordou as poucas noites que tinham passado juntos. Embora não juntos como teria gostado. Queria saber o que sentiria ao estar nos seus braços, saber o que era ser amada por um homem. Queria que lhe tocasse, que a acariciasse com mão carinhosa, dando-lhe um prazer que jamais soubera que existia. Caiu-lhe outra lágrima. Só fazia com que fosse mais difícil partir e esquecê-lo.

Ouviu o seu nome, secou rapidamente o rosto e esboçou um

sorriso antes de se virar.

Brandon usava umas calças de ganga gastas e uma t-shirt cinzenta. Sentiu algo peculiar no estômago ao vê-lo a descer em direção a ela. Não parecia contente.

– Não devias estar aqui – olhou à sua volta e fez sinal ao homem no cimo da colina. – É perigoso.

– Toda a minha vida é perigosa. Desculpa, a paisagem cativou-me. Poderia habituar-me a isto.

Brandon reparou nas lágrimas de Nora. Não podia culpá-la. Tinham

sido meses difíceis para Zach e para ela. Só desejava poder dar-lhe mais.

– Alegra-me que gostes tanto. É para vocês os dois sempre que quiserem vir cá.

Ela abanou a cabeça com vigor.

– Não, quando partirmos daqui, não voltaremos.

Ele sentiu um aperto no peito.

– Porquê, Nora? Porque não podes voltar?

Deitou o que restava de café sobre a erva.

– Porque, quando for

testemunhar, poderá requerer muito tempo. E, possivelmente, não será seguro para nós voltar para aqui.

Brandon tinha tentado encontrar um modo de lhe facilitar as coisas.

– A respeito disso, estive a falar com os agentes. Existe uma possibilidade remota de que não tenhas de testemunhar. Tecnicamente, o livro de contabilidade estava no cofre, de modo que era uma prova perdida – encolheu os ombros. – E tu

colaboraste.

Nora suspirou.

– Apesar de querer acreditar que vai correr tudo bem, Jimmy continuará a querer vingança. Ele saberá que eu dei o livro à DEA. E quererá castigar-me.

– Não vou permitir que chegue a Zach e a ti, Nora. Os dois importam-me muito – foi mais longe. – E não podes negar que tu sentes alguma coisa por mim – ela tentou desviar a olhar, mas não a deixou fazê-lo. – É verdade, Nora. Mas tens de

acreditar que conseguiremos superar isto. Juntos.

Levantou a mão para lhe acariciar a cara.

– Oh, Brandon, jamais saberás o que isso significa para mim, mas não podes envolver-te mais neste problema... Por favor...

Fechou momentaneamente os olhos.

Brandon quis convencê-la, mas não podia causar-lhe mais stresse.

– Está bem, falta tão pouco tempo... Porque não podemos fingir

que estamos no lugar mais perfeito do mundo? – tocou-lhe na face. – E que nada pode afetar-nos?

– Oh, Brandon... – suspirou.

Ele sorriu.

– Só estamos aqui tu e eu, Nora. Neste lugar especial – murmurou, enquanto baixava a cabeça e lhe beijava a boca com suavidade. Uma, duas, três vezes e, à quarta, o beijo tornou-se intenso e faminto. Esperava que lhe mostrasse como necessitava dela na sua vida.

Por fim, ela afastou-o enquanto

tentava recuperar o fôlego.

– Não, não posso mudar de ideias – afirmou, agitada. – Quando vierem atrás de mim, continuarei a ter de partir. E tenho de superar isto antes que possa pensar em qualquer outra coisa – levantou a mão ao ver que ele avançava. – Não o tornes mais difícil. Não pode haver um «nós» e desejá-lo não fará com que aconteça.

Sabia que mentia. Também ela queria um futuro com ele.

– Portanto, voltamos ao registo

profissional?

– Aceitei ficar aqui por Zach. Ele sempre foi a minha prioridade.

– Também o é para mim. Tal como tu.

– Então, deves compreender que agora não posso aguentar mais pressão. Preciso de pensar só em sobreviver a isto. Não posso pensar em ti ou no que poderia ter sido. Lamento. Lamento imenso.

Virou-se e subiu pela encosta.

Mais tarde naquele dia, Hank passou pela cabana. Pôde notar a

tristeza de Nora ao atravessar a porta.

– Certamente, não és boa publicidade para as nossas cabanas – brincou. – Foram construídas para ajudar as pessoas a relaxar.

Olhou-o da pequena mesa que havia junto da janela.

– Peço desculpa – disse, tentando animar-se.

A sua tristeza comoveu-o.

Atravessou a sala ampla. As cabanas tinham sido arrendadas muitas vezes como suítes de lua-de-

mel. Só esperava que o seu neto e Nora pudessem dispor da oportunidade de as usar dessa maneira um dia. Mas, antes, deviam superar muitos obstáculos.

– Como estás?

– Estou bem – disse-lhe, tentando sorrir. – Hank, lamento ter envolto a sua família na minha situação.

Ele sorriu.

– Devias pedir a Brandon que te contasse a história da família. Ao longo das gerações, os homens

Randell estiveram de ambos os lados da lei. E os meus filhos meteram-se em muitos problemas – abanou a cabeça. – Não estão orgulhosos disso, mas todos conseguimos sobreviver.

– Isto é diferente, Hank, é perigoso.

Ele apoiou os braços na mesa.

– Passei algum tempo com Zach e tenho de reconhecer que estás a criar um jovem magnífico. Deves estar orgulhosa. E tudo o que viveu fê-lo mais forte – deu-lhe uma

palmadinha na mão. – Mas também é bom pedir ajuda. Para que saibas, estamos aqui para vocês os dois. Tal como Brandon.

– Oh, Hank, sei que tipo de homem é Brandon. É o que faz com que seja mais difícil deixá-lo.

– Então, não abandones o teu homem, porque ele não te abandonou.

De volta à cabana, Brandon tinha passado grande parte do dia ao telefone, a falar com o seu chefe e

com Benjamin Mathis, o procurador federal de San Diego. A DEA tinha analisado o livro de contabilidade, descobrindo que os dados incriminavam mais os sócios do que a Alcazar. Mas, pelo menos, as autoridades tinham podido emitir ordens de prisão contra vários traficantes da zona.

Brandon passou o telefone a Nora.

– Mathis quer falar contigo.

– Sim, senhor Mathis – disse, depois de ter aceitado o telefone.

Queria acabar com aquilo de uma vez por todas e afastar-se de Brandon.

– Senhora Donnelly, vamos necessitar que regresse a San Diego o quanto antes. Preparámos uma casa segura para si e para o seu filho. Há pormenores que precisamos de rever antes de levar o nosso caso a tribunal.

Sabia que aquilo aconteceria, mas, mesmo assim, não deixava de ser aterrador.

– Quando precisa de mim?

– Amanhã?

– Se puder organizar um transporte seguro para o meu filho e para mim, não há problema – o procurador deu-lhe mais detalhes sobre o agente e a sua escolta. Escreveu os nomes, mas a sua mente estava no homem que tinha à sua frente. O homem que amava, mas com o qual nunca poderia construir uma vida – finalmente, devolveu o telefone a Brandon. – Amanhã já poderás livrar-te de mim.

Ele suspirou.

– Não é que não o esperasse, mas não tão cedo.

A madeira crepitou na lareira. Com o seu filho na cama, estavam sozinhos. E a única coisa que desejava era atirar-se nos braços de Brandon e deixar que afastasse com beijos o medo e a solidão.

– É melhor assim – murmurou.

– Ambos sabemos que isso é mentira, Nora. O problema é que tu não deixas que te ajude.

Não pôde negá-lo, mas o seu

corpo ofegante traiu-a.

– Deixa-me ultrapassar isto, Brandon. Já é suficientemente difícil sem ter de me preocupar também contigo.

– Pensas que eu não me preocupo contigo?

– Possivelmente, deverias esquecer que alguma vez estive aqui. Talvez seja a única opção, se quisermos manter-nos a salvo.

Ele apertou os dentes.

– Claro, será fácil! Só tenho de esquecer esses olhos azuis

brilhantes e uma boca que me enlouquece. Será fácil – levantou as mãos em sinal de frustração e foi para a porta.

Nora sentiu pânico. Não podia deixar que partisse daquela maneira.

– Brandon! – chamou-o.

Ele virou-se e ela correu para os seus braços.

Sem dizer nada, baixou a cabeça e beijou-a. Apetite, desejo e necessidade... Tudo veio à superfície enquanto a levava até à

lareira e a deitava sobre o tapete macio.

Nora nunca conhecera ninguém que lhe despertasse aquele tipo de desejo, de necessidade. Acariciou-lhe o peito com a ponta dos dedos.

Tirou-lhe a camisa e desapareceu a barreira que a impedia de lhe tocar na pele quente. Também desapareceu a sua camisola e encostou o seu corpo ao de Brandon.

– Nora...

Ouviu o suspiro rouco e abriu os

olhos devagar para observar a cara dele. Estava deitado ao seu lado e os olhos pareciam duas brasas intensas. Emoldurou-lhe o rosto com as mãos.

– Quero que tenhas a certeza do que estás a fazer.

Ela tinha o coração acelerado e um desejo que só aquele homem podia satisfazer. Deveria parar, mas não era capaz. Por uma vez, queria esquecer tudo, menos eles os dois.

– Desejo-te, Brandon Randell.

– Eu também quero fazer amor

contigo, Nora – deu-lhe um beijo faminto. Em seguida, beijou-a pela cara até chegar à orelha.

– Oh, Brandon... – ofegou.

Olhou para ela.

– Pretendo fazer com que esta noite seja perfeita para ti. Diz-me o que queres.

– Só a ti, Brandon – conseguiu dizer e pensou: «para sempre». Puxou-lhe a cabeça e beijou-o na boca. – Durante o tempo que restar... Faz-me esquecer.

Capítulo 11

Antes do amanhecer, Brandon encontrou-se sozinho diante do lume mortiço. Sentou-se e olhou à sua volta para a cabana silenciosa.

Nora! Não, não teria partido daquela maneira. Afastou a manta, levantou-se e vestiu as calças de

ganga e a camisa que apanhou do chão. Foi ao quarto e viu Zach a dormir, mas nem sinal de Nora. A cozinha também estava deserta.

Foi até a porta de entrada e abriu-a. Parou ao vê-la sentada no corrimão do alpendre. Contemplava o vale, envolta numa manta.

Suspirou e observou-a. O cabelo bonito e denso caía-lhe sobre os ombros. A camisola que lhe tinha emprestado cobria-a quase por completo, embora deixasse expostas as pernas magníficas. Pensou que a

tivera nos braços apenas algumas horas antes. Tinham partilhado uma intimidade que nunca conhecera e que não conseguia imaginar-se a partilhar com outra mulher. Mas, inclusive depois daquela noite apaixonada, sabia que ela devia deixá-lo.

O que mais o assustava era que podia ser para sempre.

E não podia detê-la. Custou-lhe a respirar.

Nora olhou por cima do ombro.

– Desculpa, estava perdida nesta

beleza incrível –suspirou. – Tens muita sorte por teres este lugar...

Quis dizer-lhe que podia vir sempre que quisesse. Que podia viver ali.

– Eu sei – aproximou-se e colocou-se atrás dela. – A família é importante para mim, Nora. Quero dar-vo-lo a Zach e a ti. Quero-vos aos dois.

Ela afastou-se do corrimão e dele.

– Queres promessas, Brandon, e eu não posso dar-te nenhuma.

– Só quero estar incluído num futuro contigo, em qualquer lugar que seja. Aqui seria agradável.

– Não tenho certeza se encaixaria aqui.

– Vá lá, Nora... Já encaixaste.

– A tua família mostrou-se encantadora com Zach e comigo – sorriu, – mas há questões do meu passado. Tivemos infâncias muito diferentes. Eu nunca tive uma família como a tua. Não tive pai e, depois de a minha avó morrer, fomos apenas eu e a minha mãe

durante muito tempo. Mas, quando tinha catorze anos, ela morreu num acidente de carro e passei a estar sob a tutela do Estado.

– Lamento.

Assentiu, olhando para os cavalos que se aproximavam do rio.

– Foi nessa época que conheci Jimmy. Estávamos na mesma casa de acolhimento. Era um pouco mais velho do que eu e metemo-nos em alguns problemas juntos... Alguns furtos em lojas e vandalismo. Nada de grave. Eu superei essa atitude e a

raiva, e a polícia disse-me que o meu cadastro ficava selado. Mas, um dia, ao chegar da escola, Jimmy não estava em casa. Ninguém me contou o que aconteceu, mas imaginei que se tivesse metido em mais confusões.

Conhecia o seu historial de problemas juvenis, mas a sua confissão não deixou de o surpreender. Contornou o corrimão para ficar de frente para ela.

– Porque me contas isto agora?

– Anos depois de acabar o curso

de Enfermaria, encontrei-me com Jimmy. Parecia diferente de quando éramos jovens. Estava elegante e tornara-se um homem de negócios de sucesso – baixou o olhar. – Possivelmente, mereci o que me aconteceu.

– Isso não é verdade e tu sabe-lo. Jamais te terias relacionado com ele se soubesses no que andava metido.

– Como podes ter tanta certeza disso?

– Conheço-te, Nora. Vi que tipo de enfermeira e mãe és. Esforçaste-

te muito para dar uma vida melhor a Zach e afastares-te de Jimmy.

– Estraguei tudo. É possível que nunca mais tenha essa vida.

Abraçou-a.

– Vou certificar-me de que tenhas. Tu, Zach e eu.

Sentiu-a a tremer enquanto o agarrava pela camisa.

– Oh, Brandon... Por favor, não faças isto... Não faças com que seja mais difícil...

Calou-a cobrindo-lhe a boca com os lábios. Não demorou muito a

acender-se a necessidade que fazia com que esquecesse tudo menos aquela mulher.

De repente, ela afastou-se.

– Para! Por favor – conteve as lágrimas. – Preciso de me concentrar em sobreviver a isto. Não há espaço para mais nada. Não posso deixar que as minhas esperanças me confundam.

– Só quero ajudar-te.

– Então, deixa-me ir embora, Brandon. É a única maneira.

Fazia mais de uma semana que tinha abandonado o rancho acompanhada dos agentes federais, deixando-o sozinho com as lembranças do tempo que tinham passado juntos.

Chegado o momento, Nora tinha-lhe dado um beijo fugaz, incapaz de o olhar nos olhos, mas Zach tinha-o abraçado, agarrando-se a ele.

– Adoro-te, Brandon – tinha sussurrado.

– E eu também te adoro, filho. Se alguma vez precisares de mim, só

tens de me telefonar – pôs o seu cartão na mãozinha do menino. – E estarei lá.

Zach assentiu.

Custara-lhe não ir atrás deles.

Tinha tentado obter informação sobre o caso, mas sem sucesso. Havia demasiado em jogo. Isso também o preocupava e fazia com que se perguntasse se já a teriam introduzido no programa de proteção de testemunhas.

No fim de semana tinha irritado tanto toda a gente na esquadra da

polícia, que o capitão o mandara para casa.

Dois dias mais tarde, numa manhã fria e nublada, Nora estava sentada no escritório do procurador, enquanto Zach estava protegido num lugar seguro, longe do tribunal.

Não pôde evitar perguntar-se se seria proteção suficiente para o seu filho.

Levantou-se e começou a andar de um lado para o outro. Desde o

seu regresso, não tinha havido nenhum problema. Tinham revisto várias vezes o seu testemunho e, naquele momento, a única coisa que desejava era que acabasse. Apesar de Jimmy saber que tinha voltado para testemunhar, não lhe tinha causado nenhum problema por ter levado Zach para outro estado. E no que dizia respeito aos agentes federais, estavam satisfeitos com o livro de contabilidade e pela ajuda que lhes prestava para condenar Jimmy.

Pensou em Brandon. Tinha de o esquecer. O programa de testemunhas parecia a única hipótese de sobreviver às ameaças de Jimmy e de o manter afastado das suas vidas.

Suspirou. Fora tão difícil deixá-lo... Fingir que não lhe tinha importado, que não queria nada do que lhe oferecia, em especial o seu amor. Secou uma lágrima. Não podia arrastá-lo para o caos em que estava.

De repente, a porta do escritório

abriu-se e entrou o senhor Mathis. Nora suspirou. Disse a si mesma que conseguia fazê-lo.

– Está na hora?

Com um leve sorriso, o procurador abanou a cabeça.

– Parece que, afinal, não vamos necessitar do seu testemunho, senhora Donnelly.

Sentiu uma onda de pânico.

– Porquê? Por favor, não me diga que o advogado de Jimmy conseguiu voltar a safá-lo das acusações...

– Desta vez, não. Acho que, nesta ocasião, um dos seus sócios se encarregou do problema. Jimmy Carter foi assassinado com uma punhalada por um dos reclusos.

O som do telefone acordou Brandon. Virou-se na cama, com a mão estendida para o telefone. Viu que eram uma e um quarto da manhã.

– Randell – atendeu, com um gemido.

– Brandon – disse Nora, com voz

serena.

Sentou-se, despertou e rezou para que não fosse um sonho.

– Nora? Estás bem?

– Estou bem.

Depois de saber no dia anterior da morte de Archer, tinha tentado contactá-la. Mas nem sequer os seus contactos de detetive tinham conseguido descobrir onde estava.

Fazia três semanas que partira de San Angelo com Zach e custara-lhe muito não ir atrás dela. E, por fim, acabara tudo.

Levantou-se da cama.

– Escuta, Nora, posso apanhar um avião numa questão de horas. Diz-me onde nos encontramos.

– É por isso que estou a telefonar-te, Brandon. Não quero que venhas cá.

Ficou paralisado e, em seguida, passou a mão pelo cabelo.

– Não falas a sério, Nora. Não quero que passes sozinha por isso.

– É necessário, Brandon – replicou, depois de uma pausa. – Com todo o caos legal que há aqui,

necessito de tempo para o esclarecer.

– Está bem. Entendo. A burocracia pode ser pesada – aceitou, embora percebesse que havia mais alguma coisa.

– E necessito de tempo, Brandon. Tempo para sanar, para Zach e para saber que, seja qual for a minha decisão, o meu filho deverá estar sempre em primeiro lugar. E, antes de poder encarar algum futuro, devo encarar o meu passado.

Brandon sentiu um aperto no

coração. Estava a perdê-la.

– Deixar-te-ei fazer isso, Nora. Só quero estar aí para te ajudar.

– Eu sei. Mas preciso de o fazer sozinha. Jimmy controlou tudo durante muito tempo. Devo fazer algumas coisas sozinha. Esta é uma delas. Quero estar completa quando voltar para ti.

– És perfeita para mim.

– Mas não para mim – suspirou. – Quero que saibas que deixar-te naquela manhã foi uma das coisas mais difíceis que tive de fazer na

vida. A segunda foi esta chamada. Por favor, Brandon, tenta compreender que agora preciso de me encontrar a mim mesma.

Não queria compreender, mas não tinha alternativa.

– Vais voltar?

– Quero fazê-lo. Mais do que imaginas – confessou. – Estou a tratar disso, Brandon. Tenho de desligar.

Antes que pudesse pedir-lhe o seu número de telefone, ela desligou.

Nas duas semanas seguintes, recordara muitas vezes as palavras de Nora e a sua fúria convertera-se em dor, até que se dera conta de como se tornara patético. Se não queria voltar para ele, teria de viver com isso. Estava na hora de continuar com a sua própria vida.

Para começar, com o seu trabalho no gabinete do xerife. Manter-se-ia ocupado com as suas investigações. A sua família também estivera lá para o ajudar.

Isso incluía a sua mãe, que lhe tinha telefonado naquele dia para o convidar para o almoço. Era a desculpa que tinha para ver como estava.

Saiu da carrinha e subiu pelo caminho que conduzia à entrada. Ao atravessar o jardim, não pôde evitar pensar na ocasião em que tinha estado ali com Nora. Porque é que tudo tinha de lhe recordar Nora?

Com um suspiro, tocou à campainha e esperou que a rececionista lhe abrisse a porta.

Sorriu ao dirigir-se para Bess.

– Como está a minha rapariga preferida? – brincou.

Ela arqueou um sobrolho.

– Não me deixarei enrolar pelo seu encanto, detetive Randell. Sei que a única coisa que quer são os meus biscoitos de farinha de aveia.

– Apanhaste-me – concedeu. – Isso significa que continuo na tua lista?

Ela contornou a secretária.

– Seria parva se rejeitasse um homem tão bonito – piscou um

olho. – Passa por aqui ao saíres e terei um saco com o teu nome nele. Embora duvide que te lembres dos biscoitos.

Franziu o sobrolho, sem saber ao que se referia.

– Bess, viste a minha mãe?

– Tenho ordem de te mandar ir para a sala do jardim.

– Obrigado – disse ao ir para o hall.

O quanto antes acabasse o almoço, mais depressa voltaria para o trabalho. Apesar de ser o seu dia

de folga, sobre a sua secretária tinha alguns casos por resolver. Dedicaria aquele fim de semana a pôr o trabalho em dia.

Bateu à porta e entrou. Encontrou a sala vazia. Em seguida, a sua atenção dirigiu-se para a porta que dava para o pátio, onde estava uma mulher de cabelo avermelhado. Estava de costas para ele, mas tinha um ar familiar. Quando se virou, o coração parou-lhe.

Nora. O coração disparou-lhe

imediatamente. Estava mais magra, mas ainda mostrava curvas suficientes para encher as calças azuis e o pulôver azul que usava. Dedicou-lhe um sorriso inseguro e atravessou a porta para entrar na sala.

– Brandon.

Cravou a olhar naqueles olhos cor de safira que o tinham hipnotizado desde a primeira vez que a vira. Desejou dirigir-se para ela, mas conteve-se.

– Voltaste.

Ver Brandon novamente era difícil. Desejava que lhe abrisse os braços. Mas não podia esperar isso.

Passou um minuto, até que conseguiu dizer:

– Cheguei ontem.

Ele ficou mais rígido.

– Imagino que não fizesse parte da tua lista.

Merecia-o, mas nem por isso deixava de doer.

– Tive de ficar mais um pouco em San Diego. Zach é o herdeiro de Jimmy e ele deixou-lhe tudo. Nem

todo o dinheiro que ganhou era ilegal.

– Por favor, não tentes dizer-me que aquele homem tinha uma ponta de decência.

– Não, mas o meu filho merece o que é dele. Para o seu futuro.

– Parece-me que vos ofereci um futuro a ambos, mas tu decidiste que não era o que querias. De repente, voltas e o que se supõe que devo fazer? Ouvir-te a falar do teu ex-marido? – abanou a cabeça. – Não posso, Nora. De modo que, se

voltaste para me informar de que decidiste ficar em San Diego, poderias tê-lo feito por *e-mail* – começou a virar-se com a intenção de partir.

– Sempre te amei, Brandon – disse, quando ele estendia a mão para a maçaneta da porta. – E sabes que tinha de ficar lá, mas, como podes ver, agora estou aqui – ele virou-se e esperou que dissesse mais alguma coisa. – Vim para o refúgio por um motivo. Jimmy abusou de mim. Durante muito

tempo, deu-me vergonha permitir-lhe que tivesse esse controlo. Tanto Zach como eu fizemos terapia nestas últimas semanas. Tentei refazer a minha vida. Sei que, se voltar para ti, preciso de estar completa outra vez – conteve as lágrimas. – Quero ser a mulher que mereces.

Aproximou-se dela.

– Porque não deixas que seja eu a decidir isso?

– Não, Brandon. Tenho de ser forte por mim mesma. Os homens

Randell têm tendência para resolver tudo. Eu precisava de me resolver a mim mesma.

– Não necessitavas de mudar nada.

– Obrigada. Mas ainda tinha de lidar com o meu passado.

O esgar de um sorriso apareceu nos lábios dele.

– Estás diferente e não só pelo teu cabelo. Presumo que o tivesses pintado para não seres reconhecida.

– Sim – afastou algumas madeixas. – Odeias ruivas?

– Estás a brincar, não estás? Não há nada em ti que possa odiar.

Ela mordeu o lábio inferior para não se derreter.

– Fico contente. Herdei-o da minha avó irlandesa.

Olhou-a fixamente.

– Bom, para onde vamos daqui?

Aquela era a parte difícil.

– Espero que possamos avançar.

Ele suspirou e baixou a voz.

– Depende de ti, Nora. Tu já sabes o que sinto.

– Foi o que me deu forças todas

os dias – odiou como lhe tremia a voz e a secura na garganta. – Porque é que todos os Randell têm de ser tão seguros de si mesmos?

Ele aproximou-se.

– Não tens ideia de como me sinto inseguro agora –murmurou. – Voltando ao motivo do teu regresso...

Ela engoliu em seco.

– Foi por ti, Brandon Randell. Amo-te e quero construir uma vida contigo.

Deixou o chapéu na mesa e

agarrou-a pelos braços.

Beijou-a com tanta rapidez que ela mal teve tempo de ofegar. Ao aprofundar o beijo, a paixão dominou-os, enquanto a rodeava com os braços.

Ele gemeu ao interromper o beijo.

– Meu Deus, Nora... Tinha tanto medo de te perder.

– Desculpa, Brandon – acariciou-lhe o maxilar. – Antes de poder dizer-te o que sentia, primeiro tinha de sarar algumas coisas.

– Amo-te, Nora Donnelly – beijou-a outra vez. – Não voltes a deixar-me. Preciso de ti na minha vida – de repente, deu-se conta de que havia uma coisa que podia fazer com que aquele dia fosse perfeito. Apoiou-se num joelho e viu que ela abria muito os olhos. – Sei que nos conhecemos há muito pouco tempo – começou, tentando conter os seus nervos. – Mas soube desde o primeiro instante em que te vi que eras tudo o que sempre quisera numa companheira, amante,

esposa. Nunca pensei sentir isto por alguém. Queres casar-te comigo, Nora?

Ela assentiu e fez com que se endireitasse, e atirou-se nos seus braços.

– Oh, sim, Brandon, casar-me-ei contigo!

Rodou com ela nos braços. Quando parou, os dois estavam enjoados.

– E Zach – disse ele. – Quero ser o seu pai, Nora. Quero que saiba que pode contar comigo para que

esteja sempre lá, para o ensinar a andar a cavalo e a amar esta terra – levantou uma mão para travar qualquer protesto. – Sei que haverá problemas com a sua diabetes, mas enfrentá-los-emos juntos. E, o mais importante, quero que tenha a oportunidade de ser um menino normal. Não poderia amá-lo mais se fosse meu – guardou silêncio. – Achas que poderia adotá-lo?

Ela tocou-lhe nos lábios com dedos trémulos.

– Possivelmente, deverias

perguntá-lo a ele – indicou a porta com a cabeça, onde o seu filho estava com Abby e Cade Randell.

Os seus pais não conseguiam conter a felicidade que os embargava. Dirigiu-se para o menino, que parecia entusiasmado e desconcertado ao mesmo tempo.

– Olá, companheiro – cumprimentou Brandon ao agachar-se diante do menino.

Zach assentiu.

– Queres adotar-me?

Brandon sentiu um redemoinho

de emoções e assentiu.

– Serias realmente o meu papá?

– Sim, mas só se for o que tu também queres. Podes pensar nisso durante...

O menino atirou-se nos seus braços e Brandon teve de se segurar para não cair para trás.

– Não, quero que sejas o meu papá.

– E eu que tu sejas meu filho – levantou o olhar para os seus pais. Viu lágrimas nos olhos de ambos. Zach afastou-se e Brandon secou-

lhe as lágrimas. – Então, gostas da ideia de que me case com a tua mamã?

– Sim, porque esteve triste desde que tivemos de nos ir embora.

Voltou a olhar para Nora.

– Verei o que posso fazer para conseguir que seja feliz outra vez.

– Gosta quando a beijas – disse o menino.

Brandon sorriu e dirigiu-se para a sua futura esposa.

– Isso também me faz feliz.

Os seus pais uniram-se ao grupo.

– Eh, Zach, se calhar, devíamos ir-nos embora e deixar que o casal faça planos... – Abby abraçou Brandon. – Parabéns, filho! Sentimo-nos muito felizes por vocês. Não só conseguimos uma nora, como também o nosso primeiro neto – em seguida, abraçou Nora, sussurrou-lhe alguma coisa ao ouvido e as duas riram-se.

O seu pai deu-lhe uma palmada no ombro.

– Acho que a tua mãe tem razão

– abanou a cabeça enquanto observava as duas mulheres. – Outra ruiva – sorriu. – Certamente, as coisas jamais serão aborrecidas.

Brandon concordou.

Quando os três partiram, abraçou-a.

– Parece que precisamos de fazer alguns planos. Acho que poderá levar-nos um pouco de tempo, talvez a noite toda – sorriu. – Achas que os avós poderão fazer de ama hoje?

– Acho que os teus pais farão

tudo para nos ajudar no casamento, já que foi a tua mãe que me ajudou a voltar para cá.

Alegrou-o que a sua mãe e Nora se tivessem tornado amigas. Afinal, eram as duas mulheres mais importantes da sua vida.

– A propósito, o que te disse que te fez rir?

Acariciou-lhe o peito e *rodeou*-lhe o pescoço com os braços.

– O que eu já sabia... Que os homens Randell são difíceis de resistir.

– Bem, então, estou em vantagem – encostou-a a ele. – Significa que posso fazer o que quiser contigo?

– Desde que eu possa fazer o que quiser contigo.

Beijou-a, até que só conseguiram pensar em como era maravilhoso voltarem a estar juntos.

– Toda a vida, Nora. E nem assim haverá tempo suficiente.

Epílogo

Nora saiu para o alpendre da cabana. Respirou fundo, relaxada, e desfrutou do aroma fresco da terra. Não havia nada igual à primavera em Mustang Valley.

Bom, possivelmente algumas coisas. Olhou para os anéis de

platina que usava: um solitário de noivado e a aliança a combinar. Tinham passado sete meses desde o seu regresso ao Texas e dois desde que se tornara a senhora Brandon Randell, numa cerimónia celebrada numa igreja pequena a alguns quilómetros do vale. Cade e Abby tinham organizado o copo-d'água no rancho, com a família e os amigos.

A lua-de-mel tinha sido a única coisa em que tinham tido de transigir. Tinham tirado um fim de

semana prolongado, querendo permanecer perto de casa. Millie tinha-se oferecido para ficar com Zach e Brandon e ela tinham dito que, desde que estivessem juntos, seria uma lua-de-mel perfeita.

Durante a noite de núpcias na cabana isolada onde já tinham estado antes, Brandon tinha-lhe mostrado como a amava. Também tinham partilhado muito do seu passado, tal como planos para o futuro juntos e tinha ficado claro que ambos desejavam ter filhos.

Não tinha voltado a trabalhar no hospital. Em troca, decidira desempenhar tarefas de voluntariado no refúgio Hidden Haven House. Queria ajudar outras mulheres que tinham sofrido abusos a encontrar a liberdade e a independência. Também a ajudava a ela. Aderira a uma sessão de grupo para continuar a sua própria terapia. Pela primeira vez em anos, era mais forte, mais feliz.

Ouviu vozes. Olhou em direção à colina e sorriu ao ver os cavaleiros.

Brandon montado sobre Shadow e Zach, um pouco atrás, sobre Suzy Q.

Sentiu um nó na garganta ao ver o seu filho feliz e seguro sobre o cavalo. Nos últimos meses, tinha crescido alguns centímetros e aumentado de peso. E o mais importante era que a diabetes estava controlada.

Brandon olhou para ela e sorriu. Um ano antes, jamais teria sonhado que aquela seria a sua vida. Tinha uma esposa e um filho. Inclusive, todos se tinham mudado para o

rancho para iniciarem uma nova vida juntos como uma família. Não tinha necessitado de muito tempo para compreender que era o seu lugar. Ainda trabalhava como detetive no gabinete do xerife, mas também tinha decidido regressar à universidade para terminar o curso de Direito. Queria ajudar mulheres vítimas de abusos. Aquelas mulheres necessitavam de uma voz e de mais direitos que as protegessem de homens como Jimmy Archer.

Não poderia ter evitado o que acontecera à sua mãe ou a Nora, mas, possivelmente, poderia ajudar outras mulheres.

Um dia, talvez pudesse tornar-se promotor público.

Olhou para a sua esposa. Nora era mais forte naquele momento, mas também sabia que ainda havia momentos maus quando as lembranças regressavam. Então, assegurava-se de estar ali para ela, como o seu pai estivera para a sua mãe. Isso significava ser uma

família. Ainda lhe custava acreditar que Nora e Zach eram a sua família e velaria sempre por eles.

Virou-se para o seu filho.

– Zach, é melhor que vás lá dentro buscar a mochila. O tio Chance não demorará a chegar – tinham planeado trabalhar com Hawk's Flame e o potro estava nos estábulos de Chance.

O menino desceu do cavalo, deu um beijo à sua mãe e correu para o interior da casa.

Brandon colocou-se atrás dela e

*rodeo*u-lhe a cintura com os braços.

– Criaste um menino magnífico.

Ela pigarreou.

– Às vezes, acho que ele é que é o progenitor.

– Será sempre protetor contigo, mas está na hora de que volte a ser uma criança e todos nós nos certificaremos de que seja assim.

A família de Brandon encarregava-se de que Zach experimentasse a verdadeira vida de um rancho. Todos tinham recebido formação sobre a diabetes.

– Já está a acontecer... Vejo-o a melhorar de dia para dia – virou-se nos seus braços. – Tu tiveste muito a ver com isso, Brandon. És um bom pai.

Ele sorriu.

– É fácil. A única coisa que faço é amá-lo –beijou-a. – E também amo a sua mãe.

A porta da cabana abriu-se e Zach saiu com pressa. Beijou-os aos dois.

– Adeus, mamã, papá – disse, enquanto subia os degraus que levavam à zona do estacionamento

situada a cinquenta metros, onde Chance já esperava junto da sua carrinha.

Ele cumprimentou-os e colocou as mãos à volta da boca.

– Apareçam amanhã à tarde e mostrar-vos-emos os progressos de Flame.

– Obrigado, talvez o façamos – respondeu Brandon.

Com uma última saudação com a mão, Zach e Chance entraram no veículo e partiram.

Brandon levou os cavalos para o

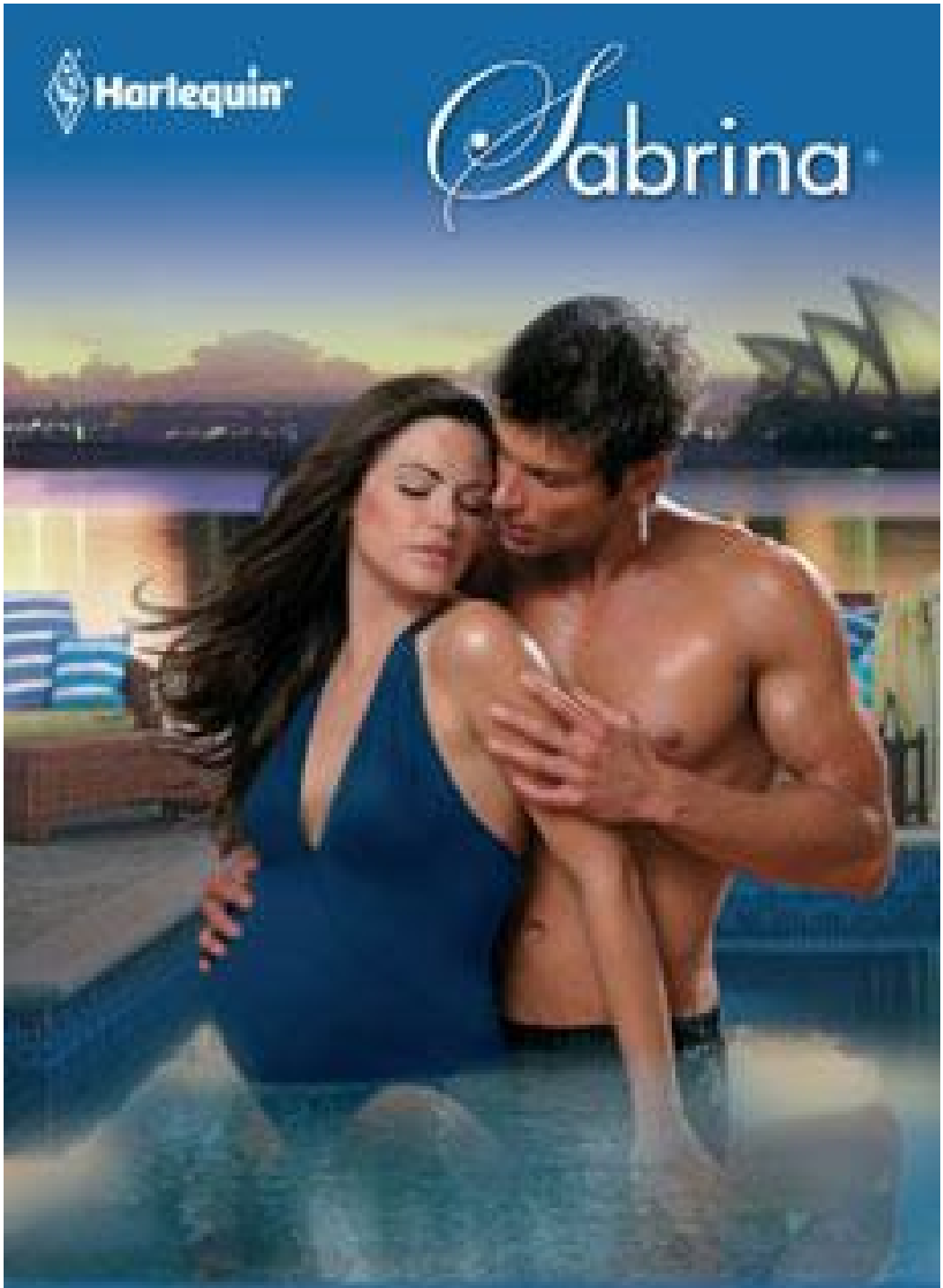
estábulo próximo da cabana. Certificou-se de que houvesse água suficiente no bebedouro e deu-lhes um pouco de feno antes de regressar, antecipando uma tarde apaixonada com a sua esposa.

Se gostou deste livro, também gostará desta apaixonante história que cativa desde a primeira até à última página.

Clique **aqui** e descubra um novo romance.

Harlequin

Sabrina



Vidas entrelaçadas

TRISH MOREY

www.harlequinportugal.com